

Pastoral Catequética

revista de catequese e educação

2

Iniciação Cristã

A Iniciação Cristã como modelo de pastoral [7-8]

JOÃO PAULO II

EMRC, contributo para um novo humanismo [9-10]

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Conceito de Iniciação Cristã [13-31]

MILTON LOPES D'ENCARNAÇÃO

Iniciação Cristã e transmissão da Fé [33-59]

MANUEL DEL CAMPO GUILARTE

Eucaristia e Iniciação Cristã [61-78]

JOÃO DE OLIVEIRA RIBEIRO

A Iniciação Cristã nos Catecismos [79-90]

ANTÓNIO MOITEIRO RAMOS

Maturidade psicológica e fé [91-119]

CRISTINA DE SÁ CARVALHO

Edição e Propriedade

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Contribuinte: 501104038

Campo Mártires da Pátria, 40 – 1150-225 LISBOA

Telef.: 21 885 12 85 Fax: 21 885 13 55

E.Mail: educacao-crista@sapo.pt

Director

Augusto Manuel Arruda Cabral

Conselho de Redacção

Manuel Pelino, José Alves, António Marto, Jacinto Botelho

M^a Helena Pereira, Cristina Carvalho, Paulo Morgado, Albertino Silva, José Almeida

Sede da Redacção

Campo Mártires da Pátria, 40 – 1150-225 LISBOA

Paginação e Montagem

Ângela Baptista

Tiragem

2000 exemplares

Condições de assinatura

Número Avulso: 5 Euros

Assinatura Anual (3 números): 15 Euros

Nº de Registo

124627

Impressão

GRÁFICA ALMONDINA

Zona Industrial

2354-909 Torres Novas

Depósito legal

221 724/05

Esta revista encontra-se à venda em Livrarias Religiosas.

Editorial

P. AUGUSTO CABRAL (*)

O segundo número de “Pastoral Catequética”, de acordo com os objectivos da própria revista, vem aprofundar um dos maiores temas da catequética actual e que comporta, ao mesmo tempo, uma análise e questionamento pastorais: a “iniciação cristã”.

Em especial, pretende-se, com este número, oferecer um apoio aos projectos diocesanos de iniciação cristã que, sob a autoridade do seu Bispo, constituem certamente uma das “pedras angulares” da vida e missão da Igreja. Aliás, a própria iniciação cristã está em relação com a urgência evangelizadora que o saudoso Papa João Paulo II reclamava insistentemente. Neste sentido, apresentamos, “in memoriam” um trecho de uma comunicação aos bispos italianos, os quais definiram a iniciação como prioridade pastoral para os primeiros dez anos do novo milénio.

A Nota Pastoral da Comissão Episcopal da Educação Cristã, a propósito das matrículas nas escolas, encontra um ponto de contacto entre a iniciação cristã e a educação com valores precisamente na procura de “uma vida com qualidade,... com esperança”. Certamente que este filão precisa de ser mais desenvolvido, mas fica dado o tom.

Iniciamos a secção de estudos com uma investigação de Milton d’Encarnação, sobre o conceito de iniciação cristã, a nível etimológico, evolução histórica e implicações pastorais actuais.

Manuel del Campo traz-nos uma exposição que conjuga a transmissão da fé e a iniciação cristã, duas realidades básicas na missão da Igreja, intimamente relacionadas entre si e que se reclamam mutuamente, pois constituem os fundamentos necessários sobre os quais se há-de estabelecer a acção evangelizadora da Igreja. Trata-se

* Director do SNEC.

de uma perspectiva teológico-catequética, um aprofundamento necessário para uma compreensão completa da temática referida.

No ano da Eucaristia, impunha-se uma ligação a esse mistério inefável. João Ribeiro desenvolve o elo entre catequese e Eucaristia, chamando-lhe “coração da iniciação cristã”. Na verdade, a iniciação cristã tem a sua origem em Deus e supõe a livre adesão da pessoa que se converte. Por isso a catequese está ao serviço da inserção da pessoa no mistério de Cristo e da Igreja, nunca se podendo reduzir a um processo de ensino e de mera formação, antes implica a totalidade da pessoa e as várias dimensões da fé.

A partir do programa de catequese da Infância e Adolescência, António Moiteiro desenvolve as exigências de ser adulto na fé, num novo modelo de crente, tendo em conta o actual diálogo intercultural e inter-religioso.

“Maturidade psicológica e Fé” é o tema desenvolvido por Cristina Sá Carvalho, no qual, partindo de diversos conceitos de maturidade humana, aprofunda o desenvolvimento da religiosidade no ciclo da vida como um processo de crescimento, caracterizado por uma profunda capacidade comunitária, própria de um indivíduo responsável, que vive e partilha a sua fé como uma experiência enriquecedora de solidariedade e de comunhão.

Queremos, ainda, com este número, prestar uma sentida e sincera homenagem ao Papa João Paulo II, reconhecendo a imensa obra a favor da catequese, em contexto de nova evangelização. Evocamos nomeadamente a exortação pós-sinodal “Catequesi tradendae”, a qual, passados vinte e cinco anos, se reveste de uma actualidade inesgotável, um marco para a catequese do terceiro milénio.

Aproveitamos ainda a oportunidade para saudar o nosso novo Pastor universal, o Papa Bento XVI, arauto da verdadeira fé e o primeiro catequista desta “vinha do Senhor”.

Saibamos todos, especialmente catequistas, educadores e pastores, aproveitar todos estes recursos, para melhor podermos projectar a acção, tendo em conta os desafios que esta nossa sociedade, em rápida mudança, coloca à Igreja de hoje.

A Iniciação Cristã como modelo de pastoral

JOÃO PAULO II (*)

Caríssimos Irmãos no Episcopado

1. *“Graça e paz vos sejam dadas da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo” (Ef 1, 2)*. Sinto-me feliz por vos saudar com estas palavras do Apóstolo Paulo. Saúdo o vosso Presidente, Cardeal Camillo Ruini, e agradeço-lhe as palavras que me dirigiu em nome de todos vós. Saúdo os outros Cardeais italianos, os Vice-Presidentes da vossa Conferência e o Secretário-Geral. Saúdo com afecto fraterno cada um de vós e desejo testemunhar-vos a proximidade na oração, o apreço e a solidariedade com que acompanho a vossa obra de Pastores da amada Nação italiana.

2. Escolhestes como tema central desta vossa 51^a Assembleia Geral *a iniciação cristã*: escolha oportuna como nunca, porque a formação do cristão e a transmissão da fé às novas gerações têm uma importância decisiva, tornada ainda maior pelo actual contexto social e cultural, em que muitos factores concorrem para tornar mais difícil, e por assim dizer, “contra a corrente”, o compromisso de nos tornarmos autênticos discípulos do Senhor, enquanto a velocidade e a profundidade das mudanças fazem aumentar a distância e, por vezes, quase a incomunicabilidade entre as gerações. Portanto, é justo, como afirmastes nas Orientações pastorais para o presente decénio, assumir como critério de renovação “a opção de configurar a pastoral segundo o modelo da iniciação cristã” (*Comunicar o Evangelho num mundo em mudança*, n. 59).

3. Numa situação que exige um grande compromisso de nova evangelização, os próprios itinerários de iniciação cristã devem

* Comunicação à Conferência Episcopal Italiana em 2003.

conceder *um grande espaço ao anúncio da fé* e propor as suas motivações fundamentais, de maneira proporcionada à idade e à preparação das pessoas. Depois, é muito importante começar bastante cedo a *educação cristã das crianças*, para que ela seja vitalmente assimilada desde os primeiros anos: devemos fazer com que as famílias estejam conscientes desta sua nobilíssima missão e ajudem a cumpri-la, também, integrando as suas eventuais carências. De facto, nenhuma criança baptizada deve ser privada do alimento que faz crescer o germe nela inserido pelo Baptismo.

Por seu lado, os sacerdotes, os catequistas e os formadores estão chamados a cultivar o diálogo pessoal com as crianças, os adolescentes e os jovens, sem esconder a grandeza da chamada de Deus e o compromisso exigente da resposta, e fazendo-lhes sentir, ao mesmo tempo, a proximidade misericordiosa do Senhor Jesus e a solicitude materna da Igreja. (...)

A Virgem Maria (...) interceda para que em todo o Povo de Deus se fortaleça a fé, cresçam a comunhão e a coragem da missão.

Concedo-vos a todos e a cada um a minha Bênção!

EMRC

Contributo para um novo humanismo

NOTA PASTORAL DA COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ (*)

Na altura das matrículas queremos chamar a atenção dos pais ou encarregados de educação e dos jovens para o lugar importante da Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) na formação global dos alunos das nossas escolas. Esta disciplina cuida do desenvolvimento harmonioso de todas as dimensões da pessoa humana, dirigindo-se não só às faculdades intelectuais mas, também, à capacidade social, moral e espiritual. Educa para os valores, ajuda a encontrar um projecto de vida, contribui para definir um sentido para a existência pessoal, promove a relação comunitária.

Responde, portanto, a muitos problemas e preocupações que, actualmente, se colocam na educação. De facto, conhecemos hoje um grande desenvolvimento técnico, uma oferta abundante de bens de consumo, uma dispersão de propostas lúdicas mas, paralelamente, verificamos um certo vazio interior, o crescimento do individualismo, o desinteresse pelo bem comum. Aumentou a qualidade de vida material mas falta frequentemente uma vida com qualidade, ou seja, com sentido e projecto, com valores, com esperança. Para tornar felizes os nossos jovens não bastam os bens materiais e os conhecimentos. São indispensáveis, também, a cultura, a ética, a sã convivência, a esperança e o amor.

Este é o contributo da EMRC.

Certamente que os pais e educadores estão interessados em transmitir aos filhos e educandos tudo o que pode enriquecer a vida deles. Nesse sentido, o património moral e espiritual do cristianismo é um alicerce seguro de humanismo, de fraternidade, de sentido da existência, de dignidade da pessoa humana e de responsabilidade.

* Manuel Pelino, José Sanches Alves, Jacinto Botelho e António Marto.

A situação cultural da Europa, neste início do novo milénio, torna necessária e preciosa esta fonte de cultura e de moral. Procurem os pais e educadores matricular os filhos nesta disciplina. Aos pais pertence decidir a orientação moral da educação dos filhos. É uma riqueza que lhes podem dar.

Formação

Conceito de Iniciação Cristã

P. MILTON LOPES D'ENCARNAÇÃO (*)

CONCEITO DE INICIAÇÃO CRISTÃ

1. INICIAÇÃO

Iniciação de (*initiare; initium*) designava, primitivamente e essencialmente, o conjunto das cerimónias pelas quais se era admitido ao conhecimento de certos mistérios; é um “*processo destinado a realizar psicologicamente a passagem de um estado supostamente inferior do ser a um estado supostamente superior*”¹.

1.1. Este termo iniciação usa-se, actualmente, para designar o acesso a uma actividade da vida quotidiana: iniciar-se à informática, iniciar-se às artes marciais... no mesmo sentido em que *se falava* de iniciação a uma profissão, em que os aprendizes tinham acesso aos segredos dos mestres (alquimistas, pedreiros, ferreiros, pintores, etc.)².

1.2 . Num sentido mais específico, reservado, primitivamente, ao conjunto de cerimónias pelas quais se era admitido ao conhecimento³ de certos mistérios, este termo é usado pelos etnólogos, segundo os quais foi possível descobrir três tipos de *iniciação*:

* Licenciado em Filosofia, Mestrado em Pedagogia, Diploma Superior em Ciências Sociais e Doutoramento em Filosofia na área de Socio-pedagogia; Licenciatura em Teologia na área de Bíblico-sistemática, Mestrado em Teologia Sacramental e Liturgia, Diploma Superior em Pastoral e Doutoramento em Teologia na área de Antropologia Religiosa. Conferência proferida no 43º Encontro Nacional de Responsáveis de Catequese.

¹ S. HUTIN, in BASTIDE Roger, *art. Initiation*, Encyclopaedia Universalis.

² O que significa uma aquisição de conhecimentos e saberes, e, por essa via, de estatuto.

³ Conhecimento, no sentido prevalente de experiência.

As *iniciações tribais* – que são rituais profanos⁴ que existem, ainda, em sociedades ágrafas actuais, iniciações de rapazes e/ou de raparigas, que começam após o nascimento (ao receber o nome⁵) e que têm momentos importantes a marcar, após a infância, a puberdade e a adolescência⁶, a maturidade e o casamento e, após outros rituais, a morte⁷. São *ritos de passagem*⁸ que comportam, sempre, um tempo de separação⁹, um tempo de margem¹⁰, e um tempo de agregação¹¹.

As *iniciações religiosas* – que são rituais pelos quais se tem acesso a certos grupos ou confrarias fechadas¹², ou a uma religião mística, como foi o caso, na antiguidade, das iniciações aos mistérios de Osíris¹³ (Egipto), de Mitra¹⁴ (Pérsia), da Deusa-mãe ou Deméter ou Cibele¹⁵ (Anatólia) ou de Eleusis¹⁶ (Atenas).

As *iniciações mágicas* – que são rituais pelos quais se abandonava uma condição humana normal para se ter acesso a poderes especiais de ordem sobrenatural¹⁷.

⁴ Se bem que revelem, sempre, um fundo de relação religiosa.

⁵ O que significa a passagem do estado de natureza ao estado de cultura.

⁶ Os ritos da puberdade e adolescência são dos mais significantes em termos de iniciação.

⁷ Cf. Titiev Mischa, *Introdução à Antropologia Cultural*, Lisboa, Gulbenkian, 1994, p.312/313.

⁸ Como o demonstra, magistralmente, Van GENNEP Arnold, *Les Rites de Passage*, Paris, Picard, 1981, a iniciação é um conjunto organizado que vai dos ritos do nascimento até aos ritos da morte. Por isso, as cerimónias da iniciação não se podem compreender se se não situarem na totalidade.

⁹ Separação – *condição prévia a toda a mudança de estatuto*.

¹⁰ Margem – *o tempo de experiência em que o iniciando se inicia às realidades próprias do estatuto que vai assumir. É tempo em que os iniciandos cortam as pontes com o estatuto anterior para construir novas pontes para o novo estatuto*.

¹¹ Integração – *a condição que podemos identificar como o tempo do homem novo que (re)nasce socialmente*.

¹² Cf. Art. *Initiation*, in Encyclopaedia Universalis.

¹³ Cf. Burckert Walter, *Antichi Culti Misterici*, Roma, Laterza, 1989, p.11.

¹⁴ Cf. O. C., p.12.

¹⁵ Cf. O. C., p. 10.


¹⁶ Cf. O. C., p. 9.

¹⁷ Cf. Art. *Initiation*, in Encyclopaedia Universalis.

2. INICIAÇÃO CRISTÃ – E SUA HISTÓRIA

A expressão iniciação cristã¹⁸ começou a ser usada para designar o conjunto dos três sacramentos a que chamamos, hoje, batismo, confirmação e eucaristia cuja configuração essencial aparece no modelo do catecumenato e que devemos ler na unidade do mistério de Cristo, antes de os lermos na diversidade de cada um¹⁹.

Etapas do catecumenato / Tempos e Graus (20):

	TEMPOS	GRAUS	
1º	Evangelização pré-catecumenal ²¹		
2º	Catecumenato ²² (entrada em)	Catecúmenos: Cristãos ²³	I
3º	Purificação e Iluminação ²⁴	Eleitos ²⁵	II
4º	Sacramentos de iniciação ²⁶	Fiéis ²⁷	III
5º	Mistagogia ²⁸		

¹⁸ Que se inscreve na categoria das iniciações religiosas, salvaguardada, bem entendido, a sua originalidade específica.

¹⁹ Cf. Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos, v/s Ritual de Batismo das Crianças, Ritual da Confirmação.

²⁰ Cf. *Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos*; Cf. Esquema do processo catecumenal, in Gelineau et all. *Dans vos Assemblées*, Paris, Desclée, 1989, pág. 340.

²¹ Evangelização pré-catecumenal – que precede a entrada em catecumenato e é obra da comunidade crente. *Iniciação cristã dos adultos e conversão estão ligados desde sempre* –Cf. *Sacrossanctum Concilium* 9; Ad. G. 13;

²² *Catecumenato* – Desde a inscrição em catecumenato até à recepção dos três sacramentos da iniciação cristã que dura, normalmente, até três anos –Cf. *Sacrossanctum Concilium* 65; Ad. 14.

²³ *O catecúmeno é marcado com o sinal da cruz, torna-se cristão e ... ouvinte da Liturgia da Palavra.*

²⁴ Purificação e iluminação – que é a entrada em período de preparação penitencial no início do que veio a ser a Quaresma.

²⁵ *Entrando no período de preparação penitencial, o catecúmeno torna-se eleito.*

²⁶ *Celebração dos três sacramentos da iniciação cristã na vigília pascal.*

²⁷ *Recebendo os sacramentos da iniciação, o catecúmeno torna-se fiel.*

²⁸ *Reflexão sobre a vida cristã alimentada pelos sacramentos que testemunha a semana “in albis” introduzida no séc. IV.*

2.1. Iniciação cristã, até ao séc. VI

2.1.1- Iniciação é um conceito que está documentado, desde o séc. II e III, na história cristã, nos escritos dos padres da igreja²⁹ e, nomeadamente, dos apologistas cristãos Justino³⁰ e Tertuliano³¹ que, nos seus discursos, denunciam o confronto com interlocutores pagãos³².

Como “*processo destinado a realizar, psicologicamente a passagem de um estado reputado inferior do ser a um estado reputado superior*”³³, aplica-se ao conhecimento de Deus em geral e à experiência dos mistérios (isto é, dos sacramentos), em particular. No vocabulário cristão, a iniciação³⁴ designa o carácter progressivo que se manifesta no diálogo salvífico estabelecido entre Deus e o seu povo e o encadeamento dos três sacramentos chamados de iniciação

²⁹ Padres da Igreja: Após o ministério de Jesus (27/30), distinguimos a comunidade primitiva de Jerusalém. (30/43), a época apostólica (43/65), a época dos evangelistas e pastores (65/95), a época dos padres apostólicos (95/150), a época dos padres (séc. II e III), a igreja constantiniana (sec. IV...) a que se seguiu a Igreja da Alta Idade Média... sendo certo que se costumam designar por padres da Igreja, os escritores sagrados que reúnem as seguintes condições: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica, e antiguidade. –Cf. Quasten, *Patrologia*, I, Madrid, BAC, 1968, 13. OBS. No Evangelho o termo *mistério* aparece, apenas, em Mc 4, 11, a propósito das parábolas; em S. Paulo, aparece 21 vezes. Ao longo dos quatro primeiros séculos, está quase omnipresente entre os padres gregos e, sobretudo a partir do séc. IV e V, designa o conjunto da iniciação cristã; entre os padres latinos, a começar pelos de África, usa-se o termo *sacramentum* (que nasceu como expressão do juramento prestado pelos legionários romanos ao seu oficial) –Cf. Cordonnier, *Initiation Chrétienne*, in Commission Episcopale de Liturgie, Pastorale Sacramentelle, Paris, Cerf, 1996, p.145/148.

³⁰ Justino, Primeira Apologia, 54,6.

³¹ Tertuliano, *De Praescriptione Haereticorum*, 40,1–4.

³² Cf. De Clerck Paul, *Initiation Chrétienne entre 1970 et 1977*, La Maison Dieu, 1977, n° 132, p. 34/ss.

³³ Cf. art. *Initiation*, Encyclopaedia Universalis –Cf. Justino, Primeira Apologia, 54,6; –Cf. Tertuliano, *De Praescriptione Haereticorum*, 40,1–4.

³⁴ O termo iniciação aparece como portador de certa analogia com as religiões pagãs, por ex., a iniciação aos mistérios de Eleusis. P.–M. Gy analisa a analogia com os mistérios pagãos para concluir: Influências no vocabulário, sim; influências quanto aos ritos, talvez; influências directas, não, e cita, em apoio, M. Ille Mohrman. –Cf. Lopes d’Encarnação Milton, *Curso de Teologia Sacramental – Esquemas Académicos*, Viseu, Rep. Coração de Jesus, 2000, p. 76. Nos textos patrísticos do séc. II e III, constata-se mesmo uma atitude de oposição a todos os contactos directos com as religiões pagãs. –Cf. Justino, *Primeira Apologia*, 54,6; –Cf. Tertuliano, *De Praescriptione Haereticorum*, 40,1–4.

cristã que são o baptismo, a confirmação e a eucaristia na sua estrutural unidade.

No fim do séc. II, Tertuliano descreve-os assim: “*O corpo é lavado para que o espírito seja purificado; o corpo é ungido para que o espírito seja consagrado; o sinal da cruz marca o corpo para que o espírito seja fortificado. A imposição da mão faz sombra sobre o corpo para que o espírito seja iluminado pelo Espírito Santo. O corpo é alimentado pelo corpo e sangue de Cristo para que o espírito seja nutrido de Deus*”³⁵.

2.1.2- Iniciação cristã é uma prática profundamente documentada nos séc. IV e V ³⁶ com as grandes catequeses: de João Crisóstomo³⁷, de Cirilo de Jerusalém³⁸, de Ambrósio de Milão³⁹, de Agostinho de Hipona⁴⁰ e Teodoro de Mopsueste⁴¹.

Na Antiguidade, os três sacramentos eram dados sem intervalo, na mesma celebração litúrgica⁴², presidida pelo chefe da comunidade (bispo) de tal modo que era mais posta em destaque a unidade da iniciação que a distinção entre os diferentes ritos sacramentais. Porém, a partir do séc. IV⁴³, “*quando o número de cristãos cresceu a ponto*

³³ Cf. art. Initiation, Encyclopaedia Universalis –Cf. Justino, Primeira Apologia, 54,6; –Cf. Tertuliano, *De Praescriptione Haraeticorum*, 40,1–4.

³⁴ O termo iniciação aparece como portador de certa analogia com as religiões pagãs, por ex., a iniciação aos mistérios de Eleusis. P.–M. Gy¹ analisa a analogia com os mistérios pagãos para concluir: Influencias no vocabulário, sim; influências quanto aos ritos, talvez; influências directas, não, e cita, em apoio, M.Ile Mohrman. –Cf. Lopes d'Encarnação Milton, Curso de Teologia Sacramental – Esquemas Académicos, Viseu, Rep. Coração de Jesus, 2000, p. 76. Nos textos patrísticos do séc. II e III constata-se mesmo uma atitude de oposição a todos os contactos directos com as religiões pagãs. –Cf. Justino, Primeira Apologia, 54,6; –Cf. Tertuliano, *De Praescriptione Haraeticorum*, 40,1–4.

³⁵ Tertuliano, *De Ressurrectione*, citado por Béraudy, *L'Initiation Chrétienne, in Martimort et al., L'Eglise en Prière, Paris, Desclée (nouvelle édition), 1983/84, pág. 529.*

³⁶ A partir do momento em que o catecumenato é organizado e os catecúmenos são separados dos fieis pela disciplina do arcano, como refere P.–M. Gy, *Notion d'Initiation Chrétienne, La Maisn Dieu, 1977, n° 132, p.35/36.*

³⁷ As (oito) Catequeses Baptismais. S. João Crisóstomo é, evidentemente, a testemunha privilegiada para o uso do vocabulário relativo à iniciação cristã.

³⁸ As catequeses Baptismais e, nomeadamente, as Catequeses Mistagógicas.

³⁹ De Sacramentis e De Mysteriis.

⁴⁰ Sermões.

⁴¹ Homilias Catequéticas.

⁴² Que ocorria, normalmente na solene vigília pascal.

⁴³ Cf. Concílio de Elvira, cân. 77 (ano 305).

de não mais ser possível reuni-los a todos numa comunidade local, Oriente e Ocidente tomaram opções diferentes: o Oriente, para salvar a unidade dos três sacramentos fez do presbítero o ministro ordinário⁴⁴, enquanto o Ocidente preferiu manter o laço da iniciação com o bispo⁴⁵ apenas para a confirmação, o que levou à dissociação entre o baptismo e a confirmação⁴⁶, o que se generalizou, em Roma, a partir do séc. IX⁴⁷, e, depois, à dissociação entre o baptismo e a comunhão eucarística, o que se terá verificado, em Roma, a partir do séc. XII⁴⁸.

2.2. Iniciação cristã desde o séc. VI

Relativamente ao ocidente cristão, a *iniciação cristã*, sofreu, desde a Idade Média⁴⁹, significativa alteração, quer na prática, quer no vocabulário.

2.2.1- A prática modificou-se.

Até ao séc. VI, a linha de flutuação tinha sido constituída pela admissão de adultos⁵⁰. Desde o séc. VI, a linha de flutuação⁵¹ passa a ser o universo das crianças⁵², como se fossem iniciadas em família,

⁴⁴ Cf. *Constituições Apostólicas*, VII, 22.

⁴⁵ Cf. Carta de Inocêncio III a Decentius, bispo de Gubbio.

⁴⁶ De Clerck Paul, *Initiation Chrétienne*, in Commission Episcopale de Liturgie, Pastorale Sacramentelle, Paris, Cerf, 1996, p.120/121.

⁴⁷ Cf. Martimort Aimé, *Eglise en Prière*, Tournai, Desclée & Co, 1965, p. 573.

⁴⁸ P.-M. Gy demonstra em *La Communion Baptismale des Petits Enfants dans l'Eglise Latine*, citado por De Clerck Paul, *Initiation Chrétienne*, La Maison Dieu, 1977, n° 132, p.89, que « até ao séc. XII, no Ocidente, a Comunhão era dada às crianças no Baptismo ».

⁴⁹ De facto, a partir da Alta Idade Média.

⁵⁰ Entenda-se: de adultos com toda a sua família; as crianças nunca foram excluídas.

⁵¹ Nota:No ocidente, não já para a iniciação cristã... mas para o baptismo...

⁵² A partir de 553 (concílio de Constantinopla II), a disciplina pré-baptismal deixa de ser organizada em função dos Adultos.Desde o séc. VI, em Roma, os candidatos ao Baptismo são, normalmente, crianças. “Às crianças, a Mãe Igreja empresta os pés dos outros para que elas venham; o coração dos outros para que elas creiam; a língua dos outros para que elas afirmem a sua fé”. O ritual foi-se adaptando ao papel passivo do sujeito do Baptismo. As interrogações sobre a Fé (aos padrinhos que fazem a vez das crianças) antecedem o Baptismo da água e, no acto baptismal, foi incluída uma fórmula pronunciada pelo ministro: *Eu te baptizo...* –Obs. No período anterior, a palavra da Fé era a profissão de Fé do Neófito, perante o Ministro que baptizava, no acto de baptizar: *crês?... e era emergido...*) Seguiram-se diversas modificações. –Lopes

com ritual de adultos⁵³, e isto até Vaticano II⁵⁴. A partir do séc. IX, a confirmação foi, muitas vezes, separada do baptismo e começou a organizar-se um enquadramento litúrgico apropriado⁵⁵.

Em meados do séc. XII, quando se definiu o septenário, há os sete sacramentos...; há o baptismo, a confirmação, a eucaristia; não há a iniciação cristã...⁵⁶

2.2.2- Perdeu-se a prática da iniciação cristã; com a perda da prática, o conceito perdeu significado; com a perda do significado, perdeu-se o termo iniciação.

2.3. Iniciação cristã, na história recente

Após o silêncio da Idade Média que ignorou, quase completamente⁵⁷, a noção de iniciação, o termo aparece referido ao baptismo

d'Encarnação Milton, *Curso de Teologia Sacramental*, Esquemas Académicos, Viseu, Rep. Coração de Jesus, 2000.

⁵³ Embora se continuasse a utilizar um ritual que, embora simplificado foi um ritual de adulto até 1969 (Ritual de Paulo VI) –NOTA: Houve, é certo, no séc. XVII (1664), a iniciativa do card. Santório.... mas sem resultado efectivo.

⁵⁴ Ritual de Paulo VI.

⁵⁵ No Médio Oriente continuou a administrar-se o Baptismo e a confirmação ao mesmo tempo qualquer que fosse a idade dos candidatos. Os padres receberam autorização de dar a confirmação, com o *myros* consagrado pelo Bispo.

Na Igreja latina, o rito da confirmação foi reservado ao Bispo. Como os Bispos não podiam estar presentes em todas as paróquias, a confirmação, separada do baptismo, foi progressivamente retardada.

Depois do IV Concílio de Latrão(1225), começou o uso de confirmar as crianças aos 4 ou 7 anos.

No séc. XVIII e XIX, ampliou-se a tendência e, nalguns países, fixou-se na idade dos 12 anos (França, Bélgica, Áustria – Hungria).

O Concílio de Trento fixara para a confirmação a "*idade da razão*"; o Código de Direito Canónico 1917 (cân. 788) fala da idade de 7 anos.

O Código de 1983 deixa fixar a idade às Conferências.

A Conferência Episcopal Portuguesa fixa a idade dos 14 anos.

⁵⁶ Até ao séc. V, era a iniciação cristã que era objecto quer da catequese quer da prática litúrgica; não era, na sua identidade específica, o baptismo ou a confirmação.

Santo Ambrósio seria incapaz de nos dizer quantos eram os sacramentos; S. Pedro, Papa, teria sido incapaz de distinguir o baptismo da confirmação...

Nota: O nome de *confirmação* surgiu, apenas, no séc. V (ano 441), no Concílio de Orange.– Cf. LMD, nº 54, p.16/18.

⁵⁷ Cf. Gy P.-M., *Notion d'Initiation Chrétienne*, La Maison Dieu, 1977, nº132, p. 43.

em tempos da Renascença⁵⁸, e divulga-se, no séc. XVIII, como noção cultural⁵⁹.

No séc. XIX, reaparece na linguagem religiosa romântica⁶⁰ e na linguagem de crítica religiosa⁶¹ até que foi recuperado, em terreno cristão, ainda no fim do séc. XIX, por Duchesne⁶² que o introduziu no movimento litúrgico⁶³.

No pré e após guerra (1939/45), o conceito de iniciação cristã teve o seu tempo áureo⁶⁴ e, em Vaticano II ⁶⁵, a sua consagração.

3. INICIAÇÃO CRISTÃ – ENTRADA NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO. ORIGINALIDADE DO CONCEITO.

Em Vaticano II, o conceito de iniciação teve a sua consagração.

3.1. Qual é o sentido desta expressão em Vaticano II?

“A iniciação dos cristãos não é senão a primeira participação sacramental na morte e ressurreição de Cristo”⁶⁶.

⁵⁸ Nas versões latinas do Pseudo Dionísio, em Lutero, em Card. Santoro, *Rituale Sacramentorum Romanum...* – Cf. Gy P.–M., O.C., p. 45/46.

⁵⁹ Nomeadamente em meio racionalista, usado, por exemplo, por Voltaire, *Dictionnaire Philosophique*, –Cf. Gy P.–M., O.C., p. 46/47.

⁶⁰ Cf. Gy P.–M., O.C., p. 47.

⁶¹ Assinale-se Renan, *Vida de Jesus e, sobretudo, Origens do Cristianismo*, onde ele sugere uma relação entre iniciação cristã e os cultos místéricos–Gy P.–M., O.C., p.43.

⁶² Duchesne, *Origens do Culto Cristão. Em as Origens do Culto Cristão*, – fruto do ensino do autor sobre história da Igreja e história da Liturgia no I.C. P., entre 1878 e 1883 – *opõe-se a Renan e define iniciação cristã deste modo: “tal como a definem os documentos desde o fim do séc. II, compreende três ritos essenciais: o baptismo, a confirmação e a 1ª comunhão”.* – Cf. Duchesne, início do capítulo sobre a iniciação Cristã, in Gy P.M., O.C., p. 48.

⁶³ Movimento litúrgico – iniciado por Prosper Guéranger que, em 1833, tinha restaurado Solesmes – e que, de Solesmes partiu Para Beuron e, daí, para Maria Laach, e Maredsous, e, daí para St. André de Bruges e Mont César e, daí para Paris (CNPL) e que teve várias outras ramificações.

⁶⁴ Sob a influência de O. Casel, Gregory Dix, Lambert Beaudouin. Gy P.–M., O. C., p. 49.

⁶⁵ Cf. Decreto *Ad Gentes* (nº 14); *Presbyterorum Ordinis* (nº 2) que citam “os sacramentos da iniciação cristã”; a Constituição sobre a Liturgia (nº 71) que pede que “o laço íntimo deste sacramento (a confirmação) com toda a iniciação cristã seja mais claramente manifestado”; e, sobretudo, a Constituição apostólica, que abre o Ritual da Confirmação, desejando que, graças a ele, a “unidade da iniciação cristã apareça com toda a sua clareza”.

⁶⁶ Preliminares do *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos*, nº 8.

Duas precisões:

3.1.1- **Primeira precisão: a unidade da iniciação cristã.** Em vez de sublinhar a necessidade de um percurso de preparação para se ser iniciado aos sacramentos⁶⁷, esta perspectiva propõe-se assinalar, antes de mais, a unidade do três sacramentos pelos quais nos tornamos cristãos.

Nas notas preliminares do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos ⁶⁸, podemos ler: *“Segundo o uso antigo, sempre observado na própria liturgia romana, um adulto não será baptizado sem receber a confirmação imediatamente a seguir ao baptismo[...]. Este laço manifesta a unidade do mistério pascal, a relação estreita entre a missão do Filho e do Espírito Santo e a conjunção destes três sacramentos pelos quais Cristo e o Espírito se comunicam, com o Pai, aos baptizados”*⁶⁹.

Falar de iniciação cristã é, então, situar estes sacramentos numa mesma e única perspectiva, reconhecendo que se é cristão pela entrada na história da salvação, ou seja, inserindo-se no mistério pascal. O mistério pascal *consiste na morte / ressurreição de Cristo*⁷⁰ mas, também *na efusão do dom do Espírito* que irrompe no “*momento*” intemporal da ressurreição⁷¹ e, ainda, *no nascimento da Igreja*⁷². Destes três aspectos, os dois primeiros são invisíveis; o terceiro é a sua manifestação, sinal ou sacramento⁷³.

⁶⁷ Isto é, não se apresenta como sinónimo de percurso catecumenal... que, entretanto propõe e defende, como se assinala, INFRA. – Cf. Decreto Ad Gentes, 14.

⁶⁸ n.º 34.

⁶⁹ Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, n.º 34.

⁷⁰ O Cristo que estava inserido na nossa humanidade assume-nos na sua divindade – o que constitui o “*bigbang*” da nossa fé.

⁷¹ A narrativa lucaniana, por ocasião da festa judaica do Pentecostes, reforçada pelo ano litúrgico, dificulta a compreensão que habitualmente temos da efusão do Espírito, pois espaça, no tempo, o mistério que é uno e que João nos apresenta, totalmente, no dia de Páscoa: *“Como o Pai me enviou, eu vos envio. Disto isto soprou sobre eles e disse-lhes: recebei o Espírito Santo* (Jo 20,21–22).

⁷² Cf. De Clerck Paul, *Initiation Chrétienne*, In Commission Episcopale de Liturgie, Pastorale Sacramentelle, Paris, Cerf, 1996, p.122.

⁷³ E, deste modo, como veremos, INFRA (Painel s/ maturidade cristã), não se concebe iniciação cristã sem eclesialidade.

Assim sendo, tornamo-nos cristãos mergulhando, pelo baptismo, na morte / ressurreição de Cristo⁷⁴, mas, também, recebendo, pela confirmação, o dom do Espírito, e reunindo-nos, em Igreja, para nos alimentarmos da Palavra e do Corpo e Sangue de Cristo. A comunhão eucarística, testemunhando, performativamente, a inserção no Corpo de Cristo, constitui-se fundamento da comunidade cristã⁷⁵, pedra chave da iniciação cristã.

3.1.2- **Segunda precisão: a preveniência de Deus.** Enquanto as iniciações religiosas tradicionais se apoiavam no mérito do iniciando, que, de grau em grau, ia acedendo a um estatuto em que era considerado iniciado, na iniciação cristã, o relevo é colocado na iniciativa de Deus⁷⁶. Aqui se situa a originalidade da iniciação cristã mas, também, o que pode tornar-se um foco de possíveis perplexidades.

3.2. Algumas perplexidades e reflexões⁷⁷

... Entretanto, “*não nascemos cristãos; tornamo-nos cristãos*”⁷⁸.

Desde que, na Idade Média, abandonámos a prática da iniciação cristã, substituindo-lhe a alternativa espaçada do baptismo das crianças⁷⁹, seguido da admissão à eucaristia (admissão que passou por inúmeros avatares⁸⁰), e da confirmação (que teve dificuldades em encontrar a sua expressão própria), “*iniciámo-nos*” a uma problemática que, hoje, ocupa e preocupa liturgistas e educadores da fé.

⁷⁴ A morte / ressurreição de Cristo, constitui, se nos podemos exprimir assim, o “*big bang*” da nossa fé, o “*momento*” “*M*” da nossa mudança de condição. Se, até aí é Cristo que está enraizado na nossa condição humana (poderia dizer-se nós = humanidade *éramos o tronco; Jesus Cristo, os ramos*), a partir daí, com toda a performatividade, “*Ele é o tronco; nós os ramos*” (Jo 15,5).

⁷⁵ De Clerck Paul, *ibidem*, p.122.

⁷⁶ A iniciativa de Deus aparece de forma exemplar no Ritual de Baptismo das Crianças, mais ainda do que no Ritual de Iniciação de Adultos.

⁷⁷ Que afluamos, INFRA, em 3.3.

⁷⁸ Tertuliano, *De Testimonio Animae*, c. 1.

⁷⁹ Sem para ele termos, sequer, um ritual que só apareceu em 1969, com Paulo VI

⁸⁰ Cf. Quadro da iniciação cristã, in Lopes d’ Encarnação Milton, *Teologia do Baptismo*, Algumas Inferências Pastorais, Viseu, SDV, 1986.

Nos anos que se seguiram a Vaticano II e ao aparecimento do Ritual de Baptismo das Crianças⁸¹ (1969) e do Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos (1972), sucederam-se reflexões de grande interesse e densidade sobre esta problemática pastoral:

Daniel Bourreau⁸² (por uma mudança radical da pastoral do baptismo), J. Moingt⁸³ (por uma mudança exigida pela evolução sócio-cultural que deve levar a Igreja a converter-se a uma estratégia missionária⁸⁴), Ganoczy⁸⁵ (centrando o baptismo na história humana), Ph. Muraille⁸⁶ (visando a preparação do baptismo), J. Ph. Bonnard⁸⁷ (por um catecumenato dos pais), W. Kasper⁸⁸ (sobre a problemática debatida da legitimidade do pedobaptismo), W. Wolinski⁸⁹ (recolha de vários autores, *com materiais para uma prática renovada do Baptismo das crianças*) e tantos outros⁹⁰; Hans Kung⁹¹ (tentando definir o lugar da confirmação pelo seu lugar estrutural entre o baptismo e a eucaristia), L. Ligier⁹² (investigando, com erudição, a variância do ritual da confirmação), Henri Bourgeois⁹³ (por uma confirmação que é um acontecimento de Igreja), J.-P. Bouhot⁹⁴ (pondo em relevo a relação do dom do Espírito com a pertença à Igreja) e tantos outros. Finalmente, poder-se-iam citar, também, diversos estudos sobre a eucaristia mas, certamente, poucos sobre a eucaristia como sacramento da Iniciação.

⁸¹ Nalguns países, constituiu-se, ainda, o Ritual de Baptismo de Crianças em Idade Escolar.

⁸² *L'Avenir du Baptême.*

⁸³ *Le Devenir Chrétien. Initiation Chrétienne des Jeunes.*

⁸⁴ Moingt Joseph, *La Transmission de la Foi*, Paris, Bayard, 1976.

⁸⁵ *Devenir Chrétien.*

⁸⁶ *Le Baptême Aujourd'hui.*

⁸⁷ *Le Temps du baptême.*

⁸⁸ *Christsein ohne Entscheidung oder soll die Kirche Kinder taufen* = ser cristão sem compromisso ou pode a Igreja baptizar as crianças?.

⁸⁹ *Diskussion um die Taufe. Mit Arbeitshilfen für eine erneuerte Praxis der Kindertaufe* = Discussão sobre o Baptismo. Com materiais para uma prática renovada do Baptismo das crianças.

⁹⁰ Cf. De Clerck Paul, *L'Initiation Chrétienne*, L.M.D, nº132, 99/102.

⁹¹ *Die Firmung als Vollendung der Taufe* = A Confirmação como acabamento do Baptismo.

⁹² *La Confirmation.*

⁹³ *L'Avenir de la Confirmation.*

⁹⁴ *La Confirmation, sacrement de la communion ecclésiale.*

Em síntese, podemos registar a posição de teólogos e liturgistas como Hans Kung⁹⁵ que lamenta a perda da ordem inicial, ou como De Clerck que entende que é necessário “*reagir contra a separação dos três sacramentos*”⁹⁶, ou de outros como P.-M. Gy⁹⁷ que não se deixa impressionar por esse problema e entende que “*não há argumento teológico com que se possa reivindicar, após o baptismo, uma ordem, de preferência a outra*”, ou como Bourgeois que desenvolve o seu argumento sobre a confirmação como “*sacramento de e na iniciação cristã*”, aprofundando de forma muito rica o sentido eclesial da confirmação.

Pastoralistas (liturgistas e educadores da fé) buscam o melhor processo para que à iniciativa de Deus corresponda, frutuosamente, o esforço do iniciando/iniciado⁹⁸.

3.3. Iniciação cristã – uma experiência *eclesial* de salvação

Dentro da iniciação cristã, a **pastoral do baptismo** conhece uma evolução pastoral mais evidente: um pouco por todo o lado a celebração do baptismo exige uma preparação⁹⁹ e, em muitos lugares, vemos o vocabulário catecumenal a fazer a sua entrada na linguagem da pastoral baptismal. Por vezes, verifica-se mesmo, que a pastoral se antecipa à teologia.

A **pastoral da confirmação**, hesitante, a nível teológico, entre o laço tradicional com o baptismo e a sensibilidade à realidade actual,

⁹⁵ Cf. De Clerck Paul, *L'Initiation Chrétienne*, L.M.D, n°132, p. 97/98.

⁹⁶ De Clerck Paul, Commission Episcopale de Liturgie, *Pastorale Sacramentelle*, Paris, Cerf, 1996, p. 121/ss.

⁹⁷ Cours ISL, 1974.

⁹⁸ Porque, aqui, estaria uma fonte de perplexidade: à força de se insistir na iniciação cristã como acção preveniente de Deus (pois “*a iniciação dos cristãos não é senão a primeira participação sacramental na morte e ressurreição de Cristo*”), poderíamos ressuscitar as posições teológicas “*démodées*” expressas pela expressão “*ex opere operato*” relativa à eficácia sacramental, apesar da indignidade do ministro.

⁹⁹ É certo que, frequentemente, não manifesta o sentido do acolhimento; não reflecte a comunidade nem a eclesialidade; não sente a continuidade; não se vê como é que o Baptismo, porta de entrada no mistério da salvação faz parte de um *processo* de iniciação cristã e reenvia à totalidade do mistério de Cristo e da Igreja...

tende, sem dúvida, a responder às necessidades que se percebem no acesso dos jovens à fé, numa linha de expressão eclesial¹⁰⁰.

A eucaristia é, sem dúvida, pedra chave da iniciação cristã, mas a **pastoral da eucaristia**, nesta perspectiva, não tem sido objecto de reflexão teológica aprofundada e, em termos de prática pastoral, deixa-nos preocupações. “Colocam-se, e bem, – diz Paul de Clerck – as condições de acesso ao baptismo e à confirmação mas, menos, à eucaristia”¹⁰¹. Um paradoxo que se constitui em desafio.

Na **pastoral da iniciação cristã**, como unidade, faz bem sublinhar que “A Igreja insiste em que a instrução e educação religiosa de um cristão nunca está terminada. (...) A formação cristã de uma criança, como outrora a do catecúmeno adulto compreende três elementos: uma formação moral... uma formação doutrinal..., uma iniciação de ordem sacramental...”¹⁰².

Dentro desta preocupação, o Decreto *Ad Gentes* lembra o catecumenato, e, a propósito do catecumenato, que este “não é uma simples exposição de dogmas e preceitos, mas uma aprendizagem realizada durante um tempo conveniente... Os catecúmenos devem, então, ser iniciados como convém, ao mistério da salvação e à prática dos costumes evangélicos, e introduzidos por ritos sagrados a celebrar em épocas sucessivas, na vida da fé e na caridade do povo de Deus”¹⁰³.

De facto, a instituição catecumenal foi testemunho e lugar da experiência da Igreja em relação à conversão dos adultos (isto é, ao tornarmo-nos cristãos). O carácter progressivo que se manifesta no encadeamento da preparação dos sacramentos chamados de iniciação cristã fez com que os mesmos fossem precedidos, sempre, de uma

¹⁰⁰ É a linha teológico-pastoral que decorre do livro de Bouhot, *La Confirmation, Sacrement de la Communion Ecclésiale*.

¹⁰¹ Cf. De Clerck Paul, *L'Initiation Chrétienne*, L.M.D, n°132, p. 101; –De Clerck Paul, *L'Initiation Chrétienne*, In Commission Episcopale de Liturgie, Pastorale Sacramentelle, Paris, Cerf, 1996, p. 126, sobre a redescoberta da importância da eucaristia :–“*Constatamos que é um sacramento para o qual não preparamos. Sim, preparamos as crianças para a 1ª comunhão; mas trata-se do mesmo projecto (de iniciação cristã)? O grande mérito da noção de iniciação cristã é situar cada um dos três sacramentos no seu lugar, num quadro de interpretação global e, por isso mesmo, pôr em relevo o maior de todos que é a eucaristia*”.

¹⁰² CPL, *Communion Solennelle et Profession de Foi*, Paris, cerf, (coll. Lex Orandi), 1952 – conclusions.

¹⁰³ *Ad Gentes*, 14.

preparação mais ou menos longa, espaçada por etapas. O catecumenado celebrava e celebra a iniciativa de Deus (a acção proveniente de Deus) mas, também, a resposta do homem, em ordem ao ministério da salvação. E, por outro lado, como entrada na história da salvação, os sacramentos de iniciação cristã eram, na realidade um “*ponto de partida*” e não simples “*meta de chegada*”. A meta perseguia-se¹⁰⁴; o ponto de partida preparava-se¹⁰⁵. A acção gratuita proveniente de Deus suscitava, e encontrava, na resposta do homem, um acorde para crescer.

Mas quando, na iniciação cristã da criança nos habituámos a sublinhar, apenas, a acção gratuita e proveniente de Deus, teremos esquecido que “*não nascemos cristãos mas que nos fazemos cristãos*”, segundo a palavra de Tertuliano.

*“A situação generalizada do baptismo das crianças, após o nascimento, e o espaçamento do baptismo, da 1ª comunhão eucarística e da confirmação não ajuda a compreender (nem a viver) como é que estes três sacramentos operam, na iniciação, a vida de Deus e a vida cristã. Eles são vistos, muitas vezes, como gestos religiosos que acompanham cada idade no decurso da infância, da adolescência, e que terminam, normalmente, na idade adulta”*¹⁰⁶. O mal estar que, durante séculos se não sentiu, mas que, hoje, felizmente inquieta pais, catequistas e educadores da fé, pastores, pastoralistas e teólogos, relativamente à iniciação cristã é, antes de mais, uma questão de dinamismo teológico que temos de surpreender e implementar no cerne da nossa realidade de crentes.

Esta problemática pede uma redescoberta ou um aprofundamento do dinamismo da iniciação cristã, de sorte que se perceba, no seu

¹⁰⁴ Era toda a preocupação do catecumenado.

¹⁰⁵ Era toda a preocupação da mistagogia. Os neo-baptizados revestiam-se de branco para mostrar que estavam *revestidos de Cristo*. Cada dia da semana os neófitos, acompanhados dos padrinhos/madrinhas, encontravam-se para participar na celebração da eucaristia e escutar uma catequese mistagógica em que lhes era explicado, plenamente, o sentido do mistério cristão a que tinham sido iniciados.

¹⁰⁶ De Clerck Paul, *L'Initiation Chrétienne*, In Commission Episcopale de Liturgie, Pastorale Sacramentelle, Paris, Cerf, 1996, p. 117.

encadeamento celebrativo, que ela supõe e exige, não só a sua preparação, mas, também, a sua continuidade¹⁰⁷.

“Teremos, mesmo, que reagir contra a separação dos três sacramentos”¹⁰⁸, já que, sendo estruturalmente unidade que nos introduz no mistério pascal (dom do Pai que nos acolhe, dom do Espírito que nos anima, dom do Filho que nos alimenta, na Igreja *que nos faz cristãos*), são portadores de um dinamismo que se quer comum e permanente.

Os sacramentos de iniciação *introduzem* na vida pascal: “o novo batizado”¹⁰⁹ não mais deixará de caminhar até à morte. É para a *Parusia* que ele está em marcha. O fim da caminhada não se situa neste mundo, mas no além do tempo, quando, pela morte e ressurreição de Jesus Cristo, nos tiver introduzido na eternidade de Deus”¹¹⁰. A dinâmica da iniciação cristã inscreve-se num espaço permanente: meta de chegada¹¹¹, é, também, ponto de partida.

INICIAÇÃO CRISTÃ E MATURIDADE CRISTÃ

Se, por um lado, nos questionamos sobre a afirmação de Vaticano II “a iniciação dos cristãos não é senão a primeira participação sacramental na morte e ressurreição de Cristo”, também sabemos que a iniciação cristã se não reduz à transmissão de verdades e preceitos. Jesus Cristo não abriu uma academia; pôs-se a caminho com os seus para os ensinar a viver: deu exemplo e ensinou em parábolas e gestos simbólicos e, ao dar-lhes a missão, mandou-os *ir, ensinar e baptizar*¹¹².

Temos de compreender que ser cristão é aceder à fé, que é dom de Deus, assumir uma novidade histórica e crescer a partir daí.

¹⁰⁷ Nota: comercialmente, falaríamos de “serviço após-venda”.

¹⁰⁸ Dizemo-lo com as palavras de Paul de Clerck (–cf. SUPRA, nota 88); sem, com isso, propormos a restauração do rito contínuo; propomos uma dinâmica de iniciação cristã, como unidade, em espaço permanente.

¹⁰⁹ Leia-se “iniciado”.

¹¹⁰ G. Araud, in Gelineau et all. *Dans vos Assemblées*, Paris, Desclée, 1989, pág. 352.

¹¹¹ “A iniciação dos cristãos não é senão a primeira participação sacramental na morte e ressurreição de Cristo”, (–Cf. SUPRA, nota 58) sendo certo que “não nascemos cristãos mas que nos tornamos cristãos”(–Cf. SUPRA nota 70).

¹¹² Cf. Mt 28,19–20.

Quatro pontos de vista complementares podem pôr-nos num caminho de reflexão:

1. A fé não é puramente intelectual; o simbolismo e as imagens, o corpo e os gestos, a experiência do grupo e as suas relações intervêm também;
2. A forma eclesial da fé tem de ser, por outro lado, aprofundada, sem o que a Igreja e a eclesialidade ficarão um dado sem significância;
3. Na prática, a fé evangélica constitui-se sobre um fundo de práticas humanas não puramente individuais mas sociais;
4. Enfim, o tempo torna-se indispensável para que a adesão cristã se torne estável e suficientemente desenvolvida.

PARA QUE A INICIAÇÃO CRISTÃ SE FAÇA MATURIDADE CRISTÃ

Se a iniciação cristã for, não, apenas, meta de chegada, mas, sempre, ponto de partida, poderemos pretender a maturidade cristã. Para que a iniciação cristã se faça maturidade cristã, terá de preencher quatro requisitos. Que seja:

- Simbólica e concreta = experiencial;
- Eclesial = com referências de comunhão;
- Ética e social = com expressão testemunhal;
- Durável = em espaço permanente.

1. Simbólica, concreta, isto é, experiencial

O primeiro requisito tem a ver com a pedagogia de acesso à iniciação cristã que deve ser simbólica, concreta, isto é, experiencial.

A fé não se ensina; a fé confessa-se e propõe-se através de mediações (palavras, representações, imagens, gestos e relações). A iniciação atesta que a fé é adesão de todo o ser.

Para poder chegar à mistagogia, o simbólico deve aliar-se ao concreto. Dito de outra maneira, a iniciação cristã deve ser **experiencial**.

2. Eclesial = com referências de comunhão

A educação simbólica dos novos crentes deve tender à entrada nos símbolos de um grupo que é uma igreja.

Este requisito tem a ver com a própria condição do ser cristão. Tornar-se cristão é, também, crescer numa Igreja (Igreja concreta, que tem uma história, que vive, hoje, em comunhão, partilhando a fé e a esperança, em espírito fraternal). Crer em Jesus Cristo é crer em Deus na Igreja que Jesus Cristo constituiu para nós.

Sem **eclesialidade**, não se vê como haverá maturidade¹¹³.

A iniciação cristã implica uma identidade de Igreja. “*Ela existe para a Igreja, para que a Igreja seja Igreja*”¹¹⁴, pelo que só somos cristãos em tensão de Igreja; dito de outra maneira, é a Igreja que nos faz.

A iniciação cristã deve iniciar a uma Igreja fiel e aberta¹¹⁵; não a uma igreja que se fossilize na arqueologia de qualquer dita tradição, ou se dilua na conformação “*com este século*”, na fluidez de compromissos e hesitações; mas a uma Igreja que ouse ser sinal evangélico no mundo, já que ela se diz sinal de salvação em Jesus Cristo.

Iniciar-se à compreensão da Igreja e ao seu mistério significa, por outro lado, que se seja introduzido no seu ministério. Mistério e ministério são referências de comunhão; são referências de **eclesialidade**.

3. Ética e social = com expressão testemunhal

A educação simbólica dos novos crentes deve tender à descoberta da simbólica humana fundamental. Este requisito implica a dimensão

¹¹³ Há exemplos de falta de maturidade cristã por falta de eclesialidade, mesmo se é possível reconhecer esforço de formação humana.

Nota: Há problemas com colégios católicos que se situam à margem dos ritmos eclesiais da comunidade/rosto da Igreja local que é a paróquia. Há problemas com movimentos cristãos desenraizados da comunidade/rosto da Igreja local que é a paróquia. Há problemas com realidades paroquiais que não se assumem como comunidade/rosto da Igreja local.

¹¹⁴ Bourgeois Henri, *l'Eglise est-elle iniciatrice?*, LMD., 132, p. 109.

¹¹⁵ Por isso, a preocupação conciliar de refontalização casada com a preocupação da abertura antropológica.

da Igreja no mundo, para o mundo, como fermento do Reino. Aquele que descobre Jesus Cristo não é, apenas, baptizado, confirmado, eucaristizado, mas iniciado aos comportamentos cristãos. A iniciação cristã resolve-se numa expressão **ética e social**.

Fora da identidade eclesial, de uma Igreja que esteja a caminho, não falaremos de iniciação cristã; mas, sem expressão ética, nem sequer falaremos de iniciação.

É necessário que a fé cristã seja iniciática segundo o Evangelho: que conte não apenas com o progresso humano (perderia a sua originalidade) e que seja resposta à iniciativa de Deus; que se abra ao futuro e não só ao presente; que se desinstale do tempo em que o tempo da Igreja era o tempo da sociedade e crie discernimento para não perder a sintonia e o sentido de ser sinal. Mas que seja **testemunhal**: que conte com o progresso humano; que se abra ao presente; que se sinta neste tempo e suscite o voluntarismo ético e social, sem o qual não há meta que possa tornar-se linha de partida.

4. Durável = catequética e mistagógica, em espaço permanente

Este último requisito tem a ver com a continuidade. Catequética e mistagógica, iniciando à pessoa de Jesus Cristo, tem que ser durável, isto é, em espaço permanente.

Se ser cristão significa ser iniciado, isso exige uma busca progressiva e orientada, num processo em que o factor tempo é um factor de maturação indispensável. Não há iniciação com acções dispersas; tem que se inscrever num projecto que só se realiza em **espaço permanente**.

Entre o baptismo e o início do catecismo, nem sempre se vê a relação que, entretanto, foi lembrada aos pais e à comunidade no próprio ritual; tão pouco se vê, em muitas situações, a relação entre a catequese sistemática e a prática eucarística e, por fim, entre a confirmação e a eucaristia. Quer isto dizer que, em muitos casos, o percurso iniciático (acolhimento, admissão à eucaristia/1ª comunhão, à tradição da Bíblia, à tradição do credo /profissão de fé, à festa da vida, à festa do Espírito/confirmação, participação à vida eclesial e à expressão de uma ética cristã), não cumpriu os objectivos. O tempo foi, porventura, vivido, em espaço de descontinuidade.

“Teremos que reagir contra a separação dos três sacramentos”¹¹⁶.

CONCLUSÃO

Que a dinâmica da iniciação cristã: simbólica e concreta, experiencial, se inscreva num espaço que seja espaço de eclesialidade, que testemunhe como sinal do Reino que seja permanente. Os sacramentos de iniciação cristã *introduzem* numa vida pascal: “o novo batizado não mais deixará de caminhar até à morte. É para a *Parusia* que ele está em marcha. O fim da caminhada não se situa neste mundo, mas no além do tempo, quando, pela morte e ressurreição de Jesus Cristo nos tiver introduzido na eternidade de Deus”¹¹⁷. Entrada na história da salvação, os sacramentos de iniciação cristã são, na realidade um “*ponto de partida*” e não simples “*meta de chegada*”.

¹¹⁶ Nota: Cito Paul de Clerck, não pela iniciação em rito contínuo mas pela continuidade da iniciação cristã.

¹¹⁷ G. Araud, in Gelineau et all. *Dans vos Assemblées*, Paris, Desclée, 1989, pág. 352.

Iniciação Cristã e transmissão da fé

P. MANUEL DEL CAMPO GUILARTE (*)

I. INTRODUÇÃO

É para mim uma honra e um motivo de grande alegria estar aqui esta manhã partilhando convosco as minhas convicções, reflexões e investigações.

Agradeço a D. Manuel Pelino Domingues, Presidente da “Comissão Episcopal da Educação Cristã” e ao Director do “Secretariado Nacional de Catequese” o convite para tomar parte neste quadragésimo terceiro “Encontro Nacional. Um encontro que me permite entrar em relação convosco e, através de vós, com as vossas realidades catequéticas e com uma Igreja irmã e tão querida como é a Igreja portuguesa que trabalha, nestes momentos, na promoção da pastoral e catequese de iniciação cristã, tal como se assinala no objecto de estudo escolhido para estas jornadas de trabalho. Uma Igreja que, consciente dos grandes desafios colocados hoje pela secularização à fé e à vida cristã de tantos baptizados, quer centrar o seu olhar e o seu esforço nas realidades primeiras do caminho da fé, aquelas que fundam e constituem o cristão e edificam com solidez a comunidade, isto é, nas realidades da iniciação cristã.

Venho de uma Igreja irmã, a Igreja espanhola, que está empenhada e trabalha com afinco por dar a primazia efectiva aos inícios da fé e aos fundamentos da missão transmitida pelo Senhor: o anúncio do Evangelho, a transformação radical do homem e a sua configuração como homem novo em Jesus Cristo. Isto é, a configuração e construção do cristão.

* Director do Departamento de Catequética e do Instituto de Ciências Religiosas na Faculdade de Teologia de S. Dâmaso, em Madrid.

Com efeito, nas vésperas do ano 2000, no contexto preparatório das celebrações jubilares, os bispos espanhóis, reunidos em Assembleia Plenária, aprovaram a instrução pastoral *A iniciação cristã, reflexões e orientações*. O seu objectivo é impulsionar a renovação da pastoral da iniciação cristã na Igreja espanhola e, assim, avivar a missão recebida do Senhor (Cf 1 Cor 4,15), que põe em evidência o anúncio do evangelho e a celebração dos sacramentos, particularmente na iniciação cristã. “O propósito que nos move, afirmavam, é oferecer um serviço de ajuda às Igrejas particulares, na sua responsabilidade própria de estabelecer um projecto de iniciação cristã sob a autoridade do bispo, mestre da fé e principal dispensador dos mistérios de Deus”¹ e propõem como objectivo: “Impulsionar a acção catequética e litúrgica e discernir o modo mais oportuno de introduzir os destinatários na iniciação, na conversão, na fé pessoal em Cristo e na comunhão com Ele, no Espírito”².

A partir deste momento, a renovação da pastoral de iniciação cristã terá de constituir, para a Igreja espanhola, uma das suas prioridades pastorais.

Desta maneira, os bispos espanhóis expressam o seu propósito de levar, ao ânimo e à mente de todos os responsáveis da comunidade eclesial, a convicção de que a missão própria da Igreja se expressa, hoje de modo singular, no exercício de gerar e dar à luz novos filhos e a capacidade de cada comunidade cristã concreta de desenvolver este processo de gestação e de dar à luz (este é propriamente o processo de iniciação cristã) mostra, de maneira excelente a força e vitalidade interna de si mesma, a sua potencialidade maternal.

Foi-me pedido que apresentasse, nesta exposição um desenvolvimento analítico e reflexivo sobre a transmissão da fé e iniciação cristã. Este é o título da minha intervenção. Transmissão da fé e iniciação cristã, temos aqui duas realidades básicas da Igreja, intimamente relacionadas entre si e que se reclamam mutuamente. Duas realidades que constituem os fundamentos necessários sobre

¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ESPANHOLA – *La iniciación cristiana. Reflexiones y orientaciones* 6 = IC.

² *Ibidem*, 8.

os quais se hão-de estabelecer a acção evangelizadora da Igreja e, mais em concreto, a pastoral de iniciação cristã. Uma e outra hão-de encontrar primeiro uma adequada e justa compreensão, para depois se promover a sua articulação e desenvolvimento tanto na reflexão como na acção catequizadora das nossas comunidades eclesiais.

A reflexão sobre ambas constitui o objecto desta intervenção e a perspectiva a partir da qual abordo este trabalho será a de considerar, antes de mais, os princípios e linhas fundamentais que hão-de sustentar e orientar a acção catequizadora da Igreja no momento actual.

II. A TRANSMISSÃO DA FÉ NA INICIAÇÃO CRISTÃ

Procuramos, em primeiro lugar, descobrir brevemente o sentido e alcance da transmissão da fé no contexto da iniciação cristã.

1. A revelação divina, auto-manifestação e auto-doação de Deus, e sua transmissão

A reflexão sobre a transmissão da fé convida-nos a recordar as palavras da Constituição Dogmática sobre a Divina Revelação do Concílio Vaticano II: “Quis Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e manifestar o mistério da sua vontade: por Cristo, a Palavra feita carne, e com o Espírito Santo, podem os homens chegar até ao Pai e participar da natureza divina”³.

Pela revelação, Deus fez-se presente na história do mundo e comunica-se aos homens para lhes manifestar o seu desígnio de salvação. Em Jesus Cristo, entrega-se a Si mesmo para os levar a participar da vida divina, fazendo deles filhos adoptivos (cf Ef 1, 4-5). Quando Deus se comunica a Si mesmo, tornando os homens capazes de O conhecer e amar acima do que por si mesmos poderiam alcançar, abre e inicia também, para a humanidade, o caminho certo da sua plenitude, da sua salvação. A revelação, por isso, implica a unidade profunda e indissolúvel entre o acontecimento da entrega de

³ Const. Dogm. *Dei Verbum*, 2.

Deus e a salvação do homem, entre a manifestação de Si e do seu projecto de salvação e a realização, no ser humano, da vida verdadeira.

2. Jesus Cristo plenitude da revelação

O cume e a plenitude desta revelação é Jesus Cristo, que leva a cabo a obra da salvação. “Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas; nestes dias que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho” (Heb 1, 1-2). Cristo anuncia a salvação aos homens e n’Ele está presente, de modo pleno e definitivo, a salvação que anuncia⁴. Cristo, o Filho de Deus feito homem, é a Palavra única, perfeita e insuperável do Pai. N’Ele, Deus disse tudo, no seu Verbo, e não haverá outra palavra além desta. Como disse um santo espanhol, insigne mestre de espiritualidade, S. João da Cruz: “Porque ao dar-nos como nos deu O seu Filho que é uma palavra sua, e não tem outra, tudo nos disse de uma só vez, numa só palavra”⁵. Desse modo, esta revelação de Deus em Cristo que é, com efeito, escatológica e, por isso, última, definitiva, irrefutável, é, por sua vez, histórica; isto é, há-de ser actualizada historicamente para que possa chegar a todos os homens das sucessivas gerações. A Constituição *Dei Verbum* expressa assim esta ideia: “Quis Deus que o que tinha revelado para a salvação de todos os povo, se conservasse para sempre íntegro e fosse transmitido a todas as gerações. Por isso Cristo, plenitude da revelação, mandou aos apóstolos pregar a todos os homens o Evangelho como fonte de toda a verdade salvadora e de toda a norma de conduta. E para que este Evangelho se conservasse sempre vivo e íntegro na Igreja, os apóstolos deixaram os bispos como seus sucessores, entregando-lhes o seu cargo no ministério”⁶.

O *Catecismo da Igreja Católica*, por seu lado, afirma: “A comunicação que fez o Pai de si próprio, pelo seu Verbo, no Espírito Santo continua presente e activa na Igreja: Deus, que outrora falou, continua a dialogar sempre com a esposa do seu Filho amado; assim o Espírito Santo, por quem a voz viva do Evangelho ecoa na Igreja, e

⁴ Cf. Const. Dogm: *Dei Verbum*, 3.

⁵ S. JOÃO DA CRUZ – *Subida ao Monte Carmelo*, 2, 22, 3-5.

⁶ Const. Dogm. *Dei Verbum*, 7.

por ela no mundo inteiro, vai introduzindo os crentes na verdade plena e faz com que neles habite intensamente a palavra de Cristo”⁷.

Por vontade de Deus, de facto, a revelação transmite-se historicamente de geração em geração, já que Deus mantém a sua iniciativa soberana não só sobre o próprio acontecimento da revelação, mas também na transmissão da mesma ao longo das sucessivas gerações. Através do Espírito Santo, vai introduzindo os fiéis na verdade plena, faz que habite neles a palavra de Cristo e permaneça a presença da graça salvífica na história⁸.

3. A presença e a obra da salvação na e pela Igreja

O dom da salvação, a entrega de Deus, (isto é, em definitivo, a revelação) que se revela em Jesus Cristo, torna-se presente, pelo Espírito Santo, na Igreja e mediante a Igreja. Podemos dizer que o próprio Deus se serve da Igreja para, no tempo e no espaço, fazer presente a palavra da revelação e a obra da salvação. Como disse o apóstolo Paulo referindo-se ao hoje da história: “Agora é o tempo da graça, agora é o dia da salvação” (2 Cor 6,2).

Convém recordar que, neste processo de transmissão e actualização da revelação, a Igreja não é uma realidade exterior ao acontecimento da revelação, nem uma comunidade pré-existente a que se faz a entrega da revelação, antes é, em si mesma, um elemento constitutivo da revelação; é, na sua essência, presença na história da revelação, lugar próprio da revelação acontecida em Cristo. Ela está configurada e ordenada à transmissão da fé, estabelecida para actualizar o testemunho apostólico que é, em definitivo, o testemunho de Cristo sobre o Pai.

Com efeito, Deus constituiu a Igreja na sua unidade e totalidade, para ser sujeito receptor e portador da revelação de Deus, da sua presença salvífica na história, lugar de salvação. Como afirma a Declaração *Dominus Iesus*: “O Senhor Jesus, único salvador, constituiu a Igreja como mistério salvífico: Ele mesmo está na Igreja e a Igreja

⁷ *Catecismo da Igreja Católica*, 79.

⁸ Cf. Const. Dogm. *Dei Verbum*, 8.

está N'Ele. Jesus Cristo, com efeito, continua a sua presença e a obra da salvação na Igreja e através da Igreja que é o seu corpo"⁹.

Efectivamente, o acontecimento da revelação, da entrega de Deus e da sua vontade de associar o homem constitui a Igreja, fazendo-a sacramento, sinal e instrumento (isto é, sinal pleno de realidade) da íntima união da humanidade com Deus. "A Igreja é em Cristo como que um sacramento, ou sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o género humano"¹⁰. Ser o sacramento da união íntima dos homens com Deus é o primeiro fim da Igreja. Como a comunhão dos homens radica na união com Deus, a Igreja também é o sacramento da unidade do género humano. Ela é "sacramento universal de salvação" (LG 48), por meio do qual "Cristo manifesta e realiza ao mesmo tempo o mistério do amor de Deus ao homem"¹¹.

4. O processo da transmissão da revelação.

A unidade na transmissão da fé

Tendo já visto que a Igreja é, na sua essência, presença histórica da revelação e sujeito da mesma, reflitamos agora directamente sobre o processo da transmissão da revelação por parte da Igreja e, em especial, da unidade essencial que caracteriza esta transmissão.

A revelação, como sabemos, acontece por vontade de Deus através da Palavra e da acção salvadora indissolivelmente unidas¹². É, ao mesmo tempo, verdade e graça salvadora. Cristo, plenitude da revelação é anúncio e também presença da graça da salvação que anuncia; é oferta de um conhecimento acerca de Deus e também comunicação e encontro de Deus com o homem; é verdade que supera toda a ignorância e erro, é, ao mesmo tempo, graça salvífica que triunfa sobre o pecado e a morte.

Pois bem, se a missão da Igreja consiste em levar ao cumprimento a revelação acontecida em Cristo (e a acção evangelizadora é o instrumento para isso), isto quer dizer que a Igreja deve transmitir

⁹ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ – Declaração *Dominus Iesus*, 16.

¹⁰ Const. Dogm. *Lumen Gentium*, 1

¹¹ Const. Past. *Gaudium et Spes*, 45.

¹² Cf. Const. Dogm. *Dei Verbum*, 2.

tanto a verdade da revelação como a graça da salvação. E, também, que a transmissão da revelação pela Igreja não é só presença da verdade e profissão da verdade da fé, é, igualmente, presença da própria realidade da graça, da comunicação da graça do perdão, da libertação plena do ser humano e da dádiva da vida nova em Jesus Cristo.

Em suma, a transmissão da revelação realiza-se na Igreja através da sua palavra e da sua acção indissoluvelmente unidas, já que a palavra da Igreja está presente na sua acção e nela é percebida; e a acção da Igreja necessita de ser interpretada e clarificada pela palavra. Em síntese, a transmissão da fé proclama-se na pregação e no ensino do Evangelho (*profecia*), realiza-se nos sacramentos que expressam a fé e são, antes de mais, celebração dos acontecimentos de salvação (*liturgia*), professa-se na confissão de fé e vive-se no testemunho (*martyria*) e no serviço da caridade (*diakonia*). E tudo num processo de unidade essencial e necessária como corresponde ao acontecimento único e unitário da Revelação. Preservar e aplicar este princípio de unidade é essencial para a Igreja, na realização da sua missão evangelizadora.

Pois bem, esta unidade constitutiva da transmissão da fé alcança, na iniciação cristã, um lugar eminente pois nela podemos, com verdade, afirmar que os mistérios da fé que professamos no Credo (que chegámos a professar em virtude do processo catecumenal), os celebramos nos sacramentos de iniciação que nos enxertaram em Cristo e constituíram “filhos adoptivos”, por acção do Espírito Santo. Eis aqui o núcleo básico e essencial da iniciação cristã que, na sua unidade, temos de esperar e realizar.

5. A transmissão da revelação na iniciação cristã

A Igreja que, como vimos, contém em si mesma a memória e a presença da salvação, realiza a transmissão da mesma através de todo o seu ser, de toda a sua vida. “A Igreja com o seu ensinamento, diz o Concílio Vaticano II, a sua vida, o seu culto, conserva e transmite, a todas as gerações, o que é e o que crê¹³.

¹³ Const. Dogm. *Dei Verbum*, 8.

Ora, de um modo particular e eminente, a Igreja transmite a fé através da iniciação cristã, pois é especialmente mediante a iniciação cristã que a Igreja entrega a vida que tem, transmite a vida que vive e gera em si. É precisamente esta a imagem da maternidade que utiliza a Constituição *Lumen Gentium* referindo-se à Igreja que actua como uma mãe, que gera novos filhos nascidos de Deus. “A Igreja converte-se em mãe pela Palavra de Deus acolhida com fé, já que, pela pregação e celebração dos sacramentos, gera para uma vida nova e imortal os filhos concebidos pelo Espírito e nascidos de Deus”¹⁴. E, ao falar em concreto da acção da Igreja no processo de iniciação cristã, fá-lo em termos de concepção, gestação e nascimento. Àqueles que desejam ser incorporados na Igreja, esta como mãe abraça-os amorosa e solícitamente como filhos, diz *Lumen Gentium* 14; e mais à frente, imitando a Mãe do Senhor, a Virgem Maria, também a Igreja conserva pura e íntegra a fé, a Palavra recebida, a esperança sólida e a caridade sincera, gera e dá à luz novos filhos¹⁵.

Desde os primeiros séculos da Igreja, o processo mediante o qual a Igreja gera o homem para uma vida nova por obra do Espírito Santo, é conhecido habitualmente como processo de iniciação cristã. Os Padres aplicaram a imagem de gestação de uma criança no seio da sua mãe ao processo de iniciação cristã, tal como se desenvolvia no catecumenado, e integraram neste exercício da maternidade da Igreja, de um modo unitário e relacionado, tanto o nascimento do novo ser pela palavra e pela fé, como o nascimento para a vida nova pelos sacramentos da iniciação¹⁶.

A Igreja viu sempre no baptismo a realização de um nascimento misterioso pela água e pelo Espírito (cf Jo 3,3; Jo 1,12-13; 2 Cor 5,17); e a fonte baptismal como o seio materno que gera e dá à luz novos filhos (cf 1Pe 1, 23; Ef 5,26). Recordemos a bela liturgia da Vigília Pascal.

E continua a ser pensamento comum que, tal como sucede na maternidade natural, que necessita de um tempo de formação e de

¹⁴ Const. Dogm. *Lumen Gentium*, 64.

¹⁵ Cf. *Ibidem*.

¹⁶ Cf. S. BASÍLIO, Hom. XIII, I; e S. AGOSTINHO, *De catechizandis rudibus*, XXVI, 50; in *Evangelium Johannis Tractatus* 80,3.

desenvolvimento, o nascimento para a fé e para a vida cristã necessitará, além da concepção, de um processo de maturação e progressão vital; necessitará de um tempo de gestação e de configuração do ser (obra de preparação catecumenal e catequética) que culminará no nascimento (celebração dos sacramentos da iniciação cristã). No exercício da sua maternidade, a Igreja concebe, alimenta e dá à luz o novo ser em Jesus Cristo, exercendo e garantindo assim a transmissão da fé¹⁷.

III. A INICIAÇÃO CRISTÃ

Ao tentarmos evidenciar a natureza da iniciação cristã, mesmo que possamos advertir alguma relação com outras formas iniciáticas de carácter exclusivamente antropológico e religioso, temos de reconhecer, em primeiro lugar, que estamos perante uma realidade de natureza diferente e superior.

É normal que a Igreja, nas primeiras etapas do seu caminhar histórico, em que ainda se está a delinear o modo de exercício da sua maternidade espiritual que é a iniciação cristã, admitisse e incorporasse algumas expressões iniciáticas do seu redor, tanto do mundo judaico com o qual tinha tantos laços, como de outros âmbitos culturais e religiosos.

De facto, está claro que a iniciação cristã é de natureza diferente de todos estes processos:

- Pela sua *origem* (a iniciativa e intervenção é de Deus).
- Pelo seu *objecto* (a transformação interior da pessoa; a realidade de uma nova identidade de filho de Deus e de membro da Igreja, para lá de toda a expectativa e merecimento humano).
- Pelo próprio *processo* (que é algo mais que uma aprendizagem e vivência).

Desenvolvamos estes enunciados. Em primeiro lugar, centrando a nossa reflexão na natureza mesma da iniciação cristã. Como ponto de partida e de referência assumimos o que os bispos espanhóis

¹⁷ Cf. S. METODIO DE OLIMPO, *Symposium*, VIII, 6.

afirmam, na sua instrução sobre *A Iniciação Cristã*, acerca da natureza da mesma.

Dizem em concreto que “a iniciação cristã é a inserção de um candidato no mistério de Cristo morto e ressuscitado e na Igreja por meio da fé e dos sacramentos”¹⁸. Analisemos brevemente esta definição, para realçar o seu sentido e alcance.

1. A inserção no mistério de Cristo

Em primeiro lugar, trata-se da “inserção no mistério de Cristo”, uma inserção ou incorporação que pressupõe a união com Cristo, o Redentor, e, por isso, a realidade de uma nova identidade, um novo ser: **a vida em Cristo**. Esta é a primeira nota da definição.

Ora então, o que é e o que significa em concreto esta vida em Cristo?

a) A vida em Cristo significa, por um lado, a união com Cristo, graças à qual o ser humano fica configurado com Cristo Pascal. Unido a Ele como os ramos à videira (cf Jo 15,5), obtendo d’Ele a vida, recebendo d’Ele a seiva vital. Ou como afirma S Cirilo de Jerusalém, utilizando a imagem da oliveira, “despegados da oliveira silvestre da qual nascestes, fostes enxertados na boa oliveira: Jesus Cristo e tornaste-vos participantes da abundância da boa oliveira”¹⁹. Nós diríamos: entrastes numa nova condição de vida, tendo outra seiva, outro princípio vital, e, por isso, obtendo novos frutos, os da boa oliveira, que são frutos de vida.

Com efeito, a vida em Cristo significa estar unidos a Ele, enxertados na raiz vital que é Cristo, n’Ele regenerados e participando do corpo glorioso de Cristo.

b) A inserção no mistério de Cristo significa, pois, a presença misteriosa de Cristo no homem, a realidade da vida de Cristo no homem. Assim o anuncia e promete o Senhor: “viremos a ele e nele faremos morada” (Jo 14,23).

¹⁸ IC, 19.

¹⁹ SAN CIRILO, SCH 126, 107-108.

Logo, a vida em Cristo implica a transformação do homem em Cristo, a identificação com Cristo, que supõe a formação interior e crescente de Cristo em nós por obra do Espírito Santo: “Sofro dores de parto, até que Cristo se forme entre vós” (Gal 4,19). E também “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gal 2, 12).

- c) Esta realidade de vida, que vem pela iniciação cristã, é uma realidade que acompanhará para sempre o iniciado. Germina neste mundo (Deus dá a luz ao homem novo) e, uma vez configurado assim, nasce para a vida eterna, vive orientado para a vida eterna. É um dom inesperado, para lá do que o homem possa imaginar e desejar, que o prepara para a eternidade.
- d) Em suma, a nova realidade do ser, a nova existência do batizado tem como raiz a união com Cristo, a inserção em Cristo, que leva estes efeitos e resultados:
 - É Ele quem nos vincula e nos conduz ao conhecimento de Deus.
 - É Ele quem nos leva a participar da vida trinitária como filhos de Deus no seu Filho Jesus Cristo.
 - É Ele quem nos conduz à participação fraterna na Igreja e no mundo. Nos capacita para viver a lei nova da Aliança.
 - É Ele, na realidade, quem nos concede viver já na esperança do Reino.

Está aqui, em síntese, a essência da identidade cristã que surge da iniciação. Com razão, o Catecismo da Igreja Católica define a iniciação cristã como “a participação na natureza divina” (1212).

- Esta realidade da inserção no mistério de Cristo que representa uma nova identidade, a vida em Cristo e que é fruto da iniciação cristã, está realmente contemplada ao longo do processo catecumenal?
- Constitui, “de facto”, um eixo articulador das actividades e desenvolvimentos catequéticos próprios da iniciação cristã?

2. A iniciação cristã, dom do amor de Deus

Em segundo lugar, o acontecimento da incorporação em Cristo e na Igreja é um: **dom de Deus**. Não poderia ser de outra maneira, não poderia ser outro o autor de uma realidade nova como é a vida cristã.

Nisto consiste o carácter original, diferenciador e único da iniciação cristã: Deus tem a iniciativa e a primazia na transformação interior da pessoa. Ele é o autor principal. Como diz a instrução *A Iniciação Cristã*: “Só Deus pode fazer com que o homem renasça em Cristo pela água e pelo Espírito; só Ele pode comunicar a vida eterna e enxertar o homem como um ramo na videira verdadeira”²⁰. A participação do homem na vida divina só pode ser obra do próprio Deus”. Nisto consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados” (1 Jo 4, 10). “É assim que Deus demonstra o seu amor para connosco: quando ainda éramos pecadores, é que Cristo morreu por nós” (Rm 5, 8).

A iniciação cristã, afirmamos, é obra e dom de Deus:

- Dom do Pai que “nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis na sua presença” (Ef 1,4-5).
- Dom do Filho Jesus Cristo, pelo qual todo o homem alcançará a salvação e a vida. Toda a vida de Cristo expressa a sua missão: “servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10, 45).
- Dom do Espírito Santo que inspira, ilumina e guia a quem é chamado a entrar na vida nova. “O Espírito Santo vem em auxílio da nossa fraqueza e intercede por nós com gemidos inefáveis” (Rm 8, 26). É Ele o artífice das obras de Deus.

Por tudo isto, podemos afirmar como os bispos espanhóis que a iniciação cristã é obra da Santíssima Trindade²¹.

Ora, se a iniciação cristã é efectivamente obra do amor de Deus, deverá mostrar-se de modo patente, durante todo o processo catequético de iniciação, que é um acontecimento de graça, com o objectivo de que o iniciando aprenda a acolher na fé o dom de Deus e a acompanhá-lo com uma resposta positiva e generosa.

Uma resposta inicial e também continuada, para poder empreender um caminho de crescimento até chegar, como os discípulos de Emaús,

²⁰ IC, 9.

²¹ Cf. IC 11.

ao encontro do Senhor na mesa da Eucaristia. Como eles, trata-se de passar da indiferença e do desencanto à busca, da dificuldade de crer à fé nas Escrituras e ao reconhecimento do Ressuscitado na “fracção o pão” (cf Lc 24,35). Um caminho de diálogo com Deus, que é o diálogo da salvação aberto e conduzido por Deus na Aliança com os homens.

3. A iniciação cristã e a mediação eclesial

Em terceiro lugar, e esta é a terceira nota da sua definição, a iniciação cristã realiza-se pela mediação da Igreja. Porque ela foi associada à obra da salvação, continua a presença e a obra do Redentor e está ordenada institucionalmente para comunicar aos homens os frutos da salvação²². “A Igreja é a Esposa de Cristo: Ele amou-a e entregou-se por ela. Purificou-a por meio do seu sangue. Fez dela a mãe fecunda de todos os filhos de Deus”²³.

No conjunto da missão eclesial, a iniciação cristã é a sua expressão mais significativa porque constitui, como dissemos, a realização da função maternal que lhe é própria, ao gerar para a vida os filhos de Deus²⁴.

- a) Esta mediação realiza-a a Igreja por meio da fé e dos sacramentos, pela palavra da verdade e acção salvadora; isto é, mediante duas funções eclesiais básicas e intimamente relacionadas entre si: **a catequese e a liturgia.**

Por um lado, a liturgia, e em concreto os sacramentos da iniciação cristã. Como diz o *Catecismo da Igreja Católica*: “A iniciação cristã realiza-se mediante o conjunto dos três sacramentos: o baptismo, que é o começo da vida nova; a confirmação, que é o seu aprofundamento; e a eucaristia, que alimenta o discípulo com o Corpo e o Sangue de Cristo para ser transformado n’Ele”²⁵.

²² Const. Dogm. *Lumen Gentium*, 8.

²³ *Catecismo da Igreja Católica*, 808.

²⁴ Cf. IC, 13.

²⁵ *Catecismo da Igreja Católica*, 1275.

Por outro lado, a catequese, é parte essencial da iniciação cristã e está unida constitutivamente aos sacramentos da iniciação. O *Directório Geral da Catequese* afirma-o assim: “A catequese é elemento fundamental da iniciação cristã e está estreitamente vinculada aos sacramentos da iniciação, especialmente ao Baptismo, sacramento da fé. O elo que une a catequese ao Baptismo é a profissão da fé, que é, ao mesmo tempo, elemento interior deste sacramento e meta da catequese. A finalidade da acção catequética consiste precisamente nisto: proporcionar uma viva, explícita e operante profissão de fé”²⁶.

Mediante os sacramentos da iniciação, o homem é vinculado a Cristo, unido a Ele e introduzido na comunhão trinitária e na Igreja. Mediante os sacramentos da iniciação cristã, colocam-se os alicerces de toda a vida cristã. “A participação na natureza divina, que os homens recebem mediante a graça de Cristo, tem certa analogia com a origem, o crescimento e o sustento da vida natural. Com efeito, os fiéis renascidos pelo Baptismo são fortalecidos com o Sacramento da Confirmação e, finalmente, são alimentados na Eucaristia com o manjar da vida eterna, e assim, por meio destes sacramentos de iniciação cristã, recebem cada vez com mais abundância os tesouros da vida divina e avançam na perfeição da caridade”²⁷.

Mediante o itinerário catequético que precede, acompanha e vem a seguir à celebração dos sacramentos, o catequizando descobre Deus e o seu dom de salvação, entrega-se a Ele, afirma o seu compromisso de seguimento do Senhor e aprende a vida cristã, acompanhado pela comunidade.

Convém ampliar a reflexão sobre estas afirmações, incidindo sobretudo na unidade destas duas funções básicas da iniciação cristã: a catequese e a liturgia que é necessário salvaguardar. Unidade que advém, como já vimos, da unidade constitutiva da transmissão da fé. Não é de estranhar por isso, que o *Catecismo*

²⁶ *Directório Geral da Catequese*, 66; cf. CD 14.

²⁷ PAULO VI, *Const. Apost. Divinae Consortium naturae*: AAS 63 (1971) 657– Cf *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*, preliminares (RICA).

da Igreja Católica vincule ambas as funções básicas quando expõe o processo e a natureza própria da iniciação cristã: “Desde os tempos apostólicos que, para se chegar a ser cristão, segue-se um caminho e uma iniciação que consta de várias etapas. E compreende sempre alguns elementos essenciais: o anúncio da palavra, o acolhimento do Evangelho que leva à conversão, a profissão de fé, o Baptismo, a infusão do Espírito Santo, o acesso à comunhão eucarística”²⁸.

- b) Em primeiro lugar, é necessário aprofundar continuamente a análise do sentido e significado correcto dos sacramentos no processo de iniciação cristã. Os sacramentos, sabemos, não podem ser considerados como simples realizações do acto litúrgico (como simples ritos litúrgicos) mas sim como verdadeiros actos intensivos que integram, além do mistério, o acontecimento de salvação que se faz eficazmente actual na celebração sacramental, um processo e caminho de enraizamento (de consolidação e crescimento) do dom sacramental no iniciando. Isto é, pelos sacramentos da iniciação, a vida que é Cristo vem ao nosso ser, ao ser lavados pelo Baptismo, unguídos na Confirmação, alimentados na Eucaristia. Ora, este dom sacramental compreende também o acolhimento e o contributo do homem, a interiorização do significado da acção salvífica e o desenvolvimento do novo sentido da vida. Implica, por isso mesmo, assumir responsabilidades e compromissos; a participação viva, activa e capaz de acolher e corresponder à realidade da graça sacramental.

A grandeza do Mistério Pascal celebrado exige, pois, uma educação na fé, de tal maneira que leve cada iniciando a viver os sacramentos como verdadeiros sacramentos da fé²⁹, a vivê-los, em definitivo, como acontecimentos de salvação. Isto é, o dom sacramental da graça deve enraizar-se no coração do catecúmeno e deve desenvolver-se progressivamente. Assim recorda Paulo a Timóteo. Deve trabalhar - exorta-o - para reavivar e aprofundar o dom do sacramento da ordem que recebeu, deve ser-lhe fiel: “Te recomendo

²⁸ *Catecismo da Igreja Católica*, 1229.

²⁹ Cf PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, 47.

que reavives o dom de Deus que te foi conferido, quando te impus as mãos” (2 Tim 1,6).

Com efeito, afirmamos que a verdadeira transformação em Cristo acontece pelos sacramentos de iniciação, enquanto que a nova vida, a participação no Mistério Pascal, se realiza pela participação nos sacramentos. “A liturgia, afirma a Constituição *Sacrosantum Concilium*, é o cume a que tende a acção da Igreja, e ao mesmo tempo, a fonte donde dimana toda a sua força... Dimana a graça da salvação e com a máxima eficácia se obtém a salvação”³⁰.

“De facto, continua o texto conciliar, para assegurar esta eficácia plena, é necessário que os fiéis acedam à Sagrada Liturgia com recta disposição de ânimo e cooperem com a graça divina, para não a receberem em vão. Por isso, os pastores devem procurar que os fiéis participem nela consciente, activa e frutiferamente”³¹.

- c) Catequese e liturgia constituem, pois, uma unidade a preservar e a potenciar adequadamente no processo de iniciação cristã, que se desenvolve de modo principal no catecumenado.
- A catequese, afirmei anteriormente, pertence à própria essência dos sacramentos de iniciação, de modo particular ao Baptismo. Por isso, não faz sentido continuar a considerar a catequese como uma mera instrução preliminar à recepção do sacramento ou como explicação que vem a seguir. Antes, deve ser assumida como “desenvolvimento necessário da graça sacramental”³², como parte própria e, de certo modo, constitutiva do mesmo. O *Directório Geral da Catequese* incorpora, neste sentido, outro elemento para afirmar o carácter baptismal de toda a catequese de iniciação: é a própria profissão de fé baptismal, pois efectivamente “o elo que une a catequese ao baptismo é a profissão de fé, que é, simultaneamente, elemento integrante deste sacramento e meta da catequese” (DGC 66). Com efeito, a profissão de fé, que é elemento integrante do baptismo, é, ao

³⁰ Const. Dogm. *Sacrosantum Concilium*, 10.

³¹ *Ibidem*, 11.

³² *Catecismo da Igreja Católica*, 1231.

mesmo tempo, a meta de toda a catequese, já que esta tem por objectivo: “propiciar uma viva, explícita e operante profissão de fé”³³.

- Logo, a recepção do baptismo implica necessariamente a previsão e implantação de um processo catequético capaz de preparar o catecúmeno para confessar a fé baptismal (a fé da Igreja) de um modo pessoal, livre e duradouro. Ou em outras circunstâncias e práticas pastorais (as mais comuns hoje nas nossas Igrejas), o gérmen da fé que o baptismo plantou no ser humano deve ser enraizado, cuidado e desenvolvido. A nova criatura que nasceu das águas baptismais deve ser protegida, alimentada e atendida no seu desenvolvimento. A fé que, em seu nome, confessou a comunidade deve ser nele interiorizada e enraizada convenientemente para transformar toda a vida do baptizado. De facto, a profissão da fé baptismal pede uma atenção singular à pessoa do crente e uma presença catecumenal verdadeira. É necessário que a comunidade se esforce eficazmente na configuração e “estruturação” da personalidade cristã, acompanhe catequeticamente o iniciando, para que possa professar a fé e viver de acordo com ela, para que possa aprofundá-la e orientar a sua vida em conformidade com ela. Toda a catequese, que nasce da profissão de fé da Igreja (numa comunidade cristã concreta) tem, como sua meta, a profissão da fé da Igreja, por parte do catequizando.

IV. A CATEQUESE AO SERVIÇO DA INICIAÇÃO CRISTÃ

A catequese ao serviço da iniciação cristã tem sido amplamente estudada. Todos nós temos consciência da importância e centralidade que tem em todo o projecto de carácter catecumenal. Não pretendo, neste momento, oferecer uma reflexão sistemática sobre a mesma. Tão somente assinalarei alguns princípios e critérios fundamentais que hão-de inspirar hoje, em minha opinião, o desenvolvimento de toda a catequese de iniciação cristã e sobre os quais devemos continuar a insistir, de modo especial, neste momento da vida da Igreja. Exporéi estes critérios de modo sintético, entendendo que deve articular-se

³³ DGC 66; *Mensagem ao Povo de Deus*, 11.

um desenvolvimento analítico posterior, em virtude das circunstâncias e das condições concretas.

1. A catequese da iniciação cristã, itinerário de fé para o encontro com o Senhor

Em primeiro lugar, a catequese ao serviço da iniciação cristã, deverá constituir-se e desenvolver-se como um autêntico itinerário de fé para o encontro com o Senhor, como um caminho orientado com clareza e guiado para uma meta determinada, ou seja, a descoberta e o acolhimento do Senhor.

a) A história da salvação, caminho de encontro com Cristo

A história da salvação apresenta-se, toda ela, como um itinerário de intervenções amorosas de Deus a favor de todos os homens: como um processo gradual, constituído por etapas sucessivas, através das quais Deus, mediante obras e palavras, se vai dando a conhecer a si mesmo e ao mistério da sua vontade, que é comunicar a sua própria vida divina aos homens, para fazer deles, em seu Filho único, filhos adoptivos (cf. Ef 1, 45); como um processo de diálogo aberto com os homens a quem quer fazer, em sua liberdade, capazes de Lhe responder, de O conhecer e amar; como um caminho de encontro feito de palavras e de acções salvadoras de Deus, que culmina no definitivo acontecimento da Páscoa de Cristo. Esta história santa em que Deus vai “preparando” o homem para acolher a Revelação, constitui sem dúvida, enquanto história do amor de Deus pelo homem, o modelo de referência para a catequese de iniciação cristã. Deus procura continuamente o homem, aproxima-se dele, chama-o. A iniciativa é sua. Ele precedeu-nos, encontrou-nos primeiro. Como diria Pascal: “Nós não O procuraríamos, sem que nos tivesse encontrado antes”.

Esta realidade há-de inspirar a nossa catequese de iniciação cristã, de modo que, apoiados e estimulados pelas atitudes e decisões das testemunhas desta história de ontem, dos santos e santas da Igreja de todos os tempos e dos fiéis cristãos de hoje, que participam neste itinerário de fé e de salvação, a comunidade cristã procurará oferecer uma catequese que impulsione o percurso efectivo dos catequizandos até ao encontro do Senhor,

acompanhando-os e ajudando-os a descobrir a presença e as sucessivas intervenções de Deus na sua vida e a dar resposta às mesmas; ensinado-os a vincular-se existencialmente ao diálogo de salvação, suscitado por Deus ao longo da história dos homens, e que hoje tem lugar, do mesmo modo, com eles na Igreja “instrumento de redenção universal”³⁴ por meio do qual Cristo “manifesta e realiza, ao mesmo tempo, o mistério do amor de Deus pelo homem”³⁵.

Este é o sentido de itinerário na catequese de iniciação cristã: caminhar efectiva e realmente ao encontro de Cristo. Se isto não ocorre, não há itinerário, se este caminho é apenas intelectual, emocional ou imaginário, não existe processo catequético propriamente dito, por muito que tenha sido planeado, desenhado e aplicado. Como sabemos, “a finalidade definitiva da catequese é colocar alguém não só em contacto, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo, conduzir à comunhão com Jesus Cristo: só Ele pode conduzir-nos ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participantes da vida da Santíssima Trindade” (CCE 426; CT 5; DGC 80). Trata-se de o alcançar realmente, não apenas projectá-lo, imaginá-lo ou desejá-lo.

Em síntese, se esta é a meta própria da catequese de iniciação, é ela que deve inspirar e orientar o projecto catequético da comunidade, o trabalho do catequista e o desenvolvimento e progresso do catequizando na fé. Uma catequese que ajude a viver a experiência da fé, que acenda e faça crescer a fé, que cultive e renove toda a experiência do catequizando até reconhecer e acolher Deus pela fé.

b) Caminho a percorrer em tempos e etapas

Em virtude de tudo isto, a catequese de iniciação há-de estabelecer-se como um caminho de fé desenvolvido com gradualidade e progressão. Em conformidade com o itinerário da salvação querido por Deus, como mostram as Sagradas Escrituras, e tendo em conta as variadas situações humanas e o ritmo de crescimento na fé, a

³⁴ Const. Dogm. *Lumen Gentium*, 9.

³⁵ Const. Past. *Gaudium et spes*, 45.

catequese de iniciação deve cuidar oportunamente do avanço progressivo de cada catequizando, mediante um processo de maturação desenvolvido de forma gradual.

Assim tem dito a Igreja desde o início. “Desde o tempo dos apóstolos, diz o *Catecismo da Igreja Católica*, que tornar-se cristão é programa que se processa através dum itinerário e duma iniciação em diversas fases”. E assinala que podem existir circunstâncias de possibilidade e de capacidade em cada pessoa, até ao ponto de este caminho poder ser percorrido mais rápida ou mais lentamente³⁶.

No longo período do catecumenado primitivo, aparecem uma série de actividades formativas e de desafios preparatórios que marcavam liturgicamente o caminho da preparação catecumenal e desembocavam na celebração dos sacramentos da iniciação cristã³⁷.

O *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos* apresenta, neste sentido, um modelo típico de itinerário gradual e progressivo, que conhecemos amplamente. Pelo seu valor inspirador e até normativo, parece conveniente articular a catequese de iniciação cristã tendo em conta os seus correspondentes tempos e etapas. A sua necessária actualização e aplicação a cada circunstância, pessoal ou cultural, assim como a criatividade no desenvolvimento de cada tempo e etapa, não nos impede de assumir o espírito e o sentido que o anima.

Por isso, será necessário, em qualquer caso, ter em conta, com rigor e criatividade, os componentes ou elementos constitutivos dos diferentes tempos do itinerário, componentes que se reclamam entre si e interagem continuamente durante todo o itinerário de fé. Estou a referir-me em concreto ao anúncio e ao acolhimento da Palavra de Deus, ao exercício ascético-penitencial, à aprendizagem espiritual, ao aprofundamento da Mensagem, às celebrações litúrgicas, à oração e à prática da vida cristã. São todos estes os

³⁶ *Catecismo da Igreja Católica*, 1229.

³⁷ *Catecismo da Igreja Católica*, 1230.

grandes vectores ou coordenadas de toda a catequese de iniciação, que se hão-de preservar. Por sua vez, tem de se ter em conta a realidade e a situação pessoal e cultural dos catequizandos, que deve ser entendida adequadamente e sobre a qual se há-de edificar a identidade cristã e eclesial.

2. Itinerário de fé como exercício da vida cristã

A catequese ao serviço da iniciação cristã há-de consolidar-se também como exercício de vida cristã. Exercício que se conseguirá por duas vias ou instâncias: graças à presença de um âmbito de fé e à prática efectiva da fé por parte do iniciando.

- a) Em primeiro lugar, é necessário contar com um âmbito de fé que envolva o catecúmeno e lhe permita, vivendo nele, sentir e aprender as realidades da fé. Trata-se de lhe oferecer a possibilidade de participar, de maneira activa, na vida de uma comunidade viva, que professa, celebra e vive a fé cristã. Como afirma o *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos*: “A iniciação dos catecúmenos faz-se no seio da comunidade de fiéis, âmbito imprescindível da fé”³⁸. É nessa comunidade concreta e através dela que a Igreja exercerá a sua função de Mãe que gerará e dará à luz novos filhos.

Este modo, ao falar desta comunidade cristã viva, não me estou a referir à exemplaridade ética da mesma, à exemplaridade da vida dos seus membros. Refiro-me, antes de mais, à realidade da Igreja do Senhor enquanto realidade sacramental, enquanto mistério da presença salvadora de Deus entre os homens ³⁹.

Trata-se de dar a oportunidade ao catecúmeno de “submergir” na Igreja, de captar e reconhecer a realidade sacramental que é a Igreja, de descobrir, no seu valor e sentido próprio, os bens de vida que possui; os dons com que o seu Fundador a enriqueceu: a Palavra, a comunhão fraterna, os sacramentos, os ministérios e carismas, os testemunhos de santidade; trata-se, em suma, de aprender, em comunhão profunda com a própria Igreja ali representada na comunidade, o Mistério da Salvação que, por infusão do Espírito

³⁸ RICA, Observações prévias.

³⁹ Cf. Const. Dogm. *Lumen gentium*, 1, 8, 9.

Santo, ali se manifesta e que só a fé pode captar; trata-se de aprender, como “por osmose”, os mistérios da fé e da vida cristã.

Mais do que dar argumentos e razões convincentes, mais do que estratégias e procedimentos de ordem organizativa e pedagógica, acima das percepções superficiais dos aspectos puramente institucionais, trata-se de saber conduzir os catequizandos até à descoberta da realidade misteriosa da Igreja, os sinais da presença de Deus nela.

- b) Em segundo lugar, importa que o iniciando pratique a vida cristã. Não só que a veja, a sinta, que a conheça e seja informado sobre ela, mas que a pratique, que se exercite nela.

Em concreto, deve aprender a escutar a Palavra e a praticá-la em obras de vida; deve descobrir o sentido e exercitar-se na oração; deve iniciar-se na celebração e participação dos sacramentos; tem que aprender a combater diariamente o mal e a praticar a conversão⁴⁰. E tudo isto deve ser discernido e reconhecido na comunidade cristã que acompanha espiritualmente o catequizando.

A semente da fé semeada pelo Espírito no baptismo, porque comporta germinalmente o fruto que dela há-de brotar, está chamada a ganhar forma e a desenvolver-se em obras de vida cristã. De facto, o catecúmeno deve ser iniciado realmente no seguimento de Cristo e, enquanto tal, há-de transparecer na vida diária em obras de vida evangélica.

3. Itinerário de fé e de formação orgânica, básica, essencial e centrada no núcleo da Mensagem Cristã

A catequese de iniciação, pela sua própria natureza, tem de pôr as bases e os fundamentos da fé, por isso, se apresenta como uma formação orgânica e sistemática da fé, como uma formação essencial e centrada na núcleo da Mensagem e da experiência cristã. É precisamente isto (formação orgânica, básica e essencial) o que distingue a catequese de iniciação de outras formas catequéticas⁴¹. Por ser de

⁴⁰ Cf. DGC, 85-87; IC, 41-42.

⁴¹ Cf. *Directório Geral da Catequese*, 67; *Catechesi Tradendae*, 21.

iniciação, deve “colocar as bases do edifício espiritual do cristão, alimentar as raízes da sua vida de fé, capacitando-o para receber o posterior alimento sólido na vida da comunidade cristã⁴².”

Ora, esta formação orgânica, que inclui um verdadeiro ensino, é, sem dúvida, algo mais que um ensino: é uma aprendizagem de toda a fé e vida cristã, é “uma iniciação cristã integral” (CT 21). Hoje esta exigência tem uma relevância especial e constitui um grande serviço aos nossos catecúmenos, cuja estrutura racional e religiosa, por força do relativismo cultural, da quebra da verdade e da precariedade de referências estáveis, se tornou fragmentada e debilitada.

Pois bem, as realidades básicas e essenciais do mistério cristão, que constituem o conteúdo e o objecto próprio da catequese de iniciação, expressam-se no símbolo da fé, celebram-se nos sacramentos da Igreja, são propostos nas exigências e ensinamentos evangélicos, mostram-se nos testemunhos de vida dos santos e na herança espiritual dos Padres, e são expostos nos ensinamentos dos pastores da Igreja. Além disso, estas realidades canalizam-se e manifestam-se nas diferentes linguagens da fé (bíblica, litúrgica, doutrinal e testemunhal), que constituem a linguagem própria da fé, guardada pela Igreja, ao longo dos séculos, e que a catequese deve utilizar.

Assim, estas realidades de fé (o mistério de Deus, suas obras de salvação e o ser e o sentido verdadeiro da vida do homem) devem ser apresentadas na catequese de modo sistemático e orgânico, evitando toda a dispersão e fragmentação, e mostrando a harmonia do corpo da fé e a sua coerência interna, já que esta é a maneira de proporcionar uma formação básica, para um enraizamento essencial da fé cristã nos catequizandos.

“Em síntese, a catequese de iniciação, por ser orgânica e sistemática não se reduz ao meramente circunstancial ou ocasional; por ser uma formação para a vida cristã supera, incluindo-o, o mero ensino; por ser essencial, centra-se no que é comum para o cristão, sem entrar em questões disputadas nem converter-se em investigação teológica.

⁴² Cf. *Directório Geral da Catequese*, 67; cf. CT 21; IC 41–42.

Enfim, por ser iniciação, incorpora na comunidade que vive, celebra e testemunha a fé. Exerce, portanto, ao mesmo tempo tarefas de iniciação, de educação e de instrução”⁴³.

4. Um itinerário de fé na escola de Jesus Mestre.

Pedagogia da catequese de iniciação cristã

Na escola de Jesus Mestre, que cuidou atentamente da formação de seus discípulos, os quais enviou depois em missão (cf Jo 15, 15; Mc 9, 33–37; Lc 11, 1–2 e 12, 41) a catequese há-de encontrar hoje o seu modelo de referência para acompanhar os catequizandos no itinerário da fé. Em Cristo, atentos às suas palavras e obras, aprenderemos hoje também nós a pedagogia de Deus.

Os bispos espanhóis, ao falarem da pedagogia própria da catequese de iniciação cristã, afirmam: “A catequese de iniciação há-de inspirar-se, como sua fonte e modelo, na pedagogia de Deus manifestada em Cristo e na vida da Igreja e há-de contar com a acção do Espírito Santo na comunidade e em cada cristão”⁴⁴. Quer dizer, as fontes que hão-de inspirar e regular a pedagogia da catequese de iniciação cristã são as seguintes:

- *A pedagogia de Deus.* Na história da salvação, é-nos apresentada uma original e eficaz pedagogia de Deus. A sagrada Escritura apresenta-nos Deus como um Pai misericordioso, que se aproxima do homem e do seu povo nos acontecimentos da vida, os acompanha na sua procura, os liberta dos vínculos do mal e os ajuda a crescer progressivamente até os conduzir à liberdade da Aliança ⁴⁵.
- *A pedagogia de Cristo.* Em Cristo, esta pedagogia de Deus torna-se explícita e próxima: Jesus Cristo, o Filho de Deus, assumindo a nossa débil condição humana, faz-se semelhante a nós e fala-nos segundo a nossa condição terrena⁴⁶. Santo Ireneu de Lyón falará desta pedagogia divina sob a imagem de um novo acostumar-se entre Deus e o homem: “O Verbo de Deus habitou no homem e

⁴³ *Directório Geral da Catequese*, 68.

⁴⁴ IC, 43; cf. CT 54.

⁴⁵ Cf. *Directório Geral da Catequese*, 139.

⁴⁶ Cf. Const. Dogm. *Dei Verbum*, 13.

tornou-se Filho do homem, para habituar o homem a compreender a Deus e para acostumar a Deus a habitar no homem, segundo a vontade do Pai⁴⁷.

- *A pedagogia do Espírito Santo*. Ele é o princípio inspirador de toda a obra catequética; Ele é na Igreja o mestre interior que nos faz compreender os mistérios da fé⁴⁸. Como diz o Senhor: “Ele vos ensinará e vos recordará tudo o que Eu vos disse” (Jo 14, 26); “Quando vier o Espírito da verdade, Ele vos guiará até à verdade total” (Jo 16, 13).

A Igreja, desde os primórdios, vive a sua identidade e realiza a sua missão em continuidade com a acção pedagógica do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ela é nossa mãe e também a educadora da nossa fé⁴⁹. Ela é, em si mesma, catequese viva porque professa, anuncia, celebra e vive a fé⁵⁰. É, por isso, âmbito indispensável e primário de catequese.

Pois bem, se estas são as fontes e critérios que hão-de inspirar a pedagogia da catequese de iniciação cristã, os traços e caracteres principais que configuram nesta pedagogia, serão os seguintes:

- *A pedagogia do encontro*, capaz de proporcionar no homem atitudes de comunicação e de diálogo com Deus que sai ao seu encontro, como assinala a história da salvação, que o interpela e lhe fala ao coração, estabelece com ele um diálogo de amizade e busca a sua resposta na liberdade.
- *A pedagogia da encarnação*, que significa aprender a continuar, também no proceder do catequista, o caminho empreendido por Deus que se fez “condescendente” para com o homem, se aproxima e assume a realidade humana concreta e fazendo-o purifica, transforma e salva o homem.
- *A pedagogia dos sinais*, que tratará de ajudar o catequizando a adquirir um olhar novo graças à luz da fé⁵¹, abrindo-se assim ao

⁴⁷ S. Ireneu de Lion, *Adversus haereses*, 2, 20, 2 (PG 7, 944) cf. DGC 140.

⁴⁸ Cf. CT 72; DGC 142.

⁴⁹ Cf. CCE 169; DGC 141.

⁵⁰ Cf. DV 8.

⁵¹ Cf. Comissão Episcopal de Ensino e Catequese, *Catequese da Comunidade*, 216, 219.

mistério cristão: ao mistério de Jesus até descobrir n'Ele, mediante os sinais que realiza, o Filho de Deus; ao mistério da Igreja, o sinal da salvação que Deus deu à humanidade inteira; ao mistério dos sinais sacramentais, para descobrir neles a presença e a acção de Deus; ao sinal do testemunho da fé e das obras de caridade de tantos cristãos, para descobrir aí a acção do Espírito Santo; aos sinais dos tempos para descobrir, a partir deles, o projecto de Deus na história da humanidade.

- *A pedagogia da gradualidade.* Se a iniciação cristã gira toda ela em torno do mistério pascal, a pedagogia própria desta catequese terá de iniciar na aprendizagem do sentido da Nova Aliança, da passagem do homem velho ao homem novo, do crescimento e progresso na fé.
- *A pedagogia da inserção na Igreja.* Uma pedagogia que inicia o catequizando na comunhão eclesial. Capaz, pois, de mergulhar os catequizandos na vida e no mistério da Igreja, para que cheguem a descobrir nela as fontes da vida e da salvação.
- *A pedagogia da unidade.* Que mostre, em primeiro lugar, a unidade da fé ao integrar e articular adequadamente todas as dimensões da fé e da vida cristã. Em segundo lugar, uma pedagogia capaz de potenciar a união e a coordenação de todos os âmbitos e lugares onde acontece a iniciação cristã, conjugando convenientemente, em benefício dos catequizandos, as diferentes tarefas, actividades e objectivos desses âmbitos e lugares⁵².

CONCLUSÃO

Quis apresentar os princípios que fundamentam a transmissão da fé e constituem em sua essência a iniciação cristã. Enquanto tal, eles são os que marcam a orientação e o sentido de todo o projecto pastoral da iniciação e, em concreto, da catequese ao serviço da iniciação cristã. Mantive-me ao nível dos princípios e critérios essenciais porque são estes, segundo penso, aos quais se deve dar prioridade na actual situação das nossas reflexões e trabalhos no campo da iniciação cristã.

⁵² Cf. IC 32.

Neste momento da sociedade e da Igreja, em que se adverte a necessidade urgente de um renovado empenho evangelizador, por um lado, e de um esforço de criatividade e coragem pastoral, por outro, se impõe, segundo penso, uma atenção especial e uma real fidelidade às fontes e aos princípios-base, porque precisamos de alcançar clareza e de nos concentrarmos no fundamental. Só assim será possível potenciar a criatividade e o entusiasmo pastoral e avançar na justa resposta aos problemas colocados hoje às comunidades cristãs em relação com a iniciação cristã.

Os nossos debates intermináveis e, em certos casos, as nossas desavenças que tanto nos bloqueiam e esterilizam, alcançarão saída sobre um acordo básico quanto aos princípios (nas realidades fundamentais que fundam e sustentam a vida da Igreja) que finalmente nos capacitarão para construir e desenvolver projectos fecundos e frutuozos.

Por outro lado, também convém realçar que para uma catequese de iniciação, como a que descrevi, a figura do catequista é fundamental. Um catequista, guia espiritual, porque ele mesmo fez antes este percurso, que acompanhe na aprendizagem e maturação da fé os catequizandos. Um catequista transmissor autêntico da revelação de Deus, isto é, testemunha da presença e da salvação de Deus (o testemunho é a linguagem própria da transmissão da fé e por isso do catequista) que ensina a ver os sinais de Deus hoje na Igreja e no mundo; um catequista que, como afirma o Papa João Paulo II: “mostra e faz ver Jesus Cristo aos homens do nosso tempo”⁵³.

⁵³ João Paulo II, *Novo Millennio Ineunte*, 16.

Eucaristia e Iniciação Cristã

P. JOÃO RIBEIRO (*)

INTRODUÇÃO

O que mora no fundo das nossas preocupações pastorais, quando relacionamos Catequese e Eucaristia, é a questão, aparentemente simples, que habitualmente expressamos assim: *Como levar os catequizandos à Eucaristia, e concretamente, à Eucaristia dominical?*

Digamos, antes de mais, que na relação Catequese – Eucaristia¹, ambos os termos se exigem e se implicam mutuamente. Isto é, em que medida a catequese conduz à Eucaristia e, simultaneamente, de que modo, e como, pode a Eucaristia ajudar a catequese a iniciar à fé dos catequizandos? A questão, assim colocada, pede-nos que, em primeiro lugar, esclareçamos o que é a catequese, qual a sua finalidade e as suas tarefas fundamentais. Em segundo lugar, exige-nos que apontemos algumas chaves catequéticas para iniciar à Eucaristia. Por fim, será necessário destacar a dimensão catequética da Eucaristia.

I. A CATEQUESE DE INICIAÇÃO CRISTÃ

1. A catequese e a sua finalidade

A Igreja, se quer ser fiel a si mesma, à sua profunda identidade, não pode renunciar à sua responsabilidade maternal específica: a de gerar novos filhos, pelo Espírito, em Cristo. A Igreja cumpre esta responsabilidade através dum itinerário e duma iniciação em diversas

* Director do Secretariado Diocesano do Porto; Professor de Teologia na UCP; Doutorando em Teologia Catequética. Comunicação proferida na Reciclagem do Clero da Diocese de Viseu, em Abril de 2005.

¹ Trata-se aqui do 'problema' da relação entre catequese e liturgia e vice-versa. O DGC, ao falar de catequese de iniciação cristã, supera em grande parte qualquer dicotomia.

fases e com alguns elementos essenciais: “o anúncio da palavra, o acolhimento do Evangelho que implica a conversão, a profissão de fé, o Batismo, a infusão do Espírito Santo, o acesso à comunhão eucarística” (CIC 1229).

Este itinerário, inspirado na pedagogia de Deus que, de uma forma progressiva e gradual, se vai revelando ao longo da história, concretiza-se em duas modalidades:

- a) **Itinerário “catecumenal” ou catecumenado baptismal** para não batizados (DGC 88–89); consta das seguintes etapas: o *pré-catecumenado*, mediante o primeiro anúncio ou “kerigma” que conduz à conversão; o *catecumenado* e o *tempo de purificação e iluminação*, que introduz e faz amadurecer na fé, na celebração litúrgica (Sacramentos de iniciação) e na vida cristã, e no qual tem lugar a entrega do “Símbolo” (o Credo) e da “Oração do Senhor” (o Pai-Nosso); a “*mistagogia*” que aprofunda nos sacramentos recebidos e na vida da comunidade.
- b) **Itinerário “catequético” ou catequese pós-baptismal**, para batizados não iniciados, cuja conversão se funda no Batismo recebido (DGC 90–91); inspira-se no catecumenado baptismal e consta das seguintes etapas: *pré-catequese* ou etapa de busca e clarificação da fé; *catequese* ou etapa de amadurecimento e fortalecimento da fé; *experiência sacramental* ou etapa de interiorização da fé. Esta é, de modo generalizado, a modalidade da catequese das nossas comunidades paroquiais.

Este “processo catequético” de iniciação, aprofundamento e amadurecimento na fé implica:

- 1) *uma formação orgânica e sistemática*, não improvisada nem ocasional; flexível, pois tem de se adaptar às pessoas;
- 2) *uma formação integral*, que cultive todas as dimensões da fé: conhecer, orar-celebrar, viver e testemunhar-anunciar;
- 3) *uma formação básica e fundamentadora*: cimeta-se a vida cristã (certezas simples, mas sólidas, e valores evangélicos fundamentais);
- 4) *com uma duração definida*, ou seja: temporal; com um princípio e um fim: é uma “etapa do processo evangelizador”.

O *Directório Geral da Catequese* explica que a finalidade da acção catequética é favorecer uma profissão de fé viva, explícita e actuante², em ordem à comunhão e à intimidade com Jesus Cristo³. *“Para alcançar esta finalidade, a Igreja transmite aos catecúmenos e aos catequizandos a sua fé e a sua viva experiência do Evangelho, a fim de que estes a assumam como sua e, por sua vez, a professem. Por isso, «a catequese autêntica é sempre iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus fez de Si mesmo à humanidade, em Jesus Cristo. Esta revelação permanece na memória profunda da Igreja e nas Sagradas Escrituras, e é constantemente comunicada, por uma tradição (traditio) viva e activa, de geração em geração”*⁴.

A finalidade da catequese é, então, a de despertar, fazer crescer e amadurecer a vida nova recebida no baptismo, para colocar a pessoa em comunhão e intimidade com Cristo e na disposição de O seguir. Trata-se de suscitar a fé, no seio da Igreja, mediante o anúncio da Palavra de Deus e a progressiva incorporação e participação na fé e na vida da Igreja.

2. Tarefas da Catequese

Esta finalidade da catequese vai-se realizando através de diversas tarefas concretas e implicadas mutuamente. Estas tarefas pretendem educar as diferentes dimensões da fé, para que se possibilite uma educação cristã integral, na qual *“a fé seja conhecida, celebrada, vivida, feita oração, partilhada e anunciada”* (DGC 84).

Estas dimensões fundamentais são:

- a) *Conhecer a Mensagem Cristã – A catequese tem de proporcionar uma iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus realizou em Jesus Cristo. O crente tem de ir penetrando no conhecimento do Mistério cristão e “recordar” as maravilhas realizadas por Deus com o seu povo. Esta dimensão é fundamental, embora não deva*

² Cf. DGC 66.

³ Cf. CT 5 e DGC 80.

⁴ DGC 66.

*reduzir-se a ela toda a catequese*⁵. Não basta saber o catecismo para se ser cristão. Jesus não empregou o verbo “ensinar”, mas o verbo “discipular”, isto é, fazer discípulos, que exprime uma relação mais pessoal: a comunicação, não de uma doutrina, mas de uma Pessoa.

- b) *Educação Litúrgica* – “A comunhão com Jesus Cristo leva a celebrar a Sua presença salvífica nos sacramentos e, de modo especial, na Eucaristia” (...). Para isso, a catequese, além de favorecer o conhecimento do significado da liturgia e dos sacramentos, deve educar os discípulos de Jesus Cristo para a oração, para a gratidão, para a penitência, para as preces confiantes, para o sentido comunitário, para a percepção justa do significado dos símbolos..., uma vez que tudo isso é necessário, para que exista uma verdadeira vida litúrgica” (DGC 85)⁶.
- c) *Formação Moral* – O encontro progressivo com Cristo leva o crente a despertar para a adesão total à sua pessoa, tornando-o um verdadeiro “seguidor”. Este “seguimento”, promove-se suscitando atitudes cristãs, maneiras de ser e de viver, concordantes com as bem-aventuranças e com as próprias atitudes do Mestre⁷. Educar em profundidade, na fé, é ajudar a suscitar aquelas atitudes vitais do homem novo, “que vive em justiça e santidade verdadeiras” (Ef. 4, 22) e que “sabe mostrar as consequências sociais das exigências evangélicas” (CT 29).

⁵ *Este conhecimento da fé integra: noções-chave, valores, experiências, acontecimentos, palavras de Jesus, fórmulas de profissão de fé, textos litúrgicos...*

“As principais fórmulas da fé devem ser especialmente consideradas como objecto de memorização, porque asseguram uma exposição mais precisa da fé e garantem um precioso património doutrinal, cultural e linguístico... É preciso, porém, que tais fórmulas sejam propostas como síntese, após um prévio caminho de explicação, e que sejam fiéis à mensagem cristã... O essencial é que os textos memorizados sejam, ao mesmo tempo, interiorizados e compreendidos, pouco a pouco, na sua profundidade, a fim de se tornarem fonte de vida cristã pessoal e comunitária” (DGC 154).

⁶ “A catequese intelectualiza-se se não for haurir a vida na prática sacramental” (CT 23).

⁷ “Assim, os discípulos deverão percorrer um caminho de transformação interior ao longo do qual, pela sua participação no mistério pascal do Senhor, passam do homem velho para o homem novo em Cristo” (DGC 85).

- d) *Ensinar a Orar* – A catequese tem de suscitar a oração, individual e comunitária, como resposta crente à Palavra de Deus. Não se trata apenas de ensinar orações, ainda que isto seja necessário. O que é verdadeiramente importante é ensinar a orar, a relacionar-se com Deus, “*com os mesmos sentimentos com os quais Jesus se dirigia ao Pai: a adoração, o louvor, o agradecimento, a confiança filial, a súplica e a contemplação da Sua glória*” (DGC 85). Para isso, é necessário que a catequese se realize num clima de oração e se converta em verdadeira escola de oração.
- e) *Educação para a Vida Comunitária* – *Toda a catequese é feita pela Igreja, na Igreja, e deve construir a Igreja. Compete-lhe capacitar o catequizando a sentir-se membro vivo e activo da comunidade eclesial. A própria experiência da catequese, como encontro, reunião viva e activa de irmãos que escutam juntos a Palavra de Deus, rezam, partilham e agem, tem de ser para os catequizandos a primeira experiência de Igreja. Ao mesmo tempo, tem de se procurar que os catequizandos vão adquirindo experiências de participação nas tarefas da comunidade, assumindo responsabilidades, ainda que seja de forma básica. É necessário colocá-los progressivamente, em contacto com os cristãos de ontem e de hoje que viveram e vivem a sua fé em comunidade e ajudá-los, ainda, a abrirem-se para um sentido de ecumenismo “favorecendo atitudes fraternas para com os membros de outras Igrejas e outras comunidades eclesiais”* (DGC 86).
- f) *Iniciação à Missão* – A vivência de uma fé madura leva consigo a disposição para cooperar nos diferentes serviços eclesiais, segundo a vocação de cada um. A catequese deverá convidar a responder à Palavra de Deus com o compromisso de uma fé viva, manifestada em obras de transformação da sociedade, e colaborar, assim, na construção do Reino de Deus. Para conseguir esta meta, a catequese terá que ajudar o catequizando a discernir a própria vocação, “*esforçando-se por tornar os discípulos de Jesus capazes de estarem presentes, como cristãos, na sociedade, e na vida profissional, cultural e social; e usar todos os meios disponíveis para suscitar vocações sacerdotais e de particular consagração a Deus, nas diversas formas de vida religiosa e apostólica*” (DGC 86).

Estas tarefas não devem ser consideradas como tarefas separadas, mas como aspectos complementares do único objectivo fundamental da catequese: *suscitar, educar e fazer amadurecer a fé*. Todas as tarefas são necessárias. Se faltasse uma delas, a catequese seria incompleta e não se daria um crescimento harmonioso de todas as dimensões da fé.

Cada uma das tarefas, pelo seu carácter próprio, realiza a finalidade da catequese; porque todas estão interrelacionadas de tal maneira que, de certo modo, cada uma exige, reclama, inclui e supõe as outras. Todas estas tarefas estão mutuamente interligadas e desenvolvem-se simultaneamente, sem se confundirem⁸. Tendo isto em conta, importa oferecer algumas chaves, ou linhas catequéticas, para a iniciação cristã à eucaristia.

II. CHAVES CATEQUÉTICAS PARA A INICIAÇÃO À EUCHARISTIA

Uma catequese que inicie à fé e à vida cristã tem de introduzir o catequizando na celebração, espírito e dinamismo vital da eucaristia. O que tentamos oferecer, neste texto, são um conjunto de chaves catequéticas, ou linhas pedagógico-catequéticas, em ordem a uma iniciação à eucaristia, porque a Eucaristia é “fonte e centro de toda a vida cristã” (LG 11)⁹.

1. Iniciar a uma existência eucarística

Iniciar a uma existência eucarística é viver, no quotidiano, o que a Eucaristia celebra. Para nos podermos adentrar no alcance e significado

⁸ DGC 87: “Cada grande tema catequético tem uma dimensão cognoscitiva e implicações morais; interioriza-se na oração e é assumida no testemunho. Uma tarefa reclama outra: o conhecimento da fé torna-nos aptos para a missão; a vida sacramental dá a força para a transformação moral”. Para realizar as suas tarefas, a catequese socorre-se de dois grandes meios: a transmissão da mensagem evangélica e a experiência da vida cristã. Assim, por exemplo, “a formação moral não transmite apenas o conteúdo da moral cristã, mas cultiva também, de forma positiva, as atitudes evangélicas e os valores cristãos” (DGC, 87).

As diferentes dimensões da fé são passíveis de serem educadas, tanto na sua perspectiva de “dom” do Espírito, como no seu aspecto de “compromisso”. Cada dimensão da fé deve enraizar-se na experiência humana para que não seja um acrescento e ilumine toda a existência cristã.

⁹ CIC 1324.

da Eucaristia precisamos de nos centrar na vida de Jesus. Trata-se de descobrir, e compreender, que a última Ceia é o momento em que Jesus vive, celebra e partilha, com Deus e com os seus discípulos, o que foi o seu percurso vital. Jesus celebra o que sempre viveu ao longo da sua existência: celebra o seu “corpo entregue” e o seu “sangue derramado”.

Para viver e conduzir ao sacramento da Eucaristia é preciso “eucaristizar a vida” ou iniciar a um “viver eucarístico”. O “fazei isto em memória de mim” (Lc 22, 19) não é o pedido ou a encomenda dum ritual, mas é uma exigência que configura um modo de viver e de celebrar. “O ‘memorial’ de Jesus realiza-se na existência e celebra-se na eucaristia. É esta indissolúvel relação que S. Paulo lembra aos cristãos de Corinto quando eles se limitam a repetir os gestos da ceia de Jesus, sem viver, na comunidade, o amor total que na Eucaristia se manifesta. O apóstolo diz claramente que, sem as atitudes eucarísticas, “isso que celebrais não é a ceia do Senhor” (1 Cor 11, 20). A catequese, para conduzir à eucaristia, tem antes de oferecer e possibilitar o desejo de comunhão com Deus e com a comunidade de irmãos.

a) Viver a comunhão com Deus

A vida de Jesus foi comunhão total e radical com o Pai¹⁰. O mesmo acontece com os seus discípulos, ou seja, a vida autêntica e profunda dos discípulos de Jesus é a comunhão com Deus, na experiência de Deus-Amor, que gera gratuidade amorosa; na experiência de Deus, entregue e aceite, que gera e possibilita vida amorosa. A vida cristã é, portanto, encontro, diálogo, intimidade, comunhão. A catequese tem de iniciar ao encontro, comunhão e intimidade com Deus. Não um Deus abstracto, distante e inacessível, mas com o Deus Trindade, revelado em Jesus Cristo. A Eucaristia é o “lugar” onde esta comunhão se possibilita sacramentalmente, de modo único e inefável.

A catequese tem de iniciar a esta comunhão amorosa com Deus, ou seja, tem de possibilitar o encontro, a comunhão com Deus, de modo a que brote do coração dos catequizandos a confissão de fé de que não se pode viver sem a eucaristia; de modo que a inteligência procure

¹⁰ Veja-se a Oração Sacerdotal de Jesus, em Jo 17, 1-26.

a iluminação inteira da memória e da presença que se celebra; de modo que ajude a fazer comunhão quotidiana, no serviço e na missão; de modo que ajude ao louvor perfeito, “em espírito e verdade”.

b) Viver a comunhão com Jesus Cristo

Celebrar a Eucaristia é professar e viver a experiência duma “presença”. A Eucaristia é memorial, encontro, adesão, seguimento, permanência em Jesus e com Jesus; é deixar-se invadir pelo dinamismo da sua vida pascal. A Eucaristia de Jesus torna-se a Eucaristia do crente, se este se reconhece filho no Filho e com o Filho, se este se faz cristo com Cristo, nova criatura com o Primogénito da nova humanidade, se este é consepultado com Cristo, se é conressuscitado com Cristo. O núcleo da existência eucarística é «viver *‘Cristo em mim e eu em Cristo’*; *‘Cristo presente a mim e eu presente a Ele’*, *‘Cristo dado a mim em comunhão e eu oferecido a Ele em comunhão’*». ¹¹

A catequese de iniciação tem de possibilitar e desenvolver a comunhão espiritual e vital, efectiva com a pessoa de Jesus Cristo. Não se trata, simplesmente, duma adesão teórica e intelectual, mas duma pedagogia que introduz progressivamente no dinamismo da comunhão, a que Deus nos convida. Para esta iniciação, não basta explicar, é preciso despertar e mostrar, “na linha do vinde e vede”.

c) Viver a comunhão em comunidade

A comunhão com Deus e com Cristo, no Espírito Santo, concretiza-se necessariamente na comunhão com os irmãos. O amor a Deus, gera o amor aos irmãos. A existência cristã só pode, autenticamente, designar-se de cristã, quando se vive no amor inteiro a Deus e aos irmãos. É sobre este alicerce que acontece, e se constrói, a acção Eucarística. Só quem vive a dinâmica da vida entregue “pode realizar a acção singular de pertencer à comunhão do ‘Corpo de Cristo’”. ¹²

A comunidade cristã é o âmbito da expressão e da comunhão com Deus. Na Comunidade realiza-se a entrega dos crentes a Deus e a

¹¹ BURGALETA, 14.

¹² Ibidem.

Cristo. A comunidade é o corpo de Cristo e a eucaristia é o sacramento do corpo de Cristo, que é a Igreja¹³. "A vida comunitária, que é comunicação, diálogo, fraternidade, encontro, presença mútua, participação na mesma realidade – koinonia –, é a massa com a qual se fabrica o pão da comunhão"¹⁴.

Em síntese, diremos que, para iniciar à celebração da eucaristia, é necessário promover, em simultâneo, três dinamismos essenciais que supõem e exigem um itinerário catequético iniciatório. São eles: consciência da *presença entregue* de Deus a nós; consciência da *presença entregue* de nós a Deus; consciência da *presença entregue* de nós aos irmãos, em comunidade. Estes dinamismos são fundamentais para iniciar à expressão eucarística.

2. Iniciar à expressão eucarística

A Catequese deve iniciar à Eucaristia, ajudar a descobrir o significado da Eucaristia, através dos principais ritos e orações. Trata-se dum catequese que, não é só (nem sobretudo) instrução ou explicação, mas "iniciação". Iniciar é algo mais que instruir: é ajudar a chegar, a entrar; é fomentar a relação pessoal com Deus; experimentar a fé, a comunhão, as atitudes básicas da celebração¹⁵.

Esta iniciação à Eucaristia não pode fazer-se separada da iniciação à comunidade, mas deve, segundo o *Directório para a Missa com Crianças*, tender a descobrir o significado da Missa e, também, quanto se refere à participação na vida da Igreja¹⁶. Trata-se de fazer compreender e experimentar a Igreja como comunidade que celebra o que acredita, vive e reza. Obviamente que uma catequese de iniciação à eucaristia não pode ser isolada e, fazer-se, por exemplo, só para

¹³ Cf. THIBAUT, Michel – Pour former un seul corps. In : *Catéchèse*, 4 (2000)161, p. 87–93.

¹⁴ *Ibidem*, 16.

¹⁵ Cf. VILLEPELLET, Denis – *Initiation et pédagogie*. In: *Catéchèse*, 4 (2000)161, p. 15–23, sobretudo o assunto do 'lugar do saber na iniciação'. Veja-se ainda MAZZARELLO, Maria Luísa – *Catequesis de la eucaristia para niños*. In: *Enciclopédia de la Eucaristia* (dir. Maurice Brouard). Bilbao. Desclée de Brouwer, 2004, p. 811–819.

¹⁶ Cf. DMC 12.

preparar a Primeira Comunhão, mas proporcionar-se incluída dentro de todo o processo catequético¹⁷.

a) Iniciar à expressão simbólica

A catequese de iniciação à Eucaristia deve possibilitar uma autêntica iniciação à expressão simbólica. Não se trata, apenas, de iniciar ao significado do símbolo¹⁸, mas possibilitar o acesso e a comunhão com a realidade significada. Para isso, será necessário “*ajudar a unificar a profundidade e o exterior, a experiência e a sua expressão, o espiritual e a sua corporização*”¹⁹. Trata-se de fazer experimentar que o sensível, a expressão e o corpo são significativos, porque remetem para o profundo, o interior, o espiritual. Iniciar é, precisamente, favorecer o acesso à comunhão e intimidade com Deus, por via da expressão simbólica²⁰.

A iniciação catequética a esta expressão simbólica faz-se na própria celebração da eucaristia:

- cuidando do espaço celebrativo de modo a que este se ofereça verdadeiramente como “lugar sagrado”²¹;
- valorizando os ministérios, que podem ser desempenhados pelos catequizandos²², assim como as qualidades especiais do presidente da celebração²³, incluindo alguns princípios de psicologia pastoral, que deverá aplicar;
- fomentando os gestos, o movimento e a criatividade visual, a partir de duas questões fundamentais: a natureza própria da liturgia, que é “acção do homem todo” e não só da inteligência e da vontade – a liturgia usa por natureza os sinais e os gestos simbólicos; o

¹⁷ DCG 25.

¹⁸ Não nos cabe aqui explicitar o que é um símbolo e em que se distingue e diferencia dum sinal e as razões pelas quais os sacramentos e a Eucaristia deixaram de compreender-se como símbolos e passaram a entender-se como sinais e as graves

¹⁹ BURGALETA, 17.

²⁰ Cf. *Ibidem*: “O catequista, ao iniciar à eucaristia, tem de ter em conta que o mais fundo – a comunhão com Cristo e entre nós – só aparece, se dá e se recebe no mais periférico e visível. A profundidade está na pele!”.

²¹ Cf. DMC, 25.

²² Cf. DMC, 22

²³ Cf. DMC, 23.

- dinamismo própria da comunhão, que é mais rico e necessita expressar-se com gestos, movimentos e imagens²⁴;
- cuidando da proclamação da Palavra de Deus, que não se proclama para entreter, ou como relato piedoso, ou como catequese sistemática. A Palavra é “celebrada”, com atitude de fé, com canto, com meditação, com a consciência de que Deus nos fala, hoje e aqui. Não se trata de nos colocarmos diante da Palavra como diante duma lição ou tema de estudo, mas diante duma Pessoa que nos fala, que tem tempo para nós, que nos interpela e nos anuncia o seu amor e o seu plano de salvação. Ora, a Palavra de Deus não actua automaticamente. É preciso “ajudar” a Palavra, como se pode inferir da parábola do Semeador²⁵.

Esta catequese de iniciação reclama uma *pedagogia mistagógica* da eucaristia, a partir de símbolos, como a comunidade–assembleia, os ritos de entrada, a palavra, o pão e o vinho, a oração eucarística, a comunhão, o envio, etc. Alguns recursos, pedagógicos, podem ser propostos e trabalhados em ordem a possibilitar o acesso ao coração da realidade simbolizada²⁶.

b) Iniciar à reunião

A catequese de iniciação à eucaristia exige a iniciação à reunião da comunidade que se congrega para celebrar o seu “ser corpo de Cristo”. Trata-se de possibilitar a experiência vital de que esta reunião não é uma mera coincidência, nem uma mera rotina de pessoas dispersas, sem rosto, no mesmo lugar e à mesma hora. Pelo contrário, esta é uma

²⁴ Cf. ALDAZÁBAL, José – *Celebrar la eucaristia con niños*. Dossiers CPL, 20. Barcelona, 1997 (5), p. 11–49.

²⁵ Cf. *Ibidem*.

²⁶ Os recursos a utilizar podem ser a monição antes da proclamação da leitura (a modo de apresentação e ambientação), a leitura “dialogada”; o cuidado com o lugar da proclamação (o ambão e o livro); a procissão para o evangelho; uma boa proclamação: preparada, serena, expressiva; uma encenação: sóbria, que não necessite demasiada preparação nem aparato; a meditação (e/ou homilia), com imagens que ajudem à compreensão da leitura. Cf. DMC, 48. O n° 13 do DMC fala de celebrações de diverso género, onde se percebam, mais facilmente, alguns elementos litúrgicos. Podemos chamar a estas celebrações de celebrações monográficas, que são celebrações mais informais, nas quais se iniciam os catequizandos nas atitudes básicas da e para a eucaristia.

reunião de família, é uma reunião comunitária, porque «*confluência de pessoas convocadas que responderam à chamada de 'estar na presença do outro'; é uma congregação de 'conhecidos' que realizam nela o acto do 'reconhecimento'*»²⁷. Nesta reunião familiar comunitária vive-se a pertença mútua, a identificação como crentes no mesmo Deus e o desafio à missão.

A catequese de iniciação à eucaristia devia empenhar-se por “fazer bem” a reunião. O início desta reunião tem uma densidade própria. na qual se constitui, cria e presencializa o espírito que a anima. Assim, há que cuidar bem do acolhimento, da saudação, ... Notemos, todavia, que não é a monição de entrada quem congrega; quem congrega é Cristo e os irmãos, na medida em que se acolhem e se relacionam. A constituição da reunião eucarística é a primeira e fundamental acção da comunidade, ao redor do seu Senhor. A comunidade reúne-se, não (só) para estar ou assistir, mas para viver e fazer uma reunião de comunhão. Todos os que se reúnem, são sujeitos activos da acção eucarística e do seu desenvolvimento, porque membros da Igreja, povo de Deus. Esta participação, segundo a IGMR, deve ser “consciente, activa, frutuosa”²⁸, “plena”²⁹, “total... de corpo e alma”³⁰. Ninguém pode considerar-se dispensado de participar no que acontece na eucaristia. A acção da celebração, como reconhece a *Sacrosanctum Concilium*, compete a “todo o corpo da Igreja”³¹.

A catequese de iniciação à eucaristia, como reunião, exige uma peculiar *pedagogia das experiências humanas fundamentais, subjacentes à reunião eucarística*: o reunir-se com outros para celebrar, o escutar a Palavra que Deus nos dirige, o dar graças e bendizer a Deus (atitude básica da Oração eucarística), o recordar e oferecer o sacrifício de Cristo na cruz, o comer juntos o Corpo de Cristo, o despedir-se mais comprometidos com Cristo e com os outros.

²⁷ BURGALETA, 18.

²⁸ Cf. IGMR, 11, 14, 19, 21, 48, 50.

²⁹ Cf. IGMR, 5.

³⁰ SC, 3.

³¹ SC, 26.

c) Iniciar à comunicação e intercomunicação

A catequese de iniciação à eucaristia tem de possibilitar o acesso, não à frieza do rito, mas ao seu significado profundo, em ordem a uma vivência, plena e consciente, do mesmo. Compreendendo que a eucaristia é uma realidade de comunhão dinâmica, onde acontece a comunicação, o diálogo, o intercâmbio, a abertura, há que iniciar o catequizando “a saber” situar-se vitalmente num clima de comunicação e intercomunicação.

Esta catequese de iniciação possibilita-se promovendo uma *pedagogia da qualidade comunicativa*. Trata-se de fazer captar a densidade do que se comunica e celebra. O que se oferece e se recebe é alguém que não cabe na estreiteza das palavras, mas é absolutamente significativo para o coração.

d) Iniciar à partilha

A catequese de iniciação à eucaristia tem de convidar à oblação permanente da vida. “*Como a acção ritual da Eucaristia é fundada no sacrifício que Cristo ofereceu uma vez por todas nos dias da sua existência terrena (cf. Heb 5, 7-9) e o representa de forma sacramental, assim a nossa participação na celebração deve trazer consigo a oferta da nossa existência. Na eucaristia, a Igreja oferece o sacrifício de Cristo, oferecendo-se com ele*³²”.

Este oferecer a vida é uma “pré-ocupação”, ou seja, é um antecipar a dádiva da vida antes que a comunidade mo peça; supõe a “atenção” ao outro, e exige que se mantenha fixa em Cristo a mente e a acção. Uma catequese de iniciação à eucaristia tem de promover a partilha e levar à partilha de toda a vida. Partilhar é a prática do amor, é a essência da comunhão.

Assim entendida, a catequese de iniciação pede a promoção e o exercício duma *pedagogia da oblatividade*. Sem partilha, sem ofertório, não há presença. E isto não somente na celebração, como também na

³² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS – Ano da Eucaristia – Sugestões e propostas, 24.

vida. Por isso, o crente não se limita à atitude de ofertório somente na celebração, mas situa-se perante os outros em atitude de “ofertório”: oferece o que tem e o que é, porque aprendeu com o seu mestre «a servir e a dar a vida». (Mt 20,29). O crente actua, sabendo que, se guardar para si a vida, perdê-la-á. Oferecer-se não é um rito, mas um momento de ritual, onde convergem todas as ofertas e todos os dons que se vão realizando na vida que, cada um, vai realizando na sua existência, seguindo os passos de Jesus, que se ofereceu a si mesmo. (Heb 7,27).

e) Iniciar à mesa e ao que se come

Uma catequese de iniciação à eucaristia tem de educar para a mesa eucarística, como se educa as crianças a sentar-se à mesa com os outros. Saber sentar-se à mesa, comportar-se, é sinal de educação. À mesa, conhecem-se e reconhecem-se as pessoas e as relações que estabelecem entre si.

Uma catequese de iniciação à eucaristia deverá preocupar-se também em incorporar a “manducação da fé” (Sto Agostinho). O pão que se come e o vinho que se bebe são o símbolo sacramental da presença real da pessoa, que se dá por meio deles. O corpo, que se recebe, é todo o corpo de Cristo. Este alimento incorpora o crente no caminho pascal de Cristo. Sentar-se à mesa e comungar o corpo de Cristo é, por conseguinte, um acto de inserção no mesmo dinamismo do Espírito que ressuscitou Jesus. Comer o Corpo de Cristo significa deixar-se vivificar, aqui e agora, pela vida que brota da sua ressurreição. A Eucaristia é alimento para a vida cristã.

Esta catequese de iniciação suscita uma *pedagogia da comensalidade*, proporcionando experiências não rotineiras de comensalidade, em ordem a fazer descobrir e ajudar a viver a eucaristia, como comida celebrativa festiva. Trata-se de iniciar os catequizandos no ritmo e estrutura da eucaristia, segundo os relatos da instituição da eucaristia: Ele – eles/nós – em relação – em redor – da mesma mesa – e comida.

III. A DIMENSÃO CATEQUÉTICA DA EUCARISTIA

A celebração eucarística, mais do que o encontro de catequese, é o lugar onde o catequizando vê e questiona a densidade do mistério de Deus. A celebração da eucaristia agudiza a curiosidade e desenvolve o desejo de conhecer, de entrar e fazer comunidade e, sobretudo, de fazer a experiência da relação e comunhão com Deus.

1. Iniciar à fé na celebração da eucaristia

A catequese de iniciação à eucaristia começa dentro, e com, a liturgia eucarística: é na eucaristia que a Palavra é proclamada, interiorizada, distribuída por e entre todos; é na eucaristia que se desenvolve o processo dialogal, no qual a mesma Palavra se actualiza; é na eucaristia que a Palavra se vive, se respira e se assume. No ressoar da Palavra na Igreja, a liturgia eucarística é “um acto catequético” por excelência porque é contacto, explicação, levar à vida, receber a vida da graça, assumir na própria vida a vida de Jesus Cristo. A catequese não pode ser, somente, uma “escola preparatória” para a eucaristia, ela tem de ser experimentada, permanentemente, na liturgia eucarística.

A liturgia eucarística é um “baptistério”, no sentido em que nos mergulha no processo dinâmico do conhecimento de Deus e nos põe em contacto vital com os outros. A eucaristia, para que seja catequética e iniciatória, não deve ser uma celebração com muitas monições, muitas explicações... mas, simplesmente, com o justo e necessário e, sobretudo, com a necessária “qualidade”, isto é, espiritualidade, expressividade, seriedade e beleza.

François Cassingena, abade de Ligugé, afirma que “para que a nossa liturgia tenha hoje, não somente o dom de suscitar a curiosidade, mas que ela tenha uma força autêntica, capaz de cativar, e um carácter de convite peremptório, é preciso algo que interpele, que haja efectivamente algo a ver e a saborear, dito por outras palavras, que a liturgia resplandeça com a simplicidade da sua mais essencial beleza.

Só isto pode questionar, converter e iniciar. Para que ela seja bela, é preciso que ela seja “verdadeira”; para ser verdadeira, é necessário que ela seja liturgia, isto é, que apresente, na sua consistência profunda, comunitariamente partilhada: a Palavra e o Pão. ...Que ela

seja um acto forte, verdadeiro e ajustado à comunidade”. ...Uma liturgia que proponha, com seriedade, ao coração da vida humana, da nossa vida real, uma Palavra a partilhar e um corpo a construir. ...Que revele um dinamismo que una o céu e a terra e introduza o homem num corredor aéreo, numa corrente que levanta e nos faz ser homens de pé. Uma liturgia que nos coloque nos eixos da cruz”³³.

Estas palavras apontam-nos, e abrem-nos, algumas perspectivas pedagógicas fundamentais, a ter em conta no processo catequético de iniciação cristã, e que podemos sintetizar assim:

- o valor significativo do “fazer” na celebração: a sinceridade e verdade *“no gesto, nos sinais, nas diferentes acções que se realizam na celebração, será o modo mais claro e sincero de querer fazer da própria celebração uma plataforma formativa, ao mesmo tempo que vivencial-experiencial-celebrativa”*³⁴. Cuidar da verdade e beleza dos gestos, na eucaristia, é absolutamente indispensável, do ponto de vista pedagógico porque, na celebração, todos nos convertemos em sinais de participação para os outros. *“O meu modo de estar ou participar na celebração contribuirá para a mais ou menor participação dos outros e vice-versa, ou então redundará em detrimento da participação”*³⁵. Ora, muitas vezes, os sinais e gestos do “fazer” eucaristia precisam de espaço/tempo para que se manifeste e se capte o seu valor significativo;
- a participação interna, como chave de participação: *“a participação externa será, ao mesmo tempo significante, sincera e autêntica, na medida em que existir uma autêntica participação interna”*³⁶. Esta participação interna tem de ser ajudada e favorecida, pela participação externa.

³³ CASSINGENA, François – Jalons pour une esthétique de la liturgie. In: *Catéchèse* 2(2002) 167, 59–75.

³⁴ MONTERO, Paulino – *Celebrações e festas no itinerário da catequese*. Edição do SDEC e SDL. Porto, 1996, 20.

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ *Ibidem*.

2. Iniciar à fé a partir da celebração da eucaristia

Considerar a catequese de iniciação a partir da celebração, significa dirigir a atenção para o prolongamento da comunhão celebrada, participada e comunicada. Em linguagem mais simples, significa que, os encontros e celebrações existenciais devem viver-se e entender-se a partir desta perspectiva de comunhão, que a eucaristia gera e, ser por conseguinte, um prolongamento da comunhão celebrada, participada e comunicada. Iniciar à fé a partir da celebração significa tomar consciência da responsabilidade que assumimos, enquanto (com)celebrantes da eucaristia; significa não criar barreiras ao mistério; significa devolver a vida ao Sagrado; significa expandir as fronteiras do Reino de Deus³⁷; significa fazer da eucaristia a fonte e o centro da vida cristã.

CONCLUSÃO

A relação entre catequese e eucaristia situa-se, como julgamos ter mostrado, no coração do que designamos de Iniciação Cristã. Esta, tendo a sua origem na iniciativa de Deus e, supondo a livre decisão da pessoa que se converte a Deus, é a inserção da pessoa no mistério de Cristo e na Igreja, por meio da fé e dos sacramentos. A iniciação Cristã não se reduz, por conseguinte, a um processo de ensino e de formação doutrinal, mas deve ser considerada uma realidade que implica a totalidade da sua pessoa, o seu ser, o seu celebrar, o seu viver, etc.

A catequese de iniciação é a catequese que se situa no interior deste dinamismo de inserção em Cristo e na Igreja. A Igreja, por fidelidade à missão que lhe foi confiada pelo Senhor, tem de anunciar aos homens a salvação, incorporando-os na participação da vida trinitária, na comunidade que nasce dela e ensinando-os a viver segundo o Evangelho.

Assim, quando falamos de catequese de iniciação à eucaristia, estamos a falar duma catequese que, *“sendo orgânica e sistemática, não pode reduzir-se ao meramente circunstancial ou ocasional; sendo*

³⁷ Cf. Ibidem, 22.

*formação para a vida cristã, supera - incluindo-o - o mero ensino; e, sendo essencial, tem como objectivo aquilo que é «comum» para o cristão, sem entrar em questões discutíveis, nem se transformar em pesquisa teológica. Enfim, sendo iniciação, incorpora na comunidade que vive, celebra e testemunha a fé” (DGC 68).*A catequese de iniciação à Eucaristia terá de ser global, isto é, fazer-se em ordem à celebração da eucaristia, fazer-se **na** eucaristia e fazer-se **a partir da** eucaristia.

A Iniciação Cristã nos Catecismos

P. ANTÓNIO MOITEIRO RAMOS (*)

I. SER ADULTO NA FÉ, UM NOVO MODELO DE SER CRENTE

Hoje andamos à procura de um novo modelo de crente uma vez que a imagem tradicional do “bom cristão” ou do “fiel praticante”, isto é, a imagem de cristão – que observa as práticas e cumpre as normas religiosas – herdadas do passado, está em crise. Na nossa sociedade, as transformações culturais e o fim da homogeneidade religiosa exigem uma actualização do modelo tradicional.

Tentemos esboçar um “retrato robot” do cristão do futuro, ou melhor, algumas das características do modelo de crente que todos devemos tentar construir na nossa actividade catequética.

- Fé personalizada e livre: o crente que imaginamos não o será por tradição ou por pertença sociológica, mas sim fruto de uma opção pessoal, recuperando, assim, a sua própria identidade e o gosto em ser cristão. Esta personalização da fé implica a experiência de uma constante conversão e a interiorização de atitudes livres de fé, caminhando para a maturidade. Recordemos a conhecida expressão de Karl Rahner: “podemos afirmar que o cristão do futuro será místico ou não será cristão”, místico no sentido de viver uma experiência que assegure a identidade e a alegria da fé.
- Fé culturalmente aceitável: muitos cristãos sentem um certo mal-estar de uma fé culturalmente desfasada e de pertença a dois mundos incompatíveis: a fé cristã, tal como foi herdada e transmitida e a cultura actual, com as suas aspirações, valores e convicções. É o drama do divórcio entre a fé e a cultura, “o drama da nossa época” (EN 20).

* Doutoramento em Teologia Pastoral (Catequética); Professor do Instituto de Teologia Beiras-Douro; Director do Secretariado Diocesano da Educação Cristã da Guarda. Conferência proferida no 43º Encontro Nacional de Responsáveis de Catequese que decorreu em Aveiro.

- “Sentido de Igreja” em forma adulta: o novo tipo de crente deve ter o “sensus ecclesiae”: sentido de pertença e de identificação com a comunidade eclesial, mistério e instituição, mas de forma amadurecida, “adulta”, isto é, sem as características infantilizadas que tantas vezes caracterizaram a atitude dos cristãos para com a instituição. A dimensão adulta do sentido de Igreja implica vontade de pertença e de participação responsável, com relativa autonomia e espírito crítico construtivo.
- Carácter comunitário: pensamos num crente solidário e comunitário que, frente ao individualismo reinante, se mostre desejoso de viver e partilhar a sua fé “com os outros”, numa experiência enriquecedora de solidariedade. Será um cristão menos isolado e auto-suficiente, mais disposto à corresponsabilidade e a trabalhar em equipa.
- Compromisso no mundo e consciência ética: pensamos num crente não “espiritualista”, mas incarnado e comprometido, com um forte vigor moral. Um cristão que mostra ser tal, não tanto pelas suas práticas religiosas, mas no coração do mundo: na família e trabalho, na política e tempo livre, no compromisso pela transformação da sociedade. A sua fisionomia espiritual compreende abertura cultural e espírito de colaboração, sensibilidade ética e consciência de valores, compromisso social e político, solidariedade com os pobres.
- Diálogo inter-cultural e inter-religioso: no actual contexto pluralista, a fé vive em contacto com diferentes religiões e culturas. Isto nem sempre é um perigo, pois pode constituir um desafio se se vive com espírito de confrontação leal e sincera.

1. A CATEQUESE, INICIAÇÃO E EDUCAÇÃO NA FÉ: IDENTIDADE E EXIGÊNCIAS

A catequese é mediação eclesial ao serviço do dinamismo da fé.

Reflectimos, agora, sobre a sua identidade e as suas tarefas enquanto iniciação e educação.

1.1. É possível educar a fé?

Devemos, em primeiro lugar, afirmar que a fé deve ser educada uma vez que o crescimento na fé implica também o dinamismo da maturidade humana. O conhecido princípio: “Evangélizar educando e educar evangelizando” (DGC 147) deve ser aplicado também à catequese, “enquanto itinerário educativo qualificado” (ibid.). Ele deve ser estímulo, ajuda intencional em vista de um crescimento pessoal, livre e interiorizado, ao serviço de um projecto de vida, aberto aos valores e capaz de discernimento crítico.

Uma vez que a maturidade cristã supõe uma maturidade humana, a catequese não pode afectar apenas o nível “religioso” da pessoa ou limitar-se a algum aspecto parcial do dinamismo da fé, como o conhecimento da verdade revelada ou a aquisição de normas morais. A sua função deve estender-se à fé como resposta pessoal e global ao projecto de vida cristã, que é adesão e “seguimento” de Cristo. O DGC insiste na natureza da catequese como “formação cristã integral” (n. 48) que implica toda a pessoa: “Esta formação orgânica é mais do que um ensino: é uma aprendizagem de toda a vida cristã, ‘uma iniciação cristã integral’, que favorece um autêntico seguimento de Cristo, centrado na Sua Pessoa. Trata-se, de facto, de educar no conhecimento e na vida de fé, de tal maneira que a pessoa, na totalidade do seu ser, nas suas experiências mais profundas, se sinta fecundada pela Palavra de Deus” (DGC 67).

1.2. Objectivos e tarefas da catequese

- 1º É tarefa da catequese suscitar e favorecer a conversão;
- 2º É tarefa da catequese suscitar e robustecer as atitudes de fé;
- 3º É tarefa da catequese proporcionar um conhecimento adequado da mensagem cristã;
- 4º É tarefa da catequese educar para o comportamento cristão.

Deste quadro de objectivos, podemos concluir com uma indicação importante sobre a identidade da catequese. Esta define-se, ao mesmo tempo, como primeiro anúncio, iniciação, ensino e educação (cf DGC 68). A sua tarefa é, pois, rica e complexa e pode afirmar-se que o

carácter de educação da fé é o que melhor exprime e resume a totalidade da acção catequética.

2. OS SACRAMENTOS DA INICIAÇÃO NOS CATECISMOS

O concílio Vaticano II recordou a unidade dos três sacramentos da Iniciação Cristã (SC 71) e afirmou que o Baptismo e a Confirmação são o fundamento da função sacerdotal, profética e real dos fiéis. Os três sacramentos ordenam-se entre si para levar ao seu pleno desenvolvimento os fiéis que exercem a missão de todo o povo cristão, na Igreja e no mundo (Ritual Bap. Crianças, 2). Os três sacramentos fundam-se na unidade do Mistério Pascal.

1. O Baptismo, sacramento original da iniciação cristã

O baptismo está na origem e na configuração da identidade cristã. É o primeiro sacramento da fé e da vida nova, da conversão e da reconciliação. Nele radica a novidade e a identidade do cristão: carácter gratuito da iniciativa de Deus, liberdade na resposta do homem, vinculação definitiva do homem a Jesus Cristo e ao seu seguimento, a fé em Jesus Cristo morto e ressuscitado, a sua vinculação ao mistério pascal, o reconhecimento de que é na Igreja que participamos da salvação do Senhor¹. A confissão de fé, para a qual se orienta a iniciação cristã, está vinculada ao Baptismo. Baptismo e confissão de fé constituem uma unidade na origem do credo, expressão da nossa identidade. Por isso, ao baptizado fazem-se três perguntas: “Crês em Deus, Pai Todo poderoso? Crês em Jesus Cristo, Filho de Deus? Crês no Espírito Santo?” Às três perguntas responde com o “sim creio”. À tríplice pergunta, opõe-se a tríplice renúncia: “renuncio a Satanás, ao seu serviço e às suas obras”. Depois vem a imersão na água. Assim, a tríplice renúncia, o tríplice diálogo (pergunta e resposta), a tríplice imersão na água baptismal, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, dão sentido ao “sim creio” da nossa confissão de fé e à nossa identidade cristã. Inerente ao “sim creio” está a dimensão eclesial da fé. A inserção na Igreja e a vida animada pelo Espírito do Senhor –

¹ A. CANIZARES, *Los sacramentos de iniciación cristiana* in *La iniciación cristiana hoy: liturgia y catequesis*, PPC, Madrid 1989, 27-35.

finalidade da iniciação cristã – está já presente na mesma forma interrogativa da confissão de fé baptismal.

2. A Confirmação, dentro da Iniciação Cristã e no contexto da vida eclesial

A Confirmação é o segundo sacramento da iniciação cristã; ocupa uma posição intermédia entre o Baptismo e a Eucaristia. A Confirmação constitui a segunda etapa do caminho para a plena integração no mistério de Cristo e da Igreja, que se expressa na Eucaristia. Como diz o Ritual deste sacramento, os baptizados avançam pelo caminho da iniciação cristã por meio do sacramento da Confirmação, pelo qual recebem a efusão do Espírito Santo, enviado pelo Senhor sobre os apóstolos no dia do Pentecostes (RC, I). A Confirmação é considerada, dentro da iniciação cristã, como o sacramento da maturidade ou da perfeição. Mas a maturidade está relacionada com uma dimensão eclesiológica: trata-se da perfeição do cristão que entra plenamente a tomar parte na vida da Igreja, trata-se do acolhimento pleno do cristão por parte da Igreja em ordem à participação na Eucaristia. Se no Baptismo o homem, pela acção do E. Santo, se une ao mistério da morte e ressurreição de Cristo, na Confirmação, o baptizado recebe o mesmo Espírito Santo com os seus múltiplos dons ao serviço da unidade e da missão evangelizadora da Igreja (LG 11).

3. A Eucaristia, cume da iniciação cristã

Com a Eucaristia, a iniciação cristã chega ao seu cume. Não no sentido de final, mas de plenitude. Toda a iniciação cristã se orienta à confissão e ao testemunho de fé hoje e à inserção consciente na comunidade cristã. A Eucaristia é a fonte e o cume da comunhão que é o que constitui a Igreja. Por isso, ela está no coração da Igreja. A celebração da Eucaristia é o que torna possível que um grupo cristão se forme, se manifeste e actue como comunidade eclesial.

II - OS SACRAMENTOS DA INICIAÇÃO CRISTÃ NOS CATECISMOS DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA (1991-1993)

Vamos agora analisar o modo como os catecismos da Infância e Adolescência, publicados entre os anos de 1991-1993, incluem os três sacramentos da iniciação cristã ao longo dos dez anos de catequese. O método a seguir é o de vermos em que anos aparecem os diferentes sacramentos e algumas das suas dimensões mais importantes.

1.ª FASE: INICIAÇÃO AO ITINERÁRIO CATEQUÉTICO (Ponto de partida: São crianças já batizadas que devem ser educadas na fé)

1.º ano – Jesus gosta de mim;

c. 22 – Somos da família de Deus.

O catecismo *Jesus gosta de mim*, apresenta o Batismo na catequese 22, quase a terminar o ano de catequese. Porquê?

- As crianças foram batizadas de pequeninas e temos de as ajudar a tomar consciência do seu Batismo. Como este é o sacramento original da fé, é necessário, antes de mais nada, descobrir a pessoa de Jesus (1.º trimestre); o núcleo da revelação cristã: Jesus revela-nos o Pai (2.º trimestre); dá-nos o Espírito Santo e somos do grupo dos amigos de Jesus – a Igreja (3.º trimestre). É neste contexto que iniciamos a criança no Batismo.
- Ideias centrais: Partindo da dimensão sociológica da fé (Missa, batizados, festas religiosas...), fala-se no Batismo como o ponto de partida para participar nos dons de Deus. A Igreja aparece como a família de Deus e, pelo Batismo, pertencemos a essa nova família, a dos filhos de Deus.

2.º ano: Estou com Jesus;

c. 21 – Jesus vive connosco (os discípulos de Emaús);

c. 22 – Jesus dá-se na Eucaristia (Tomai e comei. Tomai e bebei);

c. 23 – Na Eucaristia, escutamos a Palavra de Deus (Liturgia da Palavra);

c. 24 – Na Eucaristia, louvamos o Pai (Por Cristo, com Cristo...);

c. 25 – Na Eucaristia, recebemos Jesus (A comunhão eucarística);

c.26 – A Eucaristia fonte de vida (alegoria dos ramos da videira).

Sendo um ano em que normalmente as crianças farão a sua primeira comunhão (podem fazê-la também no ano seguinte), o catecismo apresenta a Eucaristia e a Confissão. Quanto a este último sacramento, o segundo catecismo apresenta-o ligado ao Baptismo ao afirmar que a penitência ajuda-nos a recuperar a graça baptismal perdida pelo pecado. Por isso, este sacramento é tratado no segundo período, durante a Quaresma, tempo penitencial por excelência, e separado da Eucaristia, que aparece no terceiro período do ano catequético. A convicção que se deseja inculcar é a de que “não me confesso apenas para comungar, mas para restabelecer a amizade com Deus”. A Eucaristia é apresentada fazendo-se uma introdução à celebração da Missa (escuta da Palavra de Deus, acção de graças, presença de Jesus no pão e no vinho e alimento como fonte de vida).

2.^a FASE: A VIDA DO DISCÍPULO DE JESUS (Após a recepção da Eucaristia, vem a vida normal do cristão dentro de uma comunidade)

3.º ano: Queremos seguir-Te.

Como forma de ser discípulo, apresenta o que é ser cristão: seguir Jesus em Igreja, celebrar a presença de Jesus (os sacramentos) e comprometer-se na construção do Reino de Deus.

c. 4 – Pelo baptismo, somos de Cristo (a Palavra de Deus dá sentido ao nosso Baptismo; o sacramento faz-nos homens novos; nesta catequese revivemos o nosso Baptismo);

c. 12 – Crescemos no Espírito Santo (a Confirmação, sacramento do Espírito Santo e o Espírito Santo habita em nós). Como as crianças ainda não estão confirmadas, recorre-se ao testemunho de alguém que já foi confirmado;

c. 11 – Celebremos o pão da vida (Jesus Cristo é o pão da vida, Jesus é o pão da Eucaristia, recebemos o pão da vida);

c. 20 – Somos convidados para a ceia do Senhor (o que é a ceia do Senhor; a comunhão cristã na ceia do Senhor; celebramos a ceia do Senhor);

c. 22 – Celebremos o dia do Senhor (o Domingo dos primeiros cristãos; o Domingo é um dia diferente; o Domingo na nossa catequese).

3.^a FASE: APROFUNDAMENTO DA FÉ (Fazer uma síntese de fé a partir da história da salvação: Bíblia e Credo).

5.º ano: Eu sou o vosso Deus

(ver o A. T. à luz de Jesus Cristo).

c. 23 – Vinde Espírito Santo (embora não falando do sacramento do Crisma, esta catequese fala do Espírito Santo que se comunica aos cristãos).

c. 25 – A água que nos dá vida – Baptismo (Baptismo, porta de entrada, sacramento pascal, somos baptizados).

c. 26 – Eu sou o pão da vida – Eucaristia (Eucaristia, uma refeição; Eucaristia, sacramento da Páscoa; Eucaristia, uma partilha fraterna).

4.^a FASE: BUSCA DO SENTIDO CRISTÃO DA VIDA. (Esta fase fala sobretudo da identidade dos adolescentes e da descoberta de Jesus como modelo...).

7.º ano – Ele caminha connosco

(Ideias centrais: descobrir Jesus Cristo como modelo do homem perfeito que dá sentido às interrogações de identidade, corporeidade e acontecimentos internos; viver em grupo para experimentar a originalidade do seu ser pessoa; aderir a Jesus, que caminha connosco, e à sua mensagem).

c. 13 – O Espírito, dom do ressuscitado (procura apresentar o Espírito Santo em união com Cristo ressuscitado. Não fala propositadamente do sacramento do Crisma).

c. 15 – A Eucaristia, memorial do Ressuscitado (memorial de Cristo ressuscitado, é banquete e sacrifício, acção de graças e garantia da glória futura).

8.º ano: Somos um povo

(Ideias centrais: descobrir o outro como pessoa aprendendo a comunicar e a dialogar; acolher a pessoa de Jesus na sua relação com Deus e com os homens; fazer a experiência de relação pessoal com Deus e com os irmãos num grupo cristão a construir – a Igreja de Jesus Cristo).

c. 15 – A Igreja que vive em Eucaristia (Eucaristia é uma relação íntima de Jesus com o Pai e com os homens; celebrar, na Eucaristia, a experiência profunda da nossa comunhão com Jesus e a Eucaristia centro da vida).

5.^a FASE: PERSONALIZAÇÃO DA FÉ – COMPROMISSO CRISTÃO. (Fase final da catequese da Infância e Adolescência, que procura fazer uma segunda síntese de fé. Termina, geralmente, com a celebração da Confirmação).

10.º ano: Ousar crer

(Creio em Jesus Cristo; creio na Igreja; celebro a fé = sacramentos da iniciação cristã)

c. 13 –Nascer de novo (os sacramentos são sinais e presença de Jesus Cristo e fala especificamente no Baptismo como sacramento de iniciação cristã).

c. 14 –A alegria de ser testemunha (sacramento da Confirmação: história do sacramento; a promessa do Espírito Santo aos apóstolos; ligado ao Baptismo; sacramento eclesial; como se celebra este sacramento).

c. 15 –A ceia do Senhor (vários nomes da Eucaristia, ligação com a última ceia; memorial; refeição, escatologia e estrutura da celebração).

III - ALGUMAS REFLEXÕES PASTORAIS

1. O modo de realizar a Igreja

Não é novidade para ninguém que hoje a Igreja tem um grave problema para resolver: como transmitir a fé de modo que os cristãos sejam adultos na sua fé, o que implica realizar, na sua vida, as dimensões da vida cristã: viver segundo o Evangelho, celebrar os acontecimentos salvíficos da história da salvação e comprometer-se na transformação do mundo em que nos movemos.

Ao longo da história da humanidade, sempre esta questão esteve presente na vida dos crentes: como transmitir Deus à sociedade?

Estamos num período que poderíamos definir de “crise, um certo mal-estar” em que os sintomas são, entre outros, a diminuição e

envelhecimento dos praticantes, a falta de clero, o pouco apreço pelo mundo do religioso.

Rahner falava no “Inverno da Igreja” e outros teólogos no “eclipse de Deus”. Queiramos ou não, há dificuldades reais de comunicação entre as “religiões oficiais” e os homens e mulheres do nosso tempo; dificuldades que se agudizam na transmissão da mesma fé às gerações mais novas e não conseguimos inverter a tendência de descida da fé entre os jovens.

Nos países ditos “cristãos”, a educação da fé fazia-se com a socialização e iniciação à própria sociedade. Hoje estas formas de presença da Igreja já não se realizam e temos de encontrar novas mediações.

Com o desenvolvimento do processo de secularização, alguns pensam que o resultado deste processo será o desaparecimento da religião ou a sua perda de influência nas instituições, ou então, uma nova forma de presença da religião na cultura actual (os Novos Movimentos Religiosos vêm confirmar esta tese). Sintomas do que afirmamos são: o fenómeno da privatização da religião, a perda de influência das instituições religiosas (acredito em Cristo mas não na Igreja), aceitação crítica da Igreja, isto é, passando pela sua consciência a pertença a uma Igreja (ex. os métodos de natalidade).

Perante tudo isto, a pergunta que devemos fazer é esta: como fazer a formação dos nossos cristãos para que atinjam a maturidade da fé? Que métodos devemos empregar? Que formas de presença a Igreja deve ter no meio da cultura moderna?

2. O baptismo das crianças

O catecumenado ou a iniciação cristã tem mais actualidade naquelas épocas em que o ser cristão não é uma questão de nascimento ou de simples pertença cultural a uma sociedade, mas sim uma escolha livre e de coerente opção (não será esta a nossa situação?). Ao celebrar-se o baptismo imediatamente depois do nascimento, dadas as graves urgências do *quam primum*, que era a condição indispensável para o baptismo (correspondia à evangelização e a catequese do adulto candidato ao baptismo), debilitou-se ou quase desapareceu a exigência posterior (iniciação familiar, catequese paroquial, religião nas escolas...). O desaparecimento do catecumenado de adultos infantilizou a iniciação cristã.

Por isso pergunto: Que exigências na celebração do baptismo de crianças (pais não praticantes, não crentes...)? Como fazer a educação da fé dos adultos, hoje, nas nossas comunidades cristãs?

3. A exigência de uma catequese evangelizadora nas nossas paróquias

Nos dias de hoje, insistimos na passagem de uma pastoral de “conservação” a uma pastoral evangelizadora, missionária, com a convicção de que o período chamado de “cristandade” chegou ao fim. A catequese não tem apenas como finalidade formar o “bom cristão” como aparece nos catecismos do século XVI, mas sim promover verdadeiros crentes, suscitando a conversão e a opção livre e responsável pela Boa Nova de Jesus. A grande preocupação de uma catequese evangelizadora é a iniciação à fé e a renovação do catecumenado, como instrumento dessa iniciação. “O catecumenado, forma paradigmática da catequese cristã, não é uma mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma formação de toda a vida cristã e uma aprendizagem efectuada de modo conveniente, por cujo meio os discípulos se unem a Cristo seu mestre. Por conseguinte, sejam os catecúmenos convenientemente instruídos e iniciados no mistério da salvação, na prática dos costumes evangélicos e com ritos sagrados, a celebrar em tempos sucessivos, sejam introduzidos na vida da fé, da liturgia e da caridade do Povo de Deus” (AG 14).

Que comunidades temos que sejam suporte da fé dos catequizandos? As nossas comunidades são adultas na fé? Onde incidir os esforços dos pastores e leigos mais comprometidos na formação de verdadeiras comunidades cristãs?

4. Uma nova compreensão dos destinatários da catequese

Com o concílio Vaticano II, passamos de uma catequese infantil a uma catequese de adultos, uma catequese adulta. Perante o fenómeno da descristianização e da descoberta do adulto como factor principal da mudança, a catequese pós-conciliar pôs a prioridade na educação da fé dos adultos. Isto traz consigo algumas exigências:

- De uma catequese de carácter individual, acentua-se uma catequese na qual o grupo e a dimensão comunitária da Igreja são realçados;

- De uma catequese –“transmissão de conhecimentos” – passamos a uma educação integral da experiência cristã onde estão presentes as dimensões da fé: a noética (conhecer), a axiológica (vida evangélica), a litúrgica e o compromisso apostólico e missionário;
- De uma catequese preocupada em formar “fiéis praticantes” passamos à necessidade de “crentes comprometidos, enraizados na fé e abertos ao compromisso no mundo”;
- De uma catequese de “preparação para os sacramentos”, a uma educação de atitudes de fé.

Maturidade psicológica e fé

CRISTINA DE SÁ CARVALHO (*)

1. A QUESTÃO DA MATURIDADE

Podemos definir “maturidade» como um nível de desenvolvimento da personalidade humana em que se atingiu alguma plenitude, perfeição ou amadurecimento. A maturidade também é frequentemente definida como aquisição, construção, ou elaboração de um amplo conjunto de habilidades ou competências, assim como um desenvolvimento, avanço, cultivo, experiência, sofisticação, sabedoria ou conhecimento. Discernimento, experiência ou perfeição são as palavras que mais frequentemente se relacionam com o termo maturidade¹.

Assim, verificamos que a maturidade se relaciona com algum sentido de aperfeiçoamento, tal como terminar (uma obra, um percurso) ou evoluir, termos estes associados aos de ideal, superioridade ou virtude. Neste sentido, o indivíduo maduro ou adulto seria aquele que atingiu algum equilíbrio e competência, entre o crescimento e o declínio ou perda. No entanto, a observação mostra que, independentemente da objectividade das adjectivações anteriores, os adultos são os indivíduos chamados a assumir responsabilidades sociais de todo o tipo e que, confrontados com esses desafios e o seu efeito de erosão e potencial conflito, são, também, os mais expostos às mutações e às crises pessoais, por vezes profundas.² Assim, mais do que um estado, a maturidade é um processo interminável, às vezes descontínuo, que visa atingir um objectivo ideal de construção.

* Mestre em Psicologia Educacional. Docente e Coordenadora de Estágios Pedagógicos na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa). Responsável da Área de Psico-pedagogia no Secretariado Nacional da Educação Cristã.

¹ De acordo com o *Roget's New Millennium Thesaurus*, First Edition, Lexico Publishing Group, LL C., 2004, na sua edição on line.

² Cf. DGC 173.

No universo social, económico e cultural do século XX, os adultos foram identificados como os autores do desenvolvimento. Na realidade, verificaram, por vezes amargamente, que participaram na construção de uma sociedade, senão melhor, como se sonhava, pelo menos, diferente. Neste início de século XXI o adulto parece menos comprometido e activo com o bem da sociedade, mas mais virado para se descobrir como pessoa e para se dar uma unidade interna. “A explosão individualista contemporânea indica uma formidável necessidade de identificação e enraizamento.”³A obrigação do adulto é a de se construir, de se tornar o autor da sua própria existência. Não se trata de um movimento narcísico, mas uma necessidade de reconciliação consigo mesmo, no meio dos outros, enfrentando tensões diversas que exigem um capital de autonomia e interioridade a conquistar.

Uma outra questão que importa sublinhar, relativamente aos novos “existires” adultos, é a que diz respeito à imprevisibilidade. O mundo de hoje vacila constantemente e tudo se torna incerto. Os futuros não são previsíveis, estão mal definidos e, esta fragilidade, é ampliada pela globalização e a interdependência em que nos lançou. Deste modo, o adulto é responsável no seio da imprevisibilidade, necessitando adaptar-se, firmar-se, antecipar e perseverar, disponibilizar-se para uma sociedade móvel, flexível e fortemente dispersante. Como o cuidado e a educação das gerações seguintes também lhe está entregue⁴, o adulto necessita de transmitir, educar e autonomizar, sustentando-se num equilíbrio precário entre o laxismo, que dá liberdade mas hipoteca a autonomização e a inflexibilidade, que inviabiliza a via do crescimento. Finalmente, todos estes processos têm lugar em contextos atravessados por diversas tradições e o adulto vê-se forçado a construir a sua própria síntese, apelando a toda a sua imaginação, inteligência e experiência.

³ Denis Villepelet, *Catechese d'adultes et maturation de la foi*, comunicação apresentada no colóquio «La catéchèse des adultes et la question de la maturation de la foi», ISPC, Institut Catholique de Paris, 3/2005.

⁴ Erikson sobre a idade adulta, em que identificou a tensão entre a estagnação e a generatividade como a crise identitária própria da idade adulta e de cuja resolução emergiria a virtude do cuidado (cuidar e conduzir as novas gerações). (Erikson, E.; *Childhood and Society*, New York, Norton, 1985, p. 67).

Assim, não podemos conceber o destino do adulto nem como linear, nem como incoerente, nem como estático, estável ou caótico e desordenado. É um destino feito de oscilações, de etapas, de rupturas e de reorientações, nada que possa entender-se como um estado único e terminal: “mais do que falar de maturidade da fé ou de maturidade cristã é preferível falar de processo de maturação.”⁵

Registe-se, ainda, que, mesmo as pessoas que permanecem ligadas ao Evangelho, sofrem um desequilíbrio real entre as coisas da vida e as coisas da fé. O adulto ocidental virou-se para os bens materiais, e estes conformam uma maneira de representar o mundo e de o habitar. Este universo não é determinado por nenhuma força oculta ou transcendente, é um universo material. Mas este materialismo pragmático não anula a liberdade nem a responsabilidade, nem interdita a reflexão sobre o valor e norma, pelo que não impede nem o espiritual nem o religioso, apesar de apontar para uma religiosidade difusa, mais livre e desligada, indefinida, uma espiritualidade sem Deus⁶. Esta espiritualidade coloca questões importantes no plano ético e moral, pois a fé não consiste só em conhecer o Evangelho mas em conhecê-lo e vivê-lo. O apelo de Deus exige uma mudança de atitudes e perspectivas e na forma de se situar no mundo. O Evangelho põe em causa os preconceitos, as certezas, os hábitos e os comportamentos. De facto, num mundo em mudança, desperta para a necessidade de aprender a nascer de novo. Essa capacidade pode definir o adulto de hoje: saber nascer de novo.

2. PERSONALIDADE E FÉ

Quando pretendemos analisar a maturidade de alguma dimensão da personalidade, e neste caso, propomo-nos discutir a maturidade da fé ou o modo como poderemos descrever e entender uma fé madura, verificamos que esta está associada à personalidade do indivíduo, no seu todo. Vergote⁷ escreve que “A atitude religiosa, como estruturante do todo da personalidade em harmonia com a relação com Deus, supõe

⁵ Guiguère, P-A.; *Catéchèse et maturation de la foi*, Novalis, Lumen Vitae, 2002, p.96.

⁶ Villepelet, op. cit.

⁷ Vergote, A., *The Religious Man*, Pflaum Press, Dayton, Ohio, 1969, p. 245-6.

uma liberdade interior de que o homem dificilmente é capaz antes da idade adulta. Para isso terá de resolver a confusão afectiva que se denuncia nos enlevos religiosos apaixonados. O silêncio em que o Outro encontra as suas solicitações humanas parece ser a experiência decisiva na religião purificadora. ...também exige que o homem se liberte a si mesmo dos laços indiscriminados e egocêntricos que a criança tem com os homens e com Deus. A não ser que o tenha feito, o crente olhará para Deus como o magnífico substituto paternal, capaz de satisfazer os seus pedidos. Não é fácil reconhecer a verdade de Deus apenas por Ele tal como não o é amar um homem na verdade. ...O homem deve adquirir primeiro um certo grau de liberdade afectiva, pelo seu desenvolvimento psicológico e pelo uso das suas faculdades num compromisso humano. Mas estas condições psicológicas não são suficientes. Todo o homem é envolvido quando ouve a palavra. ...tudo o que diz respeito ao homem necessita ser reinterpretado à luz da fé: o seu passado, os seus projectos, a autonomia que este adquiriu.

Podemos definir personalidade como as características distintivas de um indivíduo, que o diferenciam dos outros quando reveladas numa variedade de situações e circunstâncias, especialmente as relativas à interacção social e que, por isso, engloba a totalidade da existência, afectando todas as dimensões da mesma: inteligência, afecto, comportamento, gesto. Todas as dimensões da vida psíquica, as etapas de desenvolvimento por que passamos ou as bases biológicas e sociais do nosso comportamento, constituem-se como dimensões da nossa personalidade, pois o ser humano é e age como um todo, produto de diversos determinantes, que actuam entre si para produzir um ser completo e complexo, cada um de nós.

A personalidade tem como características a sua singularidade (distinção, originalidade e especificidade, que distingue cada um dos homens de qualquer outro), a sua totalidade (pressupõe uma integração global de todas as dimensões, observáveis e internas, e estas têm uma organização, uma estrutura) e a sua consistência (há uma certa constância no comportamento e no relacionamento inter-subjectivo com a realidade dos indivíduos, apesar das alterações produzidas pelas circunstâncias). E é a personalidade que dá unidade às diversas formas de vivência psicológica do sujeito, resultado da interacção, do choque

e da síntese entre as diversas funções e, ainda, o modo como cada uma destas evolui com o nosso desenvolvimento.

Esta totalidade, pessoal, única e autónoma, que cada ser humano constrói desde o nascimento, e ao longo do seu ciclo de vida, integra factores orgânicos, intelectuais, perceptivos, motivacionais, morais, afectivos, sociais e espirituais. Estrutura-se por influência de um conjunto de factores genéticos, mas constrói-se sob uma forte influência da componente social. A cultura, as normas e padrões dos grupos em que nos integramos e, sobretudo, os efeitos da socialização primária, têm um resultado poderoso, pois cada um de nós vai crescendo e desenvolvendo a sua personalidade no contexto de uma hierarquia social que facilita oportunidades mas também impõe limites. O terceiro factor de influência na nossa personalidade é constituído pelas experiências pessoais. Os diversos acontecimentos que ocorrem ao longo da nossa história pessoal têm sempre alguma consequência.

Por outro lado, a fé supõe, sempre, um compromisso total: a fé sem obras que a realizem é vã. Implica desejo de salvação, de reconciliação e de união plena e definitiva com Deus. E como refere Alfaro⁸, “A vida cristã não é uma consequência da fé, mas uma autêntica realização do homem; pela acção acede plenamente o homem ao mistério de Cristo como real.” A fé, que supõe o contributo da totalidade dos nossos recursos, apresenta nas suas estruturas um carácter de unidade, em que se reconhece a presença de Deus e da sua acção. Esta unidade realiza-se a um triplo nível. Desde um ponto de vista formal, a fé é, indissolivelmente, um acolhimento da realidade mesma de Deus e uma adesão à revelação que Deus faz de si mesmo. Em termos do conteúdo da revelação, é justamente homogénea à acção de Deus e ao processo do crente; é expressão do próprio processo pelo qual Deus se dá e pelo qual a humanidade O acolhe. Estes dois pontos de vista da forma e do conteúdo reúnem-se, finalmente, na associação do crente com a experiência religiosa de Cristo, mediador e plenitude da revelação.

⁸ Alfaro, J., La fe como entrega personal del hombre a Dios y como aceptación del mensaje Cristiano, in *Concilium* 21 (1967) 61.

Como pretendemos analisar as condições e as consequências psicológicas da fé madura, começaremos por analisar a diversidade das formas de fé e do ponto de vista das suas motivações, características, conduta e atitudes, assim como o tipo de personalidade que lhes está subjacente. Sabemos, é claro, que na realidade das experiências vitais dos indivíduos não se encontram formas puras de comportamento mas, habitualmente, tendências mais ou menos dominantes. No entanto, descrevê-las, de forma ordenada, ajuda-nos a melhor compreender os fenómenos.

3. DUAS FORMAS DE RELIGIOSIDADE: FUNCIONAL E DE ENCONTRO

Ávila⁹ propõe-nos duas formas de religiosidade. Segundo o autor, podemos definir religiosidade como as vivências pessoais dos indivíduos que se expressam em todas as condutas, atitudes ou crenças que tenham um carácter religioso, independentemente da sua origem (experiência pessoal, aprendizagem, tradição, rotina) ou avaliação (maturidade, sanidade, profundidade, intensidade). Ávila distingue a religiosidade da “experiência religiosa”, designando esta última como a experiência imediata e pré-racional, íntima e pessoal, que pode fundamentar, ou não, uma vivência religiosa vivida em plenitude. No entanto, podemos encontrar comportamentos e atitudes aparentemente religiosos que carecem dessa vivência pessoal, como é o caso da religiosidade vivida por rotina ou aprendizagem não reflectida.

A religiosidade levanta-nos muitas perguntas. Que papel desempenha na vida do indivíduo? A que se devem as diferenças observadas nos modos de viver a religiosidade? A religiosidade pode avaliar-se, medir-se? Não discutiremos aqui as diversas tipologias que estudiosos diferentes nos forneceram, mas procuraremos, como o autor citado, fazer uma síntese estruturada das diversas observações. A maioria dos estudos realizados utilizaram um esquema explicativo formado por um contínuo bipolar¹⁰, verificando, também, que a variável que melhor diferencia o fenómeno é a motivação última da religiosidade. Assim, um dos pólos concentraria a motivação para a religiosidade como um meio de satisfação de necessidades, isto é, uma utilização

⁹ Ávila, A. *Para conocer La Psicología de la Religión*, Navarra, EVD, 2003, pp. 75–78.

¹⁰ Ávila, op. Cit., p. 75.

da religiosidade como fonte de segurança, integração pessoal ou social. No outro extremo, encontramos uma religiosidade motivada pelo desejo de estabelecer uma relação de encontro com uma realidade última e transcendente.

Podemos designar um dos pólos da religiosidade como Funcional, uma religiosidade cujas motivações são infantis, imaturas, direccionadas para satisfazer necessidades de sobrevivência e adaptação psicológica, tal como a segurança e a pertença. O sujeito também utiliza a religiosidade para poder lidar com a culpabilidade, através da pacificação da consciência. Esta religiosidade caracteriza-se pela pobreza de sentimentos, ausência de matizes e índole negativa dos mesmos e pela atitude face à divindade invocada: procura de favores e de protecção. Esta atitude é acompanhada por atitudes de idolatria e por uma mentalidade mágica, pois o indivíduo procura apenas agir de modo a tornar a divindade favorável às suas necessidades e interesses.

A conduta religiosa do sujeito que perfilha esta religiosidade é, essencialmente, ritual, procurando agradar à divindade e aplacá-la, se for o caso. Neste contexto, a oração é de petição e esporádica. Esta conduta é sublinhada pela procura de autoridades religiosas que promovam uma doutrina clara e segura. Este comportamento é compreensível no sentido em que os indivíduos que apresentam uma religiosidade funcional, revelam uma percepção da realidade negativa e uma mentalidade condenatória acentuada.

As atitudes presentes, nesta forma de religiosidade, são de dois tipos. Encontramos um tipo manipulatório, baseado numa grande preocupação com a manutenção da ortodoxia religiosa, ou então, um tipo eclético, que retira dos ensinamentos, manifestações ou doutrina, aquilo que lhe convém no momento, definindo uma prática religiosa *à la carte*. De qualquer modo, as atitudes religiosas funcionais têm sempre uma orientação pragmática, isto é, usar a religião para conquistar algo de muito concreto. Observa-se que estes sujeitos, mesmo quando presentes em celebrações colectivas, manifestam uma prática privada. É também observável a sua intransigência face a outras religiões, pois um perfil como o descrito é também um perfil psicologicamente defensivo face a outros grupos, de tipo estereotipado.

A personalidade que está na base da religiosidade funcional é infantil ou de conflito, isto é, apresenta traços patológicos. O interesse e a prática do esoterismo e do ocultismo são respostas à insegurança de uma pessoa que não consegue encarar nem resolver as suas limitações e os seus conflitos intra-psíquicos e relacionais.

No polo oposto, encontramos uma religiosidade que é percebida e vivida como uma experiência de Encontro, ou seja, que se fundamenta na interioridade de um sujeito que procura um encontro pessoal com Deus, uma comunhão mística que, assentando as suas fundações numa personalidade tendencialmente madura e sã, a amadurece ainda mais e dá sentido à vida. As motivações deste sujeito são superiores, pois não se situam já ao nível das motivações biogénicas, como a sobrevivência pessoal, a segurança e o comportamento gregário, mas apontam para a auto-realização e a procura de sentido.

Trata-se de uma religiosidade caracterizada pela sua riqueza e complexidade afectiva, estabelecendo um todo harmónico na pluralidade dos sentimentos e vivências do sujeito. Parte de uma experiência que tem Deus e o homem como centro. Se, por um lado, a divindade é inabarcável e não totalmente compreensível, nem definível, por outro, Deus participa e tem iniciativa na vida do sujeito, constituindo progressivamente para este a verdade e sentido Último, ou seja, a resposta que a pessoa deseja para a sua procura de significado e compreensão da realidade e da existência própria.

Assim, o sujeito está em condições de perceber a realidade, não de um modo diferente, mas de um modo mais profundo. Deus torna-se o centro da sua vida e o homem sente-se convidado a perceber a sua relação com Ele, com os outros, com a realidade e consigo próprio, de modo inteiramente diverso, partindo desta nova referência. A atitude ante Deus é o amor e este promove a aceitação, o crescimento, o desenvolvimento e a realização. Neste contexto, orar é pedir a vontade de Deus: “faça-se em mim a Tua vontade” ¹¹.

A personalidade que sustenta esta religiosidade de relação promove uma percepção da realidade aberta, uma cosmovisão estruturada, uma clara filosofia de vida, isentas de confusão ou medo, e que harmonizam

¹¹ Cf. Mt 6, 10.

as perspectivas que o sujeito tem da natureza, da sociedade, da história, de si próprio e do seu papel. Em consequência, há também harmonia entre os seus valores e a sua conduta. Tal facto favorece a coerência face às escolhas morais: escalas de valores e conduta expressam a sua vivência interior.

As atitudes do sujeito revelam integração da sua personalidade, crescimento, sentimento de plenitude. O indivíduo sente necessidade de procurar a verdade, de a deixar crescer no seu interior, num movimento duplo de procura e acatamento do que lhe é revelado, num processo de despojamento e simplicidade crescentes no processo de diálogo com o mundo e com os outros. Deste modo, parece evidente que a personalidade se enriquece permanentemente, revelando maturidade humana, coerência pessoal no comportamento e uma opção pela construção do mundo à luz dos valores perfilhados.

Assim se compreende como a religiosidade de relação necessita de maturidade psicológica e de equilíbrio na estruturação da personalidade, isto é, para que o sujeito se torne maduro na sua religiosidade, esta exige que se torne, plenamente, pessoa. De facto, o Papa João Paulo II recordou-a na encíclica *Fides et ratio* que a graça supõe a natureza, tal como ensinara S.Tomás.¹² Se a natureza for insuficientemente estruturada, a graça não encontra pleno acolhimento.

4. A MATURIDADE COMO UM PROCESSO DE AUTO-REALIZAÇÃO

Os autores humanistas definem a personalidade madura como uma personalidade criadora e auto-realizada. O mais fundamental elemento do crescimento não é a aquisição do poder ou do conhecimento, mas a transição de uma relação *passiva* com o mundo, a comunidade e a família, para uma relação *activa*, que é natural para o adulto. A este respeito, e sentindo-se pressionado pela crescente violência e desequilíbrio observado nos indivíduos das sociedades ocidentais, Maslow¹³ preocupou-se em ajudar as pessoas a desenvolverem-se

¹² Cf. “*cum enim gratia non tollat naturam sed perficiat*”, *Summa Theologiae*, I, 1, 8 ad 2, citado *Fides et ratio*, 43.

¹³ Maslow, A. 1982, 201, *La personalidad creadora*, Barcelona, Editorial Kairós, 7ª edição (1ª edição: *The Father Reaches of Human Nature*, 1971), p. 39.

bem. Escreve: “À Pessoa Boa pode-se chamá-la também de pessoa que evolui, pessoa responsável-de-si-mesma-e-da-sua-própria-evolução, pessoa plenamente esclarecida, desperta ou lúcida, pessoa plenamente humana, auto-realizada.” E acrescenta: “...nenhuma constituição, programa ou lei, por belos que sejam, surtirá efeito, a menos que as pessoas sejam suficientemente sãs, fortes e boas para os poderem entender e levarem-nos à prática de forma adequada.” Este autor procurava definir a maturidade psicológica como plena humanidade: capacidade de abstrair, de ter linguagem gramatical, de amar, de ter certos valores, de transcender o eu,...

Para Maslow, a maturidade será a capacidade de perda de si mesmo ou do Ego, como transcendência de si mesmo, isto é, a capacidade de participar numa causa exterior a si próprio, uma vocação, o tal sair de si para estabelecer uma relação activa com o mundo. A primeira condição para isso seria renunciar ao passado, actualizá-lo: viver agora, desinteressadamente, totalmente absorvido na tarefa de viver. Não significa ignorar as raízes ou a experiência anterior, mas saber não ter um lastro a pesar no nosso percurso. O agora é importante porque é aquilo sobre o que eu posso decidir, o espaço que eu tenho para transformar. Renunciar ao futuro também favorece a capacidade de submergir no presente e viver sem apreensão. A cada dia, o seu mal e o seu bem ¹⁴.

Maslow considera central na maturidade psicológica a inocência de percepção e conduta, condição que define como um viver sem expectativas *a priori* (dogmas, hábitos), dispostos que estamos a receber o que acontece, sem surpresa, indignação ou negação. Necessitamos de nos libertar das influências externas, pela redução da consciência. Isso permitir-nos-á ser o que somos, a nossa identidade verdadeira, retirar a máscara: ser o que se é, ser pessoa, numa atitude de esquecimento de si. Esta capacidade admite que nos dediquemos ao que temos em mãos, sem que nós próprios constituamos um obstáculo. O que ganhamos em autonomia da consciência, auto-observação e autocrítica, promove o desaparecimento dos temores e da ansiedade: evitaremos, então, ser neuróticos e poderemos baixar as defesas e as

¹⁴ Cf. Mt 6, 34.

inibições, porque não receamos as ameaças. A força e coragem que resultam da independência reforçam a obstinação, a força de carácter, e contribuem para que não receamos a impopularidade, a crítica dos outros. Podemos pensar e agir em liberdade, de acordo com a nossa escala de valores e a nossa consciência¹⁵.

A aceitação da realidade leva a pessoa a renunciar à fuga, deixando que a vontade se cumpra em si, numa atitude de humildade, de não interferência. É necessário aprender a confiar em si, no mundo, saber esperar com coragem. E saber respeitar tudo o que é digno de respeito, com deferência perante a autoridade dos factos. Deste modo, é possível conseguir-se uma integração do eu, uma unificação da personalidade, em que os diversos traços interagem em harmonia. A harmonia é mesmo uma qualidade total do indivíduo, que abarca, inclusivamente, a sua dimensão inconsciente. Assim, a ética ilumina, sem obstáculos, o comportamento.

A personalidade madura, pelas razões descritas, evolui na sua percepção estética, pois está disponível para saborear e apreciar, sem interferir, sem controlar. Ganha em espontaneidade, pois deixa que as capacidades aflorem, sem obstrução, adaptando-se à situação, com plasticidade. E observa-se, também, uma evolução na expressividade, fundada na sinceridade, na liberdade de se ser o que se é e na aceitação da sua própria singularidade.

Por fim, refira-se que a auto-realização, ou o processo de desenvolvimento em direcção à maturidade, é isso mesmo, um processo contínuo, que significa tomar decisões como opção de crescimento. O eu actualiza-se, aprende progressivamente a deixar emergir a verdade do seu ser, optando pela sinceridade, por assumir as suas responsabilidades, sabendo com clareza o que realmente sente e deseja. “Não se pode escolher sabiamente para toda uma vida a menos que nos atrevamos a escutar-nos a nós mesmos, ao nosso *próprio eu mesmo*

¹⁵ Esta questão aponta para a forma como Kohlberg definiu a maturidade do julgamento moral, descrito pelo estágio pós-convencional. Depois de compreender as necessidades da sociedade (estágio convencional) o indivíduo age regulado por princípios, definindo valores e modos de agir moralmente que tenham validade independentemente da autoridade de que os sustenta e das suas identificações pessoais.

(*self*) e, em cada instante da vida, a dizer com calma: «Não, isto e aquilo não me agradam»¹⁶.

A maturidade não é, pois, um estado final, mas um processo de actualização das potencialidades, em qualquer momento, usando a própria inteligência, as diversas formas de inteligência, para se ser tão bom quanto se possa ser. Este processo só é possível se descobirmos quem somos, identificando as nossas defesas, que nos protegem mas, também, limitam, encontrando coragem para renunciar a estas. Estaremos prontos para viver a realidade no seu sentido mais amplo, tal como verdadeiramente somos e tão radicalmente abertos quanto possível.

5. O DESENVOLVIMENTO DA RELIGIOSIDADE NO CICLO DE VIDA

Para compreendermos como a maturidade da personalidade e a maturidade da fé evoluem de forma bastante simbiótica, é importante conhecermos a evolução da religiosidade no ciclo de vida. Tal como Maslow afirma, se em cada momento da existência o Eu está plenamente actualizado, podemos referir-nos a este como maduro. Esta questão é importante para analisar a participação da vida psicológica na estruturação da religiosidade pois, relativamente à fé, é também possível encontrarmos alguma maturidade nos diversos períodos do desenvolvimento¹⁷.

Não se trata de avaliarmos a “quantidade de fé, esforço que parece votado ao fracasso, assim como pouco esclarecedor na sua natureza. Tão pouco se trata de analisarmos o desenvolvimento da religiosidade como uma maior ou menor santificação pessoal. Não cabe aqui fazer um julgamento de valor sobre as características da santidade, mas, apenas, estabelecer um paralelo entre as particularidades es psicológicas que consubstanciam o desenvolvimento da personalidade e as atitudes religiosas mais frequentes nessas etapas do desenvolvimento.

¹⁶ Maslow, op. cit., p.73.

¹⁷ “Para cada idade, podemos falar de uma fé adulta. A fé é adulta se responde plenamente à graça recebida e com toda a humanidade de que dispõe. A santidade, a plenitude da fé está, neste sentido, presente em todas as idades. É preciso dizer que há uma fé adulta da infância, uma outra igualmente adulta da adolescência, da idade adulta e da velhice.” (Colomb, J. «Enfants des hommes et enfants de Dieu», conférence du 24 avril 1957, 2e congrès français de l’enseignement religieux, Paris).

5.1. O desenvolvimento psicológico e a fé na infância

Já na primeira infância é possível encontrar nas crianças uma disposição para a religiosidade. Esta disposição terá origem nas experiências afectivas da criança, sobretudo aquelas que experimenta e partilha com a mãe, figura estruturante deste período da vida: confiança, amor, segurança¹⁸. Este tipo de sentimento decorre, essencialmente, das características do comportamento maternal responsivo¹⁹, pois é através da qualidade das rotinas de cuidados que a criança aprende a confiar no mundo exterior e a esperar, com tranquilidade, que este satisfaça, pontualmente, as suas necessidades recorrentes.

O progressivo desenvolvimento das estruturas cognitivas, sobretudo com a passagem à etapa da função simbólica, cerca dos dezoito meses, permite que a criança vá delineando uma ideia de Deus que corresponde, em muito, à imagem construída acerca das figuras paternas. Paralelamente, o comportamento religioso é imitativo a partir dos modelos de referência e revestido de uma autoridade muito semelhante àquela que a criança atribui às figuras parentais.

A etapa psicológica da idade escolar é a fase da estabilidade e da coerência. Deus é perspectivado numa relação de heteronomia, Alguém a quem o homem reage. Lentamente, e embora permaneça exterior ao homem, inicia-se o desenvolvimento de uma perspectiva de influência

¹⁸ A este respeito, atente-se em Vergote, (op. cit., p. 157): “O laço primordial mãe-filho reproduz experiências físicas prévias numa união de fusão afectiva: experiências de felicidade numa totalidade difusa, de segurança numa única pulsão, de expansão do ser nos limites da existência. As conotações afectivas que vão construir a imagem maternal, mesmo num adulto, contêm valores que o sujeito experimentou no passado e que continua a possuir o mais profundo do seu ser. Os valores maternos são, assim, tecidos na existência como essenciais para o adequado desenvolvimento afectivo. Não é surpreendente encontrá-los reproduzidos na imagem divina.”

¹⁹ Duas observações devem ser feitas a este nível: primeiro, que o comportamento maternal não é específico da mãe biológica nem das mulheres, embora estas o desempenhem com sucesso um maior número de vezes; segundo, a capacidade de ser responsivo, isto é, de entender os sinais que a criança emite e de lhes responder adequadamente, estabelecendo uma rotina de cuidados e interacção, constitui o eixo central deste comportamento.

mútua, de dar e receber, mas em que Deus é visto como todo-poderoso, apesar de poder ser influenciado pelo comportamento do homem (petições, oração, bom comportamento). Nesta fase já há crianças que descrevem uma experiência religiosa, isto é, um sentimento profundo de proximidade com Deus, o início de uma relação. O animismo de que se reveste a experiência religiosa é tanto mais punitivo ou protector conforme as experiências individuais de relação com os pais. As crianças que têm uma vida familiar calorosa e estável tendem a ver Deus como activo e poderoso, enquanto que as crianças carentes dessa relação, por exemplo, as criadas em instituições, tendem a ver Deus como menos poderoso mas também menos protector.

Durante a infância, a socialização religiosa, que conduz ao despertar religioso, centra-se na figura materna. Sede dos afectos e, frequentemente, de um amor mais íntimo e quotidiano, a mãe tende, também, e talvez, essencialmente, por razões culturais, a ter uma vida de piedade mais exteriorizada. Também a comunica de forma mais aberta do que o pai, tal como comunica, mais e melhor, outro tipo de experiências emocionais e afectivas, facilitando a observação e imitação por parte da criança.

Como a religiosidade é essencialmente imitativa, a educação religiosa estruturada (catequese e educação religiosa escolar) tem um papel essencial no despertar religioso, contribuindo para a articulação dos conceitos religiosos e para a integração das dificuldades que a hermética linguagem teológica coloca. A catequese, através da sua dimensão comunitária, facilita a interiorização e vivência das atitudes religiosas. No entanto, os estudos têm mostrado a capacidade das crianças para uma abertura precoce ao mistério e a sua importância no desenvolvimento religioso, o que é compreensível se nos lembrarmos de como o pensamento mágico e a imaginação desabrocham nas crianças da fase pré-operatória, podendo sobreviver ao pensamento concreto da idade escolar se a educação não se restringir bruscamente a esquemas de resolução de problemas, mas apresentar outras formas de abordagem da realidade, como a literatura e a arte, instrumentos indispensáveis na educação sentimental e moral.

5.2. A adolescência ou o difícil processo de assumir a infância

A tarefa central da adolescência é a construção da identidade. O adolescente, dando-se, subitamente, conta de que já não é criança, sente-se impelido a explorar o mundo dos adultos e a descobrir as inúmeras variantes que este, adivinha, pode proporcionar. A diferença que encontra entre o padrão de educação a que tem estado sujeito e as possibilidades oferecidas pela realidade constrange-o a escolher aquilo que deseja para si. Este é, genericamente, o programa da adolescência, cruzar os diferentes aspectos da sua personalidade num todo coerente que exprima as escolhas individuais.

Para conseguir escolher o que quer ser, o adolescente necessita assumir, criticamente, a sua infância, isto é, reconhecer a passagem por esse tempo sem tempo, perspectivar os valores e atitudes que a educação familiar proporcionou e enfrentar um projecto pessoal que se desenvolverá entre o que a sociedade lhe pede, a assunção de um papel adulto na hierarquia social, e o que lhe oferece, isto é, toda a gama de valores e contravalores com que pode deparar-se.

Esta etapa de construção e estruturação da personalidade não terá lugar sem algumas rupturas, mais ou menos súbitas e bruscas. Na maior parte dos casos, os laços com a família não se rompem, assim como não se quebra o contacto com o real. Este processo, que tendemos a designar de crise, sobretudo pela sua profundidade e potencial transformador, supõe que o adolescente reajuste as suas relações com os pais. Este reajustamento torna-se necessário porque o adolescente viveu até aí essencialmente como um reflexo da vida e condição familiar. Mas como os pais já fizeram as suas escolhas e o adolescente ainda não, algum afastamento é necessário, criando espaço para as suas explorações e ocasião para descobertas e afirmações. No entanto, como os pais providenciaram apoio, protecção e identificação durante toda a experiência vital de que se recorda, o adolescente necessita encontrar novos apoios e novas referências e estas acabam por se concentrar no grupo de pares, os amigos. Se quisermos utilizar a linguagem de Maslow, o adolescente parte à descoberta da realização de si, ou seja, ser o que é e sentir-se bem com isso.

O grande objectivo da adolescência é tornar-se apto a desempenhar os papéis dos adultos, tanto o papel sexual (ser homem ou mulher, portador de uma identidade sexual capaz de uma sexualidade activa), como do ponto de vista moral, isto é, escolher um conjunto de valores

e agir de acordo com estes. Este processo de construção da identidade, que ocorre em diálogo com o meio social, é descrito por Erikson²⁰ como um caminho para a capacidade de estar só, gerar intimidade e aprender a partilhar-se com alguém a um nível profundo. Acompanhado de um amplo desenvolvimento intelectual, permite ao indivíduo iniciar-se numa moralidade mais madura, ultrapassando a heteronomia e convencionalidade da infância.

O adolescente torna-se, então, competente para abordar as noções religiosas, o mistério de Deus e o sentido da existência, de um modo pessoal, assimilando as noções religiosas sem infantilismo. Na sua representação de Deus, surge um espaço de autonomia do ser humano e Deus tem o seu próprio domínio de responsabilidade²¹. O raciocínio permite uma articulação do conceito de Deus, na sua dimensão espiritual, grandeza, poder, bondade. A transcendência encontra-se na proximidade, ajudada pelos símbolos recebidos da cultura, que fomentam uma concepção da divindade abstracta e espiritual. Estão criadas as condições para uma relação íntima com Deus, o necessário desenvolvimento afectivo e a maturidade educativa.

Oser, que estudou o julgamento religioso²², identificou como primeira fase de formação da religiosidade adulta, propriamente dita, aquela que é desenvolvida na adolescência (embora podendo persistir), o Deísmo. A influência de Deus na vida corrente dos indivíduos é reduzida, pois o sujeito percebe que o ser humano é dotado de autonomia, de responsabilidade e que Deus tem o seu próprio domínio de responsabilidades. Percebe, também, que Deus fará pelo homem aquilo que este pode fazer por si mesmo. O antropomorfismo com que Deus era, até agora, conceptualizado, mitiga-se notavelmente. A relação pessoal com Deus exige, presentemente, um adequado desenvolvimento afectivo e uma influência educativa que promova a maturidade geral, ambas inscrevendo-se num desenvolvimento da motivação que não crie barreiras à percepção da existência de Deus.

²⁰ Erikson, E; *Identity, Youth and Crises*, W.W. Norton & Company, New York, 1968.

²¹ Terceiro estágio do julgamento religioso, tal como descrito por Oser.

²² Oser, F. ; Gmünder, P. – *Religious Judgement, A Developmental Approach*, Religious Education Press, Birmingham, Alabama, 1988.

As motivações do sujeito evoluem de modo crítico em direcção à afirmação vocacional. Perante esta, o adolescente sentirá, progressivamente mais certeza mas, frequentemente, também, dúvida ou indiferença, pois a adolescência é igualmente o tempo da crise religiosa. Esta crise é provocada não apenas pelo curso do desenvolvimento, mas porque o adolescente necessita encontrar na religião resposta às perguntas para a sua existência, tanto de teor intelectual como vocativo, processo que, podendo ser perturbador, é sempre complexo. Na crise religiosa surge, muitas vezes, uma primeira etapa de crítica e ruptura, a que se segue um período de tentativa de auto-definição religiosa, isto é, o adolescente procura ter ideias próprias sobre os grandes temas da sua tradição religiosa, estimulado pelo interesse em integrar o pensamento científico, fomentado pela escolarização, com as crenças transmitidas pela educação religiosa. Esta crise pode ser sublinhada pela necessidade de ter uma vivência religiosa que surja da própria personalidade, isto é, baseada na procura de uma experiência de Deus vivida na proximidade, proximidade que é reclamada mas não construída internamente. O adolescente deseja um face-a-face com Deus mas sente-O longe, pois este não se manifesta através das suas sensações mais pessoais. Acontece que, por vezes, desespera na lonjura e vazio desta relação, que não lhe é oferecida, incapaz como está de entender qual a participação do seu esforço neste processo de aproximação e intimidade.

A crise de identidade, quando resolvida, permite uma primeira tomada de posição existencial, uma primeira articulação da fé, embora para muitos adolescentes seja uma oportunidade perdida, e Deus permaneça uma ideia longínqua, um conceito filosófico sem incidência na vida, conduzindo à indiferença ou negação. A articulação madura, em contrapartida, situa-se em torno da tomada de consciência da disfuncionalidade da religiosidade infantil, da aceitação do pluralismo cultural que conforma as crenças religiosas, a crítica ao anterior ritualismo acriançado e à capacidade de ultrapassar um idealismo utópico que sofre de fraca coerência moral.

Apesar da angústia que a crise de religiosidade pode provocar nos educadores do adolescente, a resolução de todo este processo está associada a importantes factores psicossociais, tais como o equilíbrio pessoal face ao desenvolvimento, isto é, a resolução da crise de

identidade, a evolução da inteligência com a aquisição e estabilização do pensamento abstracto, o desenvolvimento da sensibilidade, a autonomia moral, acompanhada da estruturação da responsabilidade e a integração da culpa e a necessidade de procura de sentido. O ambiente social e os amigos, tal como em todo o processo de adolés- cer, têm um papel muito importante neste processo e na forma que assume a sua resolução. Finalmente, uma resolução construtiva da crise de fé permitirá uma articulação das diversas dimensões da mesma com a vida e personalidade do sujeito e conduz à sua confissão pública, sinónimo de adesão pessoal e vital. A conclusão deste processo revela- -se também numa pertença eclesial consciente e responsável.

É importante considerarmos que, actualmente, a superficialidade religiosa da sociedade (espiritualidades e afins) não contribui para que os indivíduos cheguem a formular a sua própria descrença, pois não há pressão suficiente para o amadurecimento. Assim, observa-se que muitos indivíduos evoluem de uma religiosidade infantil, imitativa e concreta, para uma perspectiva em que a religião aparece como irrelevante e é vivida de um modo totalmente dependente do ambiente, atitude habitualmente designada como indiferença religiosa.

5.3. A religiosidade dos adultos

A vida adulta tem, também, inúmeras fases, períodos de transição e mudança na vida dos sujeitos que implicam adaptações novas ao meio externo e reajustamentos psicológicos progressivos. A forma como a pessoa vê o mundo, os outros ou se perspectiva a si própria, sofre alterações, muitas vezes provocadas por acontecimentos marcantes que geram novos papéis e as suas respectivas tarefas. Assim, do ponto de vista religioso, observamos que, entre os vinte e os trinta anos, os sujeitos tendem a reavaliar a sua religiosidade, podendo deslizar para um processo de passividade ou optar pelo abandono. Os trinta anos, supondo já alguma experiência profissional e uma opção pelo estado de vida, são uma oportunidade de determinação neste campo, em que o sujeito decide reincorporar a sua experiência religiosa ou decide abandoná-la, mas, em todo o caso, pretende rever a sua posição. Quando o sujeito persiste na crença, esta tende a amadurecer, apesar de, mais tarde, a entrada na terceira idade poder constituir novo momento de crise, sobretudo marcada pela perda de capacidades

físicas e psíquicas, alimentando uma vivência religiosa de resignação que não é particularmente regeneradora nem fértil.

Oser designou por Correlação e plano de salvação a fase de autonomia do homem e aceitação do absoluto que é já propriamente adulta. Deus é o fundamento do homem e do mundo e constitui a possibilidade de qualquer acção humana. Há sinais do Absoluto na natureza e na vida humana. O homem situa-se num plano de salvação que fixa as condições da sua liberdade. Há capacidade real de decisão pessoal, enquadrando a liberdade no desígnio de Deus, ao qual se deve corresponder.

Oser propõe uma quinta etapa, de Autonomia religiosa, adquirida pela absoluta inter subjectividade. O Absoluto é percebido como o fundamento de tudo. É no diálogo inter-humano que Deus se dá a conhecer, como fonte de exigência, e num espaço de liberdade. O homem faz a sua história, tem a responsabilidade de transformar o mundo, este é uma sua responsabilidade pessoal. Não há que escolher entre Deus e os homens. Toda a vida é uma interpretação de Deus.

Para Fowler, que estudou o desenvolvimento da religiosidade²³, entre os 17/18 e os 35/40 anos, alguns indivíduos desenvolvem uma Fé individual reflexiva. Esta atitude religiosa parte da consciencialização de que não se pode ser puxado em todas as direcções, nem fazer uma síntese com base numa autoridade externa. O sujeito deve desenvolver uma responsabilidade autónoma mas esta ainda é vivida como um racionalismo, caracterizado por uma interpretação redutora das crenças, apesar das tentativas para articular a sua própria visão.

A partir dos quarenta anos, o indivíduo já teve oportunidade de construir uma síntese com base num conjunto de experiências e da necessidade que sente de se confrontar com a realização ou não dos seus projectos de juventude, aceitando perdas e ganhos. Fowler observa que, a partir desta idade, os indivíduos podem desenvolver uma Fé conjuntiva. A fé reflexiva não é suficiente. A vida e as coisas são dotadas de complexidade e o indivíduo deve progredir na autonomização das suas tomadas de posição e no respeito pela diferença

²³ Fowler J.; *Stages of Faith*, Harper, San Francisco, 1981.

(nenhum de nós é um repositório da verdade). Dá-se uma reapropriação das formas de compromisso ou modos de dar sentido à vida, numa reafirmação de “verdades antigas”. Deus está para além das tradições religiosas.

Como procuramos demonstrar, parece-nos que a condição primeira para o amadurecimento da fé, é o amadurecimento da própria personalidade. Alguns factores parecem estar presentes neste processo de amadurecimento geral e, logo, se observam no amadurecimento da fé. O contexto familiar é muito relevante e a mãe tem um papel essencial no despertar religioso, tanto pelo seu papel na estruturação psicológica precoce, pela sua capacidade de despertar sentimentos de confiança, mas, também, pelo seu exemplo e competência na abertura ao mistério. A formação religiosa familiar será melhor sucedida num ambiente de liberdade pessoal, pois uma educação restritiva, que é sempre infantilizadora e desresponsabilizante, favorece a imaturidade. Por outro lado, as escolhas educativas dos pais e as oportunidades que concedem aos filhos também contribuem para o amadurecimento, ou não, da fé. Assim, a participação numa comunidade de fé, com as suas celebrações e actividade social, dão um contributo importante, tal como a presença dos sacerdotes junto dos adolescentes. Família e comunidade fornecem modelos, num clima adequado de afectividade, companheirismo e ideias claras e assumidas, em que cada um se torna aquilo que, potencialmente, é.

A educação não estereotipada ou não baseada em fórmulas favorece a maturidade, pois tem um cunho interpretativo, sublinhado pela emoção e afecto das relações de carácter pessoal. E os indivíduos crescem melhor quando têm liberdade pessoal para o fazer, uma vez que a abertura ao diálogo interior é indispensável para a construção da identidade. Os adultos deverão fornecer, sobretudo, modelos claros e estruturados e ser capazes de reflectir e justificar as suas próprias escolhas. Evitar-se-á o formalismo, a irreflexão e a prática baseada apenas no costume e na rotina, que conduzem ao tradicionalismo, ao populismo e à convenção. O que se pretenderá conseguir é uma escolha pessoal de vivências religiosas, estruturada na formação do núcleo da personalidade e baseada nas questões que o indivíduo coloca à sua vida e ao sentido da mesma, nas concepções da realidade que este desenvolve como próprias e nas necessidades e ideais do sujeito.

6. UMA RESPOSTA COM FUTURO – A PROCURA DE ESTREITA RELAÇÃO COM DEUS

Se a sociedade actual pressiona pouco no sentido do amadurecimento da fé e todas as tradições religiosas se encontram em crise, em contrapartida, a necessidade e o desejo do religioso persistem no coração e na mente de cada homem. Diz-nos Maslow: “Estamos a aprender que o estado de existir sem um sistema de valores é patogénico. O ser humano necessita de uma trama de valores, uma filosofia de vida, uma religião ou um substituto da religião de acordo com o qual viver e pensar, da mesma maneira que necessita da luz solar, do cálcio ou do amor²⁴”. As crenças, as práticas rituais, as instituições, são abandonadas e os seus responsáveis parecem perder credibilidade ou, talvez, de um modo mais adequado à realidade de hoje, perdem poder de atracção e de interesse. Desce o número de praticantes e um movimento de fundo põe em questão a própria fé, descrê, é indiferente. A religiosidade metamorfoseia-se em novas manifestações, mudam os paradigmas e a Transcendência parece não ser mais o princípio determinante do mundo humano. O sagrado já não remete a uma Transcendência que o ser humano reconheça como um acto de entrega e de transcendência de si mesmo. Os indivíduos continuam a dar mostras de necessitar recorrer a um sentido e a um valor global para as suas vidas, mas recusam a imposição de uma definição desse sentido fora de si mesmos, desde uma Transcendência que exige reconhecimento e obediência, substituindo-a pela referência à dignidade inalienável da pessoa e da própria consciência.

“Quando o Filho do homem voltar, encontrará fé na terra?²⁵” Martín Velasco procura uma resposta a esta questão essencial, propondo um perfil de cristão maduro e adulto como um perfil de místico contemporâneo, definido como uma procura estreita da relação com Deus como ideal adulto de religiosidade. Velasco²⁶ invoca Rahner, que considerava os místicos não como um grau mais alto do crente, mas um momento interno e essencial da fé. Esta concepção de maturidade

²⁴ Maslow, A., *El hombre autorrealizado*, Ed. Kairós, Barcelona, 1985, p.271.

²⁵ Lc 18,8.

²⁶ Martín Velasco, J.; *El fenómeno místico – estudio comparado*, Editorial Trotta, Madrid, 1999, pp. 452 e ss.

consiste num chamamento à perfeição em que a conversão é o centro da personalidade da pessoa, fruto de uma adesão pessoal a Deus. Esta é radical, fundada no coração mas consciente e voluntária, dominando toda a vida afectiva através da fé, da esperança e do amor, meios de união com Deus. O crente adulto abandona a posse de si mesmo, renuncia a si, desprende-se, e convertendo-se ao amor filial a Deus, aceita contemplá-l’O e reconhecê-l’O. Esvaziado de si mesmo, torna-se um homem habitado pela capacidade de Deus, preenchido pelo desejo de Deus, ao Seu serviço com o conhecimento, a virtude e a oração de que é capaz.

A maturidade com que se é cristão revela-se também pelos seus frutos. A vida transforma-se, reorientam-se as faculdades, há aceitação da vontade de Deus, identificação com ela: “É Cristo que vive em mim”²⁷ e a capacidade de serviço ao mais pequeno, ao próximo, assume uma nova dimensão, uma nova força. Para além da herança cultural, da pertença institucional ou afirmação ideológica, Deus está no centro da vida: com consciência, com um cultivo constante da relação, com familiaridade. O amor orienta o olhar, a atenção, a vontade, a decisão na direcção requerida. A ética baseia-se no esforço por cumprir o mandamento, na vontade de compromisso com os valores por que se optou, na virtude: humildade, obediência, compaixão, sobriedade, pureza, justiça, caridade.”Crer em Jesus Cristo, em Deus revelado em Jesus, é fazer sua a forma de vida que o revela, seguir Jesus, as suas atitudes e comportamentos”. Uma forma de conduta que o facto de crer impõe: “Conhecer a Deus é saber o que se deve fazer “²⁸.

Já o Cardeal Newman alertara para o facto de uma fé passiva, herdada, vir a acabar, entre as pessoas cultas, na indiferença e entre as simples, na superstição. A este respeito também Alberich²⁹ invoca a necessidade de se promover o dinamismo da fé no sentido da sua maturidade e de uma relativa autonomia. O autor define a fé como um traço central e estável da personalidade, que é fonte de sabedoria e de sentido que confere estabilidade e integração ao conjunto da personalidade como

²⁷ Gal 20

²⁸ Velasco, op. cit., p. 456.

²⁹ Alberich, E.; *La catechesi oggi - manuale di catechetica fondamentale*, Editrice Elledici, Torino, 2001, p. 143 e ss.

ponto central de referência das opções de vida, harmonizando valores e motivações, isto é, opções éticas e conduta.

A fé desenvolve, de modo coerente e forte, as três dimensões da atitude – cognitiva, afectiva e comportamental – e com um profundo sentido de unidade interior. A dimensão cognitiva é valorativa e motivacional, pois a fé madura é uma fé informada e aprofundada. O cristão adulto é capaz de dar razão da sua fé e conhece não só os fundamentos mas os elementos essenciais da sua crença. É também uma fé diferenciada, capaz de discernimento, não monolítica nem integrista, pois distingue o essencial do secundário, o imutável do contingente, o seguro do opinável, segundo uma “hierarquia das verdades”³⁰. Na maturidade, a experiência religiosa é, assim, aberta e dinâmica, sem imobilismo, intolerância ou fundamentalismo. É também uma fé crítica e autocrítica, não ingénuo ou passiva, mas apoiada em argumentos sérios.

Do ponto de vista afectivo, a maturidade da fé radica na autonomia motivacional, pois o indivíduo adulto é livre e procura desenvolver uma fé pessoal, que não está ligada a necessidades, desejos, instintos básicos, mas que tem em si própria a sua justificação, sem condicionamentos religiosos ou sociais. Apoiase numa certa maturidade psicológica baseada na liberdade interior e na superação do egocentrismo, que estruturam uma personalidade equilibrada, capaz de se dar, sem ansiedades nem frustrações. Quando há falta de autonomia motivacional, o sujeito é levado à religiosidade funcional, compensatória, de refúgio, uma infantilização religiosa que cria dependências, afasta da liberdade do Evangelho, bloqueando o desenvolvimento humano e cristão.

³⁰ DGC 114–115: “A mensagem que a catequese transmite possui um «carácter orgânico e hierarquizado», constituindo uma síntese coerente e vital da fé. Esta organiza-se a partir do mistério da Santíssima Trindade, numa perspectiva cristocêntrica, uma vez que é «a fonte de todos os outros mistérios da fé, é a luz que os ilumina...». A partir deste mistério, a harmonia do conjunto da mensagem requer uma «hierarquia de verdades», uma vez que é diferente a relação de cada uma destas verdades com o fundamento da fé. Todavia, esta hierarquia «não quer dizer que algumas verdades pertençam menos à fé do que outras, mas sim que algumas se alicerçam sobre outras, que são mais importantes, e são por estas iluminadas».”

A fé madura também é criativa, aberta à novidade, não imóvel nem conformista. É fonte de motivações, interpretações e iniciativas e é constante, ou seja, um compromisso a longo prazo, que não é caprichoso nem instintivo, logo, que não é frágil. De facto, assume a consistência de um Projecto de Vida, sem flutuações de desânimo nem oscilações dependentes da moda, dos impulsos, das influências externas. Comunicativa, contagiante, dialogante, sem se mostrar auto-suficiente, nem intolerante, a fé madura deseja partilhar a sua descoberta e dialogar.

Do ponto de vista comportamental, a fé madura é dinâmica, activa e fértil, integrando as diferentes actividades do indivíduo. E como há acordo entre a crença e a escolha moral, e entre esta e a acção, a fé madura é uma fé consequente, que é professada e vivida, proporcionando unidade, estabilidade, confiança e, por isso, alegria interior.

7. PARA CONCLUIR – UM NOVO MODELO DE CRENTE

Perante as questões que tivemos oportunidade de abordar, parece-nos evidente que necessitamos de procurar e promover um novo modelo de crente, capaz de uma religiosidade de verdadeira e profunda relação com Cristo e a Sua mensagem, orientado para a vivência dos valores que a mensagem proclama, estruturado numa personalidade madura, sólida e aberta à evolução ao longo de todo o ciclo de vida e em todas as dimensões da sua existência.

Alberich³¹ aponta algumas características de uma nova espiritualidade cristã, partindo da concepção de que a fé deve ser personalizada e livre, fruto de uma opção pessoal e de uma experiência renovada de conversão e interiorização de atitudes livres da fé. Tal como Velasco, também invoca Rahner e de como o cristão do futuro será um místico ou não o será. Este novo místico não abandona a vida quotidiana, mas é capaz de se retirar para uma experiência de fé profunda, antes continua a dar conta das suas responsabilidades profissionais, sociais, familiares, políticas. Segundo o autor, é a

³¹ Alberich, op. cit.

profundidade da sua experiência que assegura a identidade e a alegria da fé.

A forma renovada de viver hoje uma fé madura implica que esta seja culturalmente aceitável, sem fractura, mas vivida num processo de inculturação, activando o diálogo entre fé e cultura, abrindo-se aos valores e sinais do tempo, com uso de uma racionalidade crítica e revisão profunda das representações religiosas tradicionais.

É, também, uma religiosidade ancorada num profundo “sentido de Igreja”, um sólido sentimento de pertença e identificação com a comunidade eclesial, mistério e instituição, sem traços infantis ou acríticos. Deverá promover uma vontade de pertença e participação responsável, baseada na autonomia e num saudável e equilibrado espírito crítico.

O novo crente revela, também, uma profunda capacidade comunitária, própria de um indivíduo responsável, que vive e partilha a sua fé como uma experiência enriquecedora de solidariedade e comunhão. Surge menos afastado e auto-suficiente, mais co-responsável e com aptidão para trabalhar em equipa, mais interdependente, mais vinculado. Esta capacidade de se dar e de saber receber não debilita, mas é, antes pelo contrário, um enriquecimento promotor de maior maturidade.

Sensivelmente na mesma linha, Biemmi³² refere que a maturidade da fé não pode ser abordada apenas no plano dos processos individuais. Se não queremos confiná-la ao domínio do privado, teremos de nos interrogar sobre a sua dimensão social e cultural e sobre as representações que as sociedades fazem da fé. Segundo este teólogo, a resposta livre do homem à proposta gratuita do Deus encarnado dá-se na história, no contexto “profano” da vida de todos os dias e em que a acção do espírito não é a de espiritualizar mas de humanizar, chamando a identidade humana a ser filial e fraterna.

³² Enzo Biemmi, *Croire en adultes aujourd'hui – Enjeux théologiques et catéchétiques pour des chrétiens et des communautés adultes dans la foi*, comunicação apresentada no colóquio «La catéchèse des adultes et la question de la maturation de la foi», ISPC, Institut Catholique de Paris, 3/2005.

O crer adulto tem, além disso, uma dimensão fundamental na adesão à comunidade de irmãos, renunciando a todo o individualismo, e uma outra na dimensão sacramental e simbólica, pelo que a fé adulta significa estar na vida simbolicamente, com a capacidade de celebrar o mistério Pascal como fonte de vida e promessa de realização pessoal e de toda a história.

O místico de que nos fala Rahner, como exemplo de cristão maduro, ama a sua cultura e serve-a: está inteiramente comprometido com o mundo e é dotado de uma sensível e profunda consciência ética. É um cristão encarnado e comprometido, com forte vigor moral, que mostra a sua fé com o coração no mundo: família, trabalho, política, tempo livre, compromisso de transformação da sociedade, à luz do Evangelho. A sua abertura cultural, colaboração, sensibilidade ética, consciência dos valores, compromisso social e político, solidariedade com os pobres, capacidade de diálogo intercultural e inter-religioso, espírito de comunicação, aceitação do outro, confrontação leal e sincera, não só revelam como a sua religiosidade amadureceu, mas como ainda está disponível para robustecer a sua identidade religiosa, no enriquecimento recíproco. Como refere Biemmi,³³ o cristão adulto é dotado de simpatia e de sabedoria. A simpatia exprime o amor pelo seu próprio tempo e a sabedoria, vinda do Espírito Santo, manifesta-se pela capacidade de discernir o que na cultura é humano ou inumano, o que humaniza e o que desumaniza. O Evangelho é a fonte de referência, o capital de humanização a partilhar com todos.

Como será possível forjar cristãos desta têtpera, perguntamo-nos? A resposta não é nova: abrir-se ao MISTÉRIO, tornar presente o incompreensível e o inconfundível, esse contacto amoroso que reconhece “só Deus basta”, numa atitude de confiança incondicional, entregando o ser e a vontade, no meio do mundo. Não há oposição na atitude de Marta e de Maria³⁴, pois a acção decorre da contemplação, verdadeira experiência de amor, amor de serviço ao mundo, aos homens que nele habitam: “o fim é procurar e encontrar Deus em todas as coisas”, tal como referia S. Inácio, estabelecer uma relação com o outro que é uma relação de amor ao próximo, fundamentada na liberdade

³³ Op. cit.

³⁴ Jo 11, 1-3.

interior que permite encontrar Deus no outro, e depois, dar tudo por tudo “ ao mais pequeno”. E o serviço é tão digno e tão premente tanto no templo como na rua, tão importante na celebração como no trabalho. Trata-se de fazer experiência de Deus, de fazer a experiência de orientar a vontade para a caridade: “se não tiver amor, de nada me aproveita”³⁵.

Do ponto de vista da formação, é necessário criar condições para uma escuta atenta das Escrituras e uma escuta também atenta e apaixonada da sua própria cultura. Ambas as escutas interpelam o adulto no sentido de mudar, de se converter, expondo-se à história, ligando-se à dimensão quotidiana e profana da vida, em sintonia com a sensibilidade da sua cultura, atento às questões e à imprevisibilidade, apaixonado pelos itinerários e histórias de vida dos homens e mulheres que cruzam o seu caminho. Como disse Biemmi³⁶, é a fé mais vulnerável possível, porque o homem se encontra totalmente exposto, a partir do próprio centro de gravidade da sua personalidade. Mas poderá resistir aos choques e crescer porque se estrutura com base nos traços fundamentais do crer adulto na história: a graça, a gratuidade e a gratidão. Assim, a fé salva a cultura e posiciona-se, ela própria, como razoável, possível e desejável no seu contexto, pois uma tarefa inadiável do cristão adulto é viver uma fé que adquira uma forma estavelmente adaptada a uma sociedade saída do religioso. É na maturidade da fé que se joga, também, a credibilidade da fé.

Olhando a nossa realidade quotidiana com alguma frontalidade, é impossível não nos questionarmos sobre se os Homens não terão perdido a sua capacidade de ter ouvidos para Deus. Conseguirão impedir o Mistério de estar a seu lado? Ranher vaticinou, contra alguns argumentos políticos, que este seria, sim, o fim da história humana. E mesmo que seja difícil sentir esperança, o futuro está aí, pleno de novas oportunidades, desafio para um crescimento criativo de personalidades maduras e sólidas.

É necessário personalizar a religião, uma imposição do processo irreversível de secularização, pois só uma religiosidade de opção pessoal, fundada numa escolha, pode proporcionar uma experiência

³⁵ 2 Cor 13, 3.

³⁶ Op. cit.

de conversão. Por outro lado, o individualismo, o reconhecimento da liberdade individual e a emancipação das tradições, assim como o anonimato urbano, exigem que as pessoas sejam capazes de configurar pessoalmente o seu sistema de crenças e práticas, de modo a sentirem uma verdadeira necessidade de cultivar a sua experiência religiosa, tal como sugerido pelo evangelista: “nisto Consiste a vida eterna, que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro”.³⁷

Pela reflexão, apercebermo-nos do mistério como algo que insta a que nos abandonemos às outras razões, às do coração, para vermos de modo mais profundo e mais elevado. A sensibilidade aliada à confiança em si, a aceitação do eu, dos outros, da natureza, a espontaneidade, simplicidade e naturalidade, a independência face à cultura e ao ambiente, e a criatividade, tal como Maslow³⁸ refere, enquanto condições para a auto-realização ou evolução rumo à maturidade, são condições psicológicas essenciais para que, e como indica Velasco, tornar transparente o poder de atracção que o Bem tem para a vida humana³⁹.

Finalmente, gostaríamos de mencionar que o programa da exortação apostólica “Igreja na Europa” nos parece, claramente, inspirar os cristãos a progredirem no sentido de uma fé adulta, isto é, a confrontarem-se, criticamente, com a cultura actual; a serem capazes de influir na vida quotidiana, na cultura, economia, nos problemas sociais e políticos; a mostrarem como a comunhão é mais forte que as diferenças étnicas; a transmitir a fé com alegria. Nada se faz sem trabalho e sem esforço. João Paulo II recomenda um plano de trabalho: viver plenamente o Dia do Senhor; dar à oração e aos sacramentos o relevo formativo e purificador que o adulto necessita; praticar a caridade; celebrar a fé;

³⁷ Jo 17, 3.

³⁸ Maslow, a propósito do processo de maturação do indivíduo: Maslow, A., *Motivation and personality*, New York, Harper & Row, pp. 156-165. O autor indica, também, as condições de focalização em problemas, necessidade e privacidade, novidade contínua nas apreciações, experiência mística, sentimento social, elações interpessoais, carácter de estrutura democrática, distinção entre meios e fins e entre o bem e o mal, assim como um sentido de humor não hostil.

³⁹ Martín Velasco, op. cit., p. 486.

reforçar o sentimento de mistério e pôr Jesus no centro da vida cristã. Algumas áreas da nossa vida em sociedade são particularmente sensíveis, requerendo um testemunho forte e afirmativo e o empenho com que se investe nestas monitorizam um percurso de aperfeiçoamento e amadurecimento: os pobres, os doentes, a gestão e uso correcto dos bens, o matrimónio e a vida das famílias, a educação do amor. O exercício que nos propõe é, tão-somente, construir uma cidade digna do homem, permeável aos valores do Reino.

Informação

Recensão

P. AUGUSTO CABRAL

ACTAS DO 1º CONGRESSO NACIONAL DA ESCOLA CATÓLICA

A Associação Portuguesa de Escolas Católicas (APEC) publicou as *Actas do 1º Congresso Nacional da Escola Católica*, edição patrocinada pela Fundação Calouste Gulbenkian e apoiada pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã.

Com um título bastante sugestivo – “Escola Católica, proposta e desafio” – e, ao mesmo tempo, objectivo em relação aos conteúdos, metodologias e propostas, esta obra define bem a actualidade da problemática da escola católica no nosso país e a necessidade da sua reflexão e do debate esclarecedor, com o objectivo de desbloquear a concepção estatizante do ensino, que tem levado a uma prática monopolizadora do mesmo em Portugal.

O programa deste primeiro Congresso Nacional da Escola Católica foi um projecto com princípio, meio e fim e trabalhado, na teoria e na prática, por pessoas competentes e amadurecidas neste sector da vida, tanto a nível nacional como internacional.

Os organizadores do Congresso tiveram a preocupação de dar oportunidade de serem reflectidos e debatidos vários problemas relacionados com a Escola Católica, desde a sua situação mundial, o seu papel na Europa, a sua realidade em Portugal até ao que se espera dela como espaço de crescimento, como fonte pedagógica, cultural e de cidadania e como interpelação aos sistemas educativos, terminando com uma antevisão do seu futuro na Europa e sem esquecer Jesus Cristo como paradigma e mestre dos mestres.

Para não ficar só na teoria e nas palavras, os organizadores também tiveram o cuidado de se preocupar com as questões práticas como: projectos feitos, realizações conseguidas e um painel sobre “sociedade informática e qualidade educativa”.

Como se vê, as actas deste Congresso, agora felizmente publicadas, são um aperitivo saboroso um manancial e instrumento de trabalho a

aproveitar por todos quantos se dedicam aos problemas da educação e, de modo especial, aos da escola católica.

São um contributo substancial para, não só elevar o nível de possíveis debates, mas, também, e sobretudo, iluminar as decisões a tomar, para quem tenha o poder e o dever de o fazer.

CRISMADOS PARA VIVER E TESTEMUNHAR A FÉ

Este livro, da autoria do senhor D. Manuel Madureira Dias, Bispo Emérito do Algarve, conhecedor profundo das necessidades pastorais, formativas e catequéticas das nossas dioceses, publicado pelas Edições Paulinas, é um riquíssimo subsídio para formar cristãos mais adultos na fé e responsáveis pelo anúncio e testemunho da fé cristã no interior da Igreja e no mundo.

Percorrendo os caminhos do pré-catecumenado e catecumenado crismal com os seus objectivos, pedagogias, materiais, tempos, celebrações, gestos rituais e interioridade, próprios de cada catequese, encontro e fase, o autor aprofunda com muita simplicidade e clareza, próprias de quem sabe, os problemas e exigências fundamentais que a prática pastoral recomenda para uma formação e catequese sólidas dos cristãos adultos.

Fazia-se e faz-se sentir, ainda, na nossa prática pastoral, a falta de uma obra como esta, porque, infelizmente, a maioria dos cristãos, baptizados em criança, nunca fez uma verdadeira iniciação na fé cristã; os adolescentes, em geral, frequentam alguns dos volumes do catecismo adoptado entre nós, mas alguns desistem antes de atingirem a parte final do percurso e aqueles que persistem até ao fim, durante os dez anos, falta-lhes uma síntese de fé. Daí que, chegados às vésperas da recepção do crisma, encontramos-los, por circunstâncias várias, vazios da mensagem cristã, do seu valor, significado, importância e responsabilidade, quer na vida pessoal e familiar quer na comunitária e, muito menos, comprometidos com Cristo e a Boa Nova que leva à conversão contínua.

Sendo a confirmação um dos sacramentos da iniciação cristã, se esta não foi feita antes, há que fazê-la, agora, com seriedade, para que o todo sacramental do processo iniciático encontre uma base sólida, capaz de fermentar a vida toda do cristão crismado.

É, nesta perspectiva, que esta obra é um auxílio precioso e bastante recomendável para todos os responsáveis intervenientes no processo catecumenal: os pais dos “catecúmenos”, a comunidade cristã, os padrinhos, os catequistas/animadores e os próprios pastores das comunidades.

4 mil crianças, em Fátima, à procura de uma cor...

PAULO MORGADO

Uma centena de escolas do 1º Ciclo de todo o país, pertencentes a 16 Dioceses, aderiram à proposta do Secretariado Nacional da Educação Cristã e celebraram, em Fátima, no dia 6 de Maio, o 6.º Encontro Inter-Escolas. Os alunos do 1º ciclo da Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (**EMRC**) reuniram-se no dia 6 de maio de 2005, em Fátima, para o 6º encontro Inter-Escolas. Esta iniciativa do Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC) juntou cerca de 4 mil crianças e 600 professores.

As cores do Arco-Íris (símbolo do dia) dominaram o encontro sob o tema «Com EMRC, o Outro é um Amigo». Este ano, o símbolo escolhido foi o Arco-Íris. O **Arco-Íris** surge depois da tempestade, da tristeza, da desolação e é sinal de paz e tranquilidade, de cor, de alegria, de esperança e de encontro.

O desafio proposto foi que os alunos e professores fizessem brilhar novamente a cor verde, a cor da **Esperança**, que por momentos tinha misteriosamente desaparecido do nosso amigo Arco-Íris (que acontece em cada um de nós).

As escolas participantes encheram-se de cor! Vestidos e coloridos com todas as cores do Arco-Íris (bandeiras, fchas e T-shirts)... parecíamos viver um sonho!... Afinal, não era sonho mas pura realidade. Os alunos partiram com um pequeno e grande compromisso: ajudar a sua própria escola e família a nunca perderem o brilho das 7 cores do Arco-Íris.

A celebração matinal, na Capelinha das Aparições, aos pés da Nossa Senhora e o encontro da tarde no centro Paulo VI, fez brilhar novamente o Arco-Íris com todas as suas cores e em todo o seu esplendor.

4 mil crianças, em Fátima, à procura de uma cor...

O **rostro sorridente e alegre das crianças** e dos adultos... foram sinal de que a esperança brilhava novamente. A partir desse momento cada participante deve começar a ser também ele o Arco-Íris da Esperança... se queremos um mundo cheio de esperança... não podemos esperar... temos de agir.

A EMRC tem também esta função: despertar em cada aluno **“um arco-íris de esperança que encha as suas vidas de cor”**. Para as crianças destas idades, o Arco-Íris é bastante significativo dado que possui a beleza da cor, a beleza da diversidade e a beleza do encontro.

O SNEC tem como objectivo que o Inter-Escolas comece a ser um marco na vida escolar dos nossos alunos... e, apesar do número ter ultrapassado as nossas melhores expectativas, no próximo ano queremos ser **AINDA** mais...

Recordar é viver

Encontros Nacionais da Catequese, em revista

IR. ALDA REGO (*)

Diz alguém: “Só é possível construir com os pés no presente, olhando o passado e projectando o futuro”!

Hoje, passados muitos anos, aqui estamos em pleno encontro nacional. Mais um encontro de partilha, de trabalho e de comunhão.

Olhando o passado em retrospectiva, recordo os primeiros encontros, cheios de dinamismo, de entusiasmo e até, por vezes, de confronto amigável.

Começámos por ser um **“grupo primário”**, porque nos reuníamos por objectivos comuns, preocupações comuns... Hoje, passados tantos anos, embora com objectivos comuns, somos um grupo de amigos!

Em 1985, em Braga, o então Secretário Diocesano dos Açores, P. Constância, interpelava o grupo perguntando: ***O que vêm cá fazer as Dioceses do País? Cumprir uma Tradição? Rezar em conjunto? Conviver? Fazer trabalho de fundo?***

Penso que tem sido e continua a ser um pouco de tudo isto!

Em todos os encontros, tem havido e há algo de comum, uma linha condutora que penso que é de manter: o encontro com os amigos, a partilha de experiências, a descoberta da Igreja comunhão, o acolhimento feito pelas dioceses...

Tónica

- Vontade de acertar no que respeita à educação da fé das idades mais jovens;

* MRSCJ. Licenciada em Ciências Catequéticas. Coordenadora da Catequese da Infância e Adolescência, no Secretariado Diocesano de Viseu.

- Partilha de experiências;
- Experiência alegre de Igreja-Comunhão.

Podemos mesmo dizer que seguimos o Itinerário Catequético.

- **Acolhimento:** Pela Diocese do lugar onde se realiza o encontro;
- **Experiência humana:** A alegria da chegada / O Encontro com os amigos...;
- **Palavra** dos prelectores;
- **Aprofundamento:** por grupos;
- **Expressão de Fé:** Eucaristia - Oração;
- **Compromisso:** Concretizar - pôr em acção as orientações recebidas da Igreja;
- **Actividades:** Passeio cultural amigável e convívio fraterno.

Tem havido sempre a preocupação de fidelidade aos objectivos, da linha condutora que é comum a todos os Encontros: **Catequese e Catecismos.**

Poderia remontar à minha experiência anterior a 1985. Mas, olhando o passado, com os pés no presente e projectando o futuro, aqui estou a tornar presente os últimos 20 anos de experiência, a partir precisamente da expressão de 1985 em Braga: o que vimos cá fazer...?

Desde sempre e em todos os Encontros , seguimos um fio condutor:

- a) Objectivos;
- b) Temática;
- c) Materiais.

Assim, Encontros Nacionais:

1985 - em Braga

- Implicação da carta pastoral sobre a renovação da Igreja em Portugal, no sector da Infância e Adolescência;
- Importância da Iniciação Cristã na Catequese da Infância e Adolescência;
- Apreciação do Catecismo “Quem me chama”;

- Informação sobre a tradução dos Catecismos de Huelva de parceria com os Paulistas.

1986 – em Aveiro

- Análise à Catequese da Infância e Adolescência – 20 anos após o Concílio;
- Linhas fundamentais da Catequese;
- Função das equipas para preparar a elaboração dos catecismos;
- Referência ao Acto Catequético e ao Plano de Catequese;

1987 – em Bragança

- Catequese e Iniciação Cristã;
- Ligação com a Catequese de Jovens e Adultos;
- Possível Projecto de Catequese;
- Situar a Catequese da Infância e Adolescência no Processo da Iniciação Cristã;
- Apresentação do Projecto de Catequese em 5 Fases.

1988 – em Coimbra

- Apresentação do Projecto de Catequese;
- Formação das Equipas para a elaboração dos Catecismos.

1989 – em Évora

- Apresentação das Equipas para a elaboração dos Catecismos;
- Itinerário catequético a seguir;
- Catequese de Jovens – Confirmação;
- Novo Programa EMR;
- Jornadas Nacionais de Catequistas.

1990 – no Funchal

- A Catequese da Infância e Adolescência na Igreja em Portugal – Orientações;
- Um Catecismo para a Igreja Universal;
- Apresentação do “esquema” para um Directório de Pastoral;
- Necessidade de um Plano de Formação de Catequistas.

1991 – na Guarda

- Orientações catequéticas para a Igreja em Portugal;
- Apresentação das Fases;

- Lançamento dos catecismos a nível Nacional;
- Jornadas Nacionais para Formadores de Catequistas em vista ao lançamento dos Catecismos;
- Pedido: A Instituição do Ministério de Catequista.

1992 - em Lamego

- Formação de Catequistas;
- Análise de algumas catequese do novo projecto nacional de catecismos.

1993 - em Leiria

- Catecismo da Igreja Católica e implicações na Catequese da Infância e Adolescência;
- Possíveis formas de Colaboração - Comunicação - entre a TVI, a Logomédia e a Catequese.

1994 - em Lisboa

- Relação: Catequese - Família;
- A Família nos Novos Catecismos;
- A Família no Projecto de Deus.

1995 - em Portalegre-Castelo Branco

- Relação da Catequese da Infância e Adolescência com a formação cristã dos Adultos;
- Revisão do Plano de Formação de Catequistas;
- Avaliação do processo de revisão dos catecismos da IV^a e V^a Fases.

1996 - em Setúbal

- Implicações do Plano de Formação de Catequistas para as Dioceses e respectivos formadores;
- Revisão do trabalho nas Dioceses para estimular, colaborar e coordenar.

1997 - no Porto

- Dimensão Celebrativa da Fé;
- As Celebrações na Catequese;
- Revisão, avaliação e análise das Celebrações e festas da Catequese.

1998 - em Santarém

- Apresentação do novo DGC;
- Como trabalhá-lo e fazê-lo chegar a todos;
- Desafios que coloca.

1999 – em Vila Real

- Catequistas Jovens – desafios e esperanças;
- Perfil do Catequista Jovem;
- Experiências.

2000 – em Viana do Castelo

- Catequese e Pastoral dos Adolescentes;
- Problemática da Adolescência na sociedade de hoje;
- Caminhos de Renovação.

2001 – em Viseu

- Missão Profética da Comunidade Cristã e do seu Pastor;
- Exigências da Identidade Cristã no novo Milénio;
- Como deve responder a catequese para que exista uma evangelização eficaz das nossas Comunidades Cristãs;
- Ministérios fundamentais na Evangelização.

2002 – no Algarve

- Catecismos – 10 anos depois;
- Incrementar o processo de revisão dos catecismos;
- Definição de critérios;
- Partilha de experiências dos SDEC.

2003 – Encontro Nacional –Açores

- A Catequese no mundo em mudança;
- Desafios e inquietações;
- Projecto de catequese;
- O Catecumenato da Infância;
- Catequese e Confirmação;
- Que verdade anunciamos?

2004 – Aveiro

- Catecismos e Iniciação Cristã;
- Avaliação – projecto dos catecismos.

2005 – Em Beja

- Eucaristia e Catequese
- A Eucaristia, beleza de Deus, como beleza de amor;
- A Eucaristia na Iniciação Cristã;
- Continuação da análise da Renovação dos Catecismos.

Síntese do 44º Encontro Nacional de Catequese (Beja - 29 de Março a 1 de Abril)

Tema: Eucaristia e Catequese

Presentes: todas as Dioceses com excepção de Bragança.

A Comissão Episcopal esteve presente na pessoa dos senhores Bispos D. Jacinto Botelho, D. Manuel Pelino e D. António Marto, não conseguindo estar apenas D. José Alves.

Orientou todo o trabalho do Encontro o P. José Cardoso de Almeida, coordenador do Departamento de Catequese, no Secretariado Nacional (cujo Director é actualmente Monsenhor Augusto Cabral).

O Encontro começou com o “acolhimento” e apresentação dos participantes no Seminário de Beja.

29 de Março - terça feira pelas 17.00 horas: Acolhimento

Num primeiro momento, foi bem visível o convívio alegre entre todos os participantes, à medida que iam chegando, pois a maioria já se encontra há vários anos. O Acolhimento pela Equipa de Beja foi de facto muito afectuoso.

Após o Jantar, seguiu-se a apresentação de todos e cada um dos participantes, num ambiente de alegria e boa disposição, animado pelo grupo de Beja com a apresentação do Programa do Encontro.

30 de Março - Quarta feira, da parte da manhã

Deliciou-nos a exposição do Senhor D. António Marto sobre a Eucaristia - Beleza de Deus - começando por uma abordagem do porquê da deserção dos nossos cristãos da Eucaristia Dominical, apontou alguns aspectos que porventura colaboram nessa deserção, como sejam por exemplo o materialismo reinante, o comodismo, e sobretudo, a consideração da Eucaristia como uma mera oração ou devoção...

a) “A Eucaristia não é uma coisa, é Alguém, uma Pessoa viva, o Senhor Ressuscitado, que quer celebrar com o seu Povo o mistério da Sua presença real, do seu amor oferecido.

É necessária uma Nova Evangelização da Eucaristia, que há que descobrir como um Mistério de Beleza e de Encanto”.

b) A Eucaristia faz a Igreja, como mistério de comunhão. Ela é fonte da Missão da Igreja e escola de amor ao próximo.

A Eucaristia tem a chave de ouro da Beleza de Deus. A Beleza salvará o mundo! Quem acredita em Deus descobre a beleza do amor! Beleza do amor que partilha amor!

A beleza do amor crucificado... nada há mais belo do que a Beleza e o esplendor de Deus no Rosto de Cristo “.

Na parte da tarde – Falou-nos D. Manuel Pelino com a temática: A Eucaristia na Iniciação Cristã.

Falou-nos :

- * da Eucaristia como o grande indicador da Evangelização;
- * Do Itinerário da Iniciação Cristã;
- * De “Como iniciar na Eucaristia”;
- * Da atenção a dar à “primeira comunhão”, do sentido do Mistério, da atitude de oração...

No último tempo da tarde – Coordenaram os trabalhos sobre os Catecismos da Adolescência o sr. D. Jacinto e o P. Manuel Queirós.

Foram apreciadas as Catequeses do 8º e 10º anos. Quase todos os Secretariados partilharam as suas apreciações apontando os aspectos positivos e os que têm de ser remodelados em ordem à renovação dos Catecismos.

Noite Musical em Beja – Após o Jantar, o Grupo Musical do sr. P. Cartajeno encantou-nos a todos com a beleza do canto alentejano.

31 de Março - da parte da manhã

O *Padre Francisco Hipólito Couto*, desenvolveu o tema: “Educar para a Celebração”.

Começou por falar de questões e inquietações... na situação presente.

E, lançou a questão: ***Qual o papel da Comunidade Cristã?***

Ao falar da Catequese e Catequistas, sublinhou que a tónica tem de ser posta primeiro na comunidade, depois no Catequista e só depois nos catecismos.

Assim, é preciso ter em conta:

- * Necessidade da redescoberta da dimensão comunitária da Fé;
- * Renovação da identidade familiar;
- * Criar caminhos de espiritualidade missionária e eclesial;
- * Fazer de cada catequizando uma nova revelação de Deus.

Da parte da Tarde – Partilha e Plenário dos Catecismos da Infância. Coordenaram os trabalhos D. António Marto e P. José Cardoso.

EUCARISTIA – na Sé Catedral de Beja – presidida por D. António Vitalino.

Jantar Regional em Vidigueira, em ambiente muito acolhedor e de convívio alegre entre todos. O Grupo de Cantares foi, para muitos, novidade e descoberta de um povo com uma cultura própria e muito rica.

1 de Abril – Sexta feira – Encerramento do Encontro

A Eucaristia no Seminário de Beja foi presidida por D. Manuel Pelino, Bispo de Santarém, no 6º ano de presidência da Comissão da Educação Cristã.

Passeio cultural, almoço e convívio, durante toda a manhã, em Serpa.

Despedida e regresso, tendo alguns grupos passado pela barragem do Alqueva. Isto não sem antes termos expressado a nossa gratidão pelo exímio trato com que fomos presenteados pelas comunidades do Baixo Alentejo, não esquecendo a equipa do secretariado, os responsáveis do Seminário, o sr. P.Cartageno, as Câmaras Municipais (especialmente de Serpa e Vidigueira) e naturalmente o sr. D.António Vitalino. Até ao próximo ano, em Braga, se Deus quiser.

XX Encontro Europeu de Catecumenado

MARIA HELENA PEREIRA

O EUROCAT 2005 aconteceu de 4-8 de Maio na localidade de Vadstena, situada à beira do maior lago da Suécia. Aí se encontra o túmulo de S. Brígida, que João Paulo II visitou quando a declarou copadroeira da Europa.

Lugar de peregrinação, em que o silêncio, a luminosidade e o verde da natureza convidam ao encontro com Deus e com os outros acolheu a 20ª Assembleia, que se realiza de dois em dois anos (tendo sido em 88 em Lisboa), com os representantes de vinte países que em conjunto aprofundaram o processo de catecumenado actual.

A equipa ecuménica que preparou o encontro e nos recebeu (constituída por Católicos, Luteranos e Anglicanos) marcou, pela sua unidade e presença, todos os momentos do encontro.

A partir de uma das grandes redescobertas da espiritualidade luterana, o tema: *Peregrinação* foi apresentado em várias conferências centradas, sobretudo na vida cristã como peregrinação, a salvação na carta aos Hebreus, a dimensão escatológica da peregrinação e a peregrinação em alguns místicos:

- “Iniciação cristã, ontem e hoje” por Anders Ekenberg (Prof N.T. Uppsala).
- “Peregrinos no século XXI” por Martin Lind (bispo de Linkoping).
- “Peregrinos em marcha para a eternidade” por Anders Arborelius (bispo católico de Estocolmo).
- Pontos de reflexão a partir do livro “Viagem para o interior” de Dag Hammarskjöld, por Karl Hammar (bispo luterano).

Além desta reflexão mais teórica, foi-nos dada a possibilidade de fazermos uma caminhada, que teve início no mosteiro do Sagrado Coração de Jesus, após um momento de oração com as irmãs beneditinas e da reflexão, já mencionada, do bispo Anders Arborelius.

Para a caminhada, orientada a partir de um itinerário espiritual, criado por um antigo bispo luterano (materializado em 18 contas ou pérolas), fomos desafiados a subir a montanha em silêncio, com paragens em que se aprofundava o significado de cada pérola: Deus, o amor, o silêncio, a escuridão, o deserto, a serenidade, a morte e a ressurreição (por exemplo). Este momento foi vivido com densidade espiritual, harmonia e simplicidade, levando-nos a experimentar a vida vivida em peregrinação.

Nos trabalhos de pequenos grupos, salientou-se ser este itinerário um bom meio, não só de fazer o primeiro anúncio, mas de entender o catecumenado como peregrinação (reflexão partilhada pela representação portuguesa).

Esta ideia poderá ser facilmente adaptada nas nossas realidades, aproveitando exactamente a sensibilidade ecológica dos “peregrinos” de hoje.

ECUMENISMO: A própria organização conjunta das Igrejas Luterana e Católica dava já o mote para estes dias de perfeita harmonia. A unidade espelhava-se no brilho de cada rosto, cujo símbolo era precisamente o bispo Martin Lind, de Linkoping, que, além de ter presidido a algumas celebrações e feito uma comunicação, esteve durante o encontro como participante. A falta da unidade total notava-se mais no momento da comunhão eucarística, ainda assim minimizada por uma bênção individual para cada irmão de distinta confissão que se aproximava com o braço no peito. Nas reflexões, por grupos linguísticos (a língua comum era apenas o inglês), comentávamos como temos de continuar a rezar sem desfalecer pela total unidade e como temos de ter paciência, na expectativa da “hora do Espírito”.

Como principal conclusão, reafirmámos esta grande convicção de que o catecumenado é, de facto, uma grande possibilidade, cada vez mais assumida pelas nossas comunidades. Possibilidade para o ecumenismo, oportunidade de renovação da comunidade, caminho de verdadeira iniciação cristã, isto é, de entrada e aprofundamento da relação com Jesus Cristo, em Igreja. A redescoberta do catecumenado como processo e modelo inspirador apresenta-se como uma palavra, ente outras, que o Espírito diz hoje às Igrejas.”

Seminário de Catequética

MARIA CONCEIÇÃO LOUREIRO DOS SANTOS (*)

No dia 6 de Maio, pelas dez horas, decorreu em Fátima, no Seminário do Verbo Divino, a **terceira sessão dos Seminários de Catequética**. Estes seminários são encontros de formação, promovidos pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC), destinados a pessoas com responsabilidade pastoral no campo da catequese. Este encontro, no qual participaram nove elementos provenientes das dioceses de Portalegre/Castelo Branco, Porto, Setúbal e Vila Real, assim como o P. Rui Alberto, Responsável pelas Edições Salesianas e a Irmã Raúla Margarida, do Centro Catequético, foi presidido pelo Monsenhor Augusto Cabral, Director do SNEC.

Este seminário foi subordinado ao tema: “Mensagem e Conteúdos em Catequese”, orientado pelo P. Manuel Queirós, responsável do Secretariado de Educação Cristã de Vila Real.

Depois de uma breve contextualização e leitura da realidade actual e suas implicações na transmissão da Mensagem, a reflexão partiu da Constituição dogmática do Concílio Vaticano II «Dei Verbum» que distingue dois aspectos na Revelação: Deus quer revelar-se a si mesmo e, simultaneamente, dar a conhecer o seu plano salvador pelo qual se realiza a comunhão com Ele. Do mesmo modo, a resposta humana à Revelação divina faz-se pela fé também com dupla dimensão: entrega confiante a Deus (*fides qua creditu*) e, simultaneamente, assentimento ao conteúdo desse plano salvador (*fides quae creditur*). Nas palavras de Santo Agostinho – «intellige ut credes, crede ut intelligas» – a catequese articula, no mesmo acto e de forma orgânica, a descoberta e o aprofundamento do dado da Revelação com a maturidade e o crescimento da fé.

* Da Equipa do Secretariado Diocesano da Catequese de Vila Real.

Com este pano de fundo, foi abordada a questão da Fonte e das fontes da catequese para se concluir que, no centro da catequese, não está uma doutrina mas sim a pessoa de Jesus Cristo: a catequese deve anunciar os mistérios essenciais do cristianismo de tal modo que promova a experiência trinitária da vida em Cristo como centro da vida da fé.

Existe assim uma iniciação ao conhecimento da fé que deve educar as diversas dimensões da pessoa: inteligência, memória, vontade, sentimentos, afectos, atitudes... Trata-se dum conhecimento com a vertente doutrinal, sistemática, mas é um conhecimento de tipo sapiencial, que aprende a arte de viver guiado pela Palavra de Deus, na comunhão eclesial.

Durante a reflexão, foi proposto que a renovação da nossa catequese terá que passar por um verdadeiro desenvolvimento e aplicação de uma pedagogia do silêncio, do simbólico, da oração e da leitura sapiencial e orante (*lectio divina*) dos textos bíblicos e dos documentos da fé, de forma a despertar atitudes novas que expressem a conversão amorosa a Jesus Cristo.

De seguida passou-se à partilha centrando-nos agora nos documentos que foram enviados para preparação deste seminário e no D.G.C. (cf. Bibliografia).

O P. Rui Alberto referiu que hoje vivemos num tempo em que se verifica uma fractura no conceito de cultura, pelo que se torna essencial, para nós catequistas, compreendermos a que se deve esta fractura. Há quem defenda que a Igreja deve criar uma contra cultura que se oponha à cultura vigente. Mas esta não é a perspectiva do Concílio Vaticano II que vai muito mais na linha do diálogo com o mundo. Isto tem implicações profundas quer no modo de pensarmos quer no modo de vivermos. No mesmo sentido, manifestou-se o P. João Ribeiro realçando que se fala na inculturação da fé *ad extra* e que ainda não conseguimos falar na inculturação *ad intra*, deixando deste modo que o mundo se afaste cada vez mais da Igreja dos nossos tempos. É, portanto urgente que nos debrucemos verdadeiramente sobre as causas que levaram a que o mundo se afastasse de nós. Será porque a nossa catequese não consegue atingir plenamente os seus objectivos? Será que estão em risco as nossas comunidades porque

não percorremos o caminho completo, não conseguindo formar verdadeiros cristãos?

Mas o que se entende por um verdadeiro cristão? Se continuarmos a fazer só catequese de infância e de adolescência corremos o risco de não termos cristãos empenhados e inseridos na comunidade e de os pais não se implicarem na catequese. O que fazer? Não será tempo de promover a catequese de adultos, começando por motivar os pais para aprofundarem a sua fé ao mesmo tempo que os seus filhos iniciam a sua caminhada?

As soluções apresentadas trazem implicações que levam a uma grande mudança nas nossas comunidades. Esta mudança só será possível com o empenhamento da comunidade e, em especial, dos catequistas. Mais uma vez, chegamos à conclusão que é essencial apostar na formação de catequistas. Sem bons catequistas, qualquer renovação da catequese está morta à partida. Portanto, será necessário definir a nível nacional quais as competências que têm que desenvolver os catequistas de infância, os catequistas de adolescência, os catequistas de jovens e de adultos.

Esta última conclusão levantou muitas outras questões que foram abordadas também pelos participantes neste seminário, pelo que partimos com a alma cheia de interrogações. Por exemplo, como motivar os nossos catequistas para entrarem na aventura da renovação?

Bibliografia

- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO – *Directório Geral da Catequese*. Lisboa, SNEC, 1998.
- SOTOMAYOR, Emílio Alberich – *Catequesis Evangelizadora*. Manual de catequética fundamental.
- CAÑIZARES, António e CAMPO, Manuel – *Evangelización, Catequesis, Catequistas*. Una nueva etapa la iglesia del tercer milénio.
- GOICOECHEA, Pedro Jurío – *Iniciación al conocimiento de la fe*. NUEVO DICCIONARIO DE CATEQUÉTICA– vol I. Dir por V. M^a Pedrosa et al. Madrid: S. Pablo, 1999, p. 532–542.
- FOSSION, André – *les articulations fondamentales de la foi*, <http://www.lumenonline.net/>

